

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

RODRIGO DA SILVA RODRIGUES

NATUREZA E SENSIBILIDADE, em FEUERBACH: *delineamentos de uma antropologia
integral*

MESTRADO EM FILOSOFIA

SÃO PAULO -SP

2018

Rodrigo da Silva Rodrigues

NATUREZA E SENSIBILIDADE, em FEUERBACH: *delineamentos de uma antropologia
integral*

MESTRADO EM FILOSOFIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
MESTRE em Filosofia, sob a orientação do Prof.
Dr. Antonio José Romera Valverde.

SÃO PAULO

2018

Banca Examinadora

Dedico à

Ana Clara Ribeiro Rodrigues

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 1443241/2016, assim financiando este trabalho de 09/2016 a 09/2018.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Antonio José Romera Valverde, meu querido orientador, pela confiança, acolhimento, paciência, carinho e generosidade.

Ao professor Dr. Eduardo Ferreira Chagas, minha gratidão pela disposição e generosidade em contribuir com minha pesquisa por meio de suas orientações desde a qualificação para o pleno desenvolvimento desta dissertação.

Ao professor Marcelo Perine, que pacientemente e com muita competência, tornou possível o aprimoramento desta dissertação.

Aos professores do curso de pós-graduação, pelas aulas preciosas ao longo do Mestrado.

Aos colegas do Grupo de Estudos de Filosofia Política Contemporânea pelos conselhos, incentivo, companheirismo e amizade, os quais, sem sombra de dúvidas, contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao professor Nelso Stepanha.

À professora Denise Maria Ferreira pela sua generosidade, disposição e competência em auxiliar-me nas fases mais duras de desenvolvimento desta dissertação.

À minha família, em particular, à minha filha, à minha esposa Thaís e ao meu pai, pessoas que fazem a diferença na minha existência.

Meus sinceros agradecimentos à Capes pelo incentivo à pesquisa e ao desenvolvimento desta dissertação.

NOTA SOBRE TRADUÇÕES

Traduções - adotamos as traduções de Adriana Veríssimo Serrão para *Filosofia da Sensibilidade. Escritos (1839-1846)*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. As traduções de José da Silva Brandão para *A Essência do Cristianismo* Vozes, Petrópolis: RJ. *Preleções sobre a Essência da Religião*. Vozes, Petrópolis: RJ e *Preleções sobre a Essência da Religião*. Papirus, Campinas: São Paulo e a tradução de Artur Morão para a obra *Princípios da Filosofia do Futuro*. Lisboa: Edições 70.

"Eles ergueram a torre de Babel
para escalar o céu.
Mas Deus não estava lá!
Estava ali mesmo, entre eles,
ajudando a construir a torre."

Mário Quintana

RESUMO

A dissertação visa esclarecer a concepção de natureza e de sensibilidade em Feuerbach como elementos fundamentais para uma filosofia antropológica, considerando o homem em sua integralidade, constituído de *cabeça* e *coração*, destacando sua capacidade de raciocinar, desejar e sentir. Suas principais críticas recaem sobre a religião e ao sistema idealista de Hegel. Em contraponto, o Autor alemão enaltece a natureza e a sensibilidade como aspectos relevantes para pensar um novo homem e uma nova filosofia. Ao criticar a religião como representação da essência humana, Feuerbach não quer negar Deus, mas afirmar o homem na sua integralidade. Para isso, natureza e sensibilidade passam a ser elementos fundadores não só de uma nova filosofia, mas de uma nova maneira de ver o mundo e a si mesmo, promovendo um resgate do corpo próprio e da essência humana. O Filósofo também traz à luz um novo conceito de individualidade que não se realiza em si mesmo, mas na coexistência com o outro e com o mundo, passando a humanizar as relações e o pensar em reconciliação com a vida. Ao evidenciar a sensibilidade, o corpo e a natureza, Feuerbach acaba por estabelecer um materialismo antropológico. Dessa forma, o Autor apresenta, de forma inaugural, uma filosofia crítica à medida que busca problematizar e criticar o idealismo alemão que concebia um pensamento descolado da existência e que pensava a si mesmo. Sua desconstrução religiosa e a sua crítica a um modo de pensar abstrato passam a ser afirmações da vida, humanizando as ações que agora se voltam e centralizam-se na existência.

Palavras-chave: natureza; sensibilidade; antropologia; Feuerbach.

ABSTRACT

The dissertation aims to clarify Feuerbach's conception of nature and sensibility, as fundamental elements for an anthropological philosophy, considering man in its entirety constituted of head and heart, highlighting his capacity of thinking, wishing and feeling. His major criticisms refer to Hegel's religion and idealistic system, as a counterpoint, the German author praises the nature and the sensibility as relevant aspects to think about a new man and a new philosophy. Criticizing religion as a representation of human essence, Feuerbach does not want to deny God, but to state man in his completeness. But to do so, nature and sensibility become foundational elements not only of a new philosophy, but of a new way to see the world and himself, promoting a rescue of his own body and of the human essence. The philosopher also highlights a new concept of individuality that does not carry out itself, but in the coexistence with the other and the world, starting to humanize relationships and think about reconciliation of life. By showing the sensibility, the body and the nature. Feuerbach ends up establishing an anthropological materialism. Therefore, the author presents it in an inaugural way, a critical philosophy as far as he seeks to problematize and criticize German idealism that conceived a displaced existence thought that he thinks about himself. His religious deconstruction and his abstract critical way of thinking have become affirmations of life, humanizing the actions that nowadays are aimed and centered in the existence.

Key words: nature; sensibility; anthropology; Feuerbach.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	19
1.MATRIZES FILOSÓFICAS DE LUDWIG ANDREAS FEUERBACH	19
1.1 O idealismo e o <i>Geist</i> filosófico alemão do século XIX.....	19
1.2 A filosofia de Feuerbach em oposição ao sistema de Hegel.....	23
1.3 Feuerbach, um revolucionário?.....	25
CAPÍTULO II	29
2.NATUREZA, FUNDAMENTO ESSENCIAL DA INTEGRALIDADE HUMANA.	29
2.1 A razão como delineamento e elo entre o homem e a natureza.....	29
2.2 A natureza e o materialismo de Feuerbach.....	36
2.3 As bases sólidas da natureza e os sentimentos como fundamento das religiões.....	38
2.4 As influências da filosofia de Baruch Espinosa para a concepção de natureza em Feuerbach.....	51
2.5 A natureza e a crítica de Feuerbach à concepção teísta e idealista.....	55
2.6 A soberania da natureza revelada pela sua autonomia.....	57
2.7 Natureza, fundamento sólido para o pensamento.....	60
2.8 A intolerância cristã à natureza e a consciência de gênero disfarçada.....	63
2.9 As bases naturais e materiais para o pleno exercício da liberdade humana.....	72
CAPÍTULO III	77
3. NATUREZA E SENSIBILIDADE, ELEMENTOS FUNDADORES DE UMA ANTROPOLOGIA INTEGRAL	77
3.1 Homem e sensibilidade: aspectos fundamentais da filosofia feuerbachiana.....	77
3.2 Sensibilidade e Liberdade: um contrassenso em relação à tradição.....	80
3.3 A conquista do corpo próprio como fonte e realização do ser.....	86
3.4 Sensualismo e o uso da linguagem, uma visão altruísta.....	87

3.5 Coração e a relação de amor desinteressada, fundamentos do gênero.....	90
3.6 Eu e não-eu: Aspectos de uma interioridade não revelada que fundamentam a vontade e a religião.....	92
3.7 Autoalienação religiosa e o materialismo sensualista de Feuerbach.....	96
CAPÍTULO IV	100
4. FILOSOFIA DO FUTURO: A EXALTAÇÃO DA SENSIBILIDADE.....	100
4.1 Os princípios da nova filosofia em Feuerbach: Carta a Karl Riedel.....	100
4.2 A valorização humana pela sensibilidade e a construção do conhecimento.....	105
4.3 A indeterminação natural, um contrassenso da filosofia de Hegel.....	107
4.4 A negação como necessidade de afirmação: Teses para reforma da filosofia.....	110
4.5 Determinismo e matéria, uma visão renovada para a filosofia do futuro.....	116
4.6 A Totalidade do Ser como fundamento da Nova Filosofia.....	122
4.7 Uma nova filosofia para um novo homem: Necessidade de transformação.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
BIBLIOGRAFIA.....	138

INTRODUÇÃO

Esta dissertação visa explorar os conceitos de natureza e sensibilidade de Feuerbach, conceitos estes que irão compor a integralidade do homem, enfatizando a natureza, a vida, as relações e afecções. Dessa maneira, Feuerbach faz um apelo para que o homem tenha uma vivência harmoniosa com o mundo natural, estabelecendo uma relação de reciprocidade.

Enquanto a maior parte da tradição filosófica concebe a razão como particular, o Autor buscará inverter essa concepção demonstrando que a razão é universal e o que nos individualizará é a sensibilidade. Ao colocar a sensibilidade no centro de sua pesquisa, Feuerbach parte do reconhecimento da finitude humana e sua transitoriedade como fundamento da existência que não se encontra mais no além, e sim, na própria natureza. Ao evidenciar a natureza e sua imediatez como fundamento, o Filósofo acaba por rejeitar todo conhecimento e vontade, construídos de forma transcendental, ilimitada, indiferente e abstraída das determinações que são resultados de uma pretensa liberdade humana, independente dos limites da natureza. O sujeito feuerbachiano sempre será o homem e a ideia sempre será o predicado. É na matéria que encontramos estímulo para o pensar, e conseqüentemente, para o desenvolvimento da consciência. É pela natureza e sensibilidade, no reconhecimento e na clara percepção do outro, que Feuerbach se opõe ao cristianismo e ao idealismo de um homem que se concentra em si mesmo para possibilitar a construção humana em uma relação de troca com o outro e com o mundo. Enquanto no cristianismo o homem dispensa a natureza para projetar um Deus livre das determinações, no idealismo sua oposição recai sobre a absolutização da razão, ou seja, Deus e razão, para o Filósofo, são ausentes de necessidades e materialidade. Mas é justamente no contato com o mundo que vamos nos conscientizar de que a vida depende de bases naturais e que a consciência humana necessita ser desenvolvida sensivelmente.

Sensibilidade e natureza estão no centro da crítica feuerbachiana ao cristianismo e ao idealismo. Em compensação, apresenta o homem como possuidor de um pensamento em harmonia com os sentidos e com a comunidade. A sensibilidade possibilita o reconhecimento do outro e relaciona a teoria com a prática. Dessa forma,

Feuerbach constitui o homem integral, no qual os sentidos e a razão estão em harmonia para estruturar um pensamento que sente avesso a um pensar puro.

Iniciaremos com uma breve introdução sobre o idealismo, suas motivações e influências que buscavam preservar os ideais de uma sociedade individualista. Analisaremos, brevemente, o sistema abstrato de Hegel, sua ênfase a um pensamento que representa a realidade que reconcilia os opostos por meio da abstração do pensamento e capacita a razão para transformar a realidade até que ela esteja em conformidade com o conceito. Discorreremos ainda sobre a importância do movimento romântico para novas reavaliações do homem a fim de contextualizar o pensamento feuerbachiano e o desenvolvimento de sua consciência, uma vez que diante da consciência desenvolvida, o ser humano passa a diferenciar-se dos outros animais e projetar sua própria essência por meio da razão, vontade e sentimento.

Para Feuerbach, a integralidade do homem se opunha ao idealismo que desvalorizava o corpo e afirmava um autoisolamento longe da experiência comunitária. Contudo, para o Autor, a relação na comunidade passa ser condição, *sine qua non*, para o desvelamento da verdadeira essência humana, que requer a presença do outro, como puro ato de amor para algo muito maior, constituído como humanidade em que o pleno reconhecimento de si acontece pelo outro. Feuerbach, por meio de sua crítica ao sistema hegeliano, elabora uma nova linha de pensamento que recebe o nome de materialismo humanista, e, que segundo o Filósofo, era resultado de uma dialética verdadeira que não se concentrava em um monólogo solipsista, mas em um constante diálogo vivificante entre *eu* e *tu*, que buscava a realização das necessidades humanas para a obtenção da plena felicidade, vivenciada e realizada na própria realidade e na descoberta de um homem natural, humano, capaz de descobrir sua totalidade na natureza.

No segundo capítulo, apresentaremos a ênfase dada por Feuerbach à natureza como a primeira estrutura da existência humana e que fornecerá as condições estruturais do pensamento que é afetado pela diversidade e que comporá o fundamento da vida.

Neste capítulo utilizaremos duas obras feuerbachianas, *Essência do cristianismo* e *Preleções sobre a essência da religião* como suportes para entendermos que o homem surge da natureza e dela é sua existência dependente. Nas obras referidas, Feuerbach não conceitua especificamente a natureza, talvez por sua imagem ainda estar presa ao idealismo alemão, e, também, muito provavelmente, porque tanto cristianismo como idealismo não tratam a natureza como objeto expressivo de suas teorias. Utilizaremos

estudiosos especialistas do pensamento do Filósofo que trabalham e estudam estes conceitos trazidos pelo pensador alemão. Dentre eles, podemos destacar *Eduardo Ferreira Chagas*¹, assíduo pesquisador do pensamento de Feuerbach e que torna relevante temas relacionados à natureza, pois ao enaltecê-la, como fundamento humano, Feuerbach distancia-se do pensamento abstrato que desconsidera as bases naturais ou qualquer determinação. A vontade humana, de acordo com o pensador, está condicionada ao tempo, ao espaço e à natureza, não apenas limitando-a, mas também potencializando e assegurando a possibilidade de realização humana de suas necessidades; de uma natureza que não é tratada apenas como meio e objeto de exploração para subsistência humana, pelo contrário, ela é sensibilidade, vivacidade, vitalidade, afirmação da singularidade e objetividade que não existe apenas idealmente no entendimento, mas que também busca afirmações sensivelmente.

Ainda no segundo capítulo, Feuerbach, na obra *Preleções sobre a essência da religião*, expõe que a concepção religiosa das crenças pagãs nasce da objetividade natural e o cristianismo fundamenta-se na subjetividade humana. Em ambos os casos, descreveremos os fundamentos que irão compor a estrutura religiosa e o que leva o ser humano a este processo de transcendência que se desenvolverá na própria consciência pela condição da essência humana projetada e reconhecida em um ser fora de si. Assim sendo, já estabelecida a religião, Feuerbach notará que na relação de sujeito e objeto é possível verificar todos os anseios humanos e onde os segredos humanos são revelados, mas é na razão que o homem vai desenvolver a necessidade religiosa, uma vez que para dar sentido a sua existência, ao deparar-se com determinado fato, no qual a razão não consegue responder, ele acaba elaborando o pensamento mítico, e com isso, no decorrer da história, foi moldando um Deus de acordo com suas necessidades, pelo sentimento de dependência e pela projeção de sua essência em um ser suprassensível. Na medida em que o homem não consegue explicar sua essência pela *natureza*, conclui-se que toda verdade metafísica, não é pensada e desejada porque de fato existe, mas o contrário, ela só existe porque é pensada e desejada, e isso acabou gerando uma cisão no homem por reconhecer a sua essência em um ser fora de si, aumentando sua capacidade de imaginar e fantasiar objetos da sua realidade. Ao revelar o desconhecimento para determinado fato, enaltecemos o objeto desconhecido, transformando em objeto fantástico, algo para se maravilhar, um fetiche, transformado em entidade divina.

¹ Doutor em Filosofia (Kassel, Alemanha). Professor do departamento e do programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará.

Inverter a filosofia especulativa é outro fator importante para adquirirmos novamente uma verdade que estava velada, pois tanto a alienação de pensamento (filosofia) quanto a de sentimento (religião), passam a ser alienações que separam o homem da sua essência. Ao recusar o modelo religioso e idealista de pensamento, Feuerbach estabelece seu materialismo, fixando aquilo que é concreto, buscando esse poder *divino* na própria existência, na própria natureza, estabelecendo uma humanização independente da religião, mas considerando a totalidade do ser, da vida. Ao estabelecer seu materialismo, Feuerbach oferecerá um novo sentido para a superação dos limites humanos e uma maior ênfase em suas virtudes, ao considerar os processos naturais e, conseqüentemente, a superação do desejo metafísico na busca de uma humanização, longe de imposições geradas por instituições metafísicas. A razão, para Feuerbach, é o que unirá todos os homens, uma vez que faz parte da essência absoluta e é comum a todos. É justamente pela razão que o homem sai de sua singularidade para entrar em contato com o outro. Já o pensamento idealista, não obedece às leis da determinidade e nem se volta para comunidade, restringi-se em si mesmo e torna-se abstrato e infinito. A unidade da razão possibilita que o homem saia de si mesmo em direção ao outro compreensivamente e com capacidade de articulação para processar pensamentos, o que possibilita a sua abertura, sendo que, não estará mais isolado e separado dos demais, mas aberto à franca comunicação, permitindo a atividade que constitui a causa e a finalidade do espírito e não o seu contrário.

A natureza não oferece apenas as condições reais da existência, ela também possibilita que a liberdade humana possa acontecer, pois não há liberdade sem necessidade e longe dos limites determinantes da natureza. Essa posição feuerbachiana se dá em contraposição aos filósofos especulativos e teólogos que defendiam uma vontade livre e autônoma; livre dos desígnios naturais e de forma *apriorística*. Para Feuerbach, uma decisão só será livre se suas necessidades forem respeitadas, uma vez que uma vontade arrancada da natureza, não corresponde a uma vontade real, mas apenas a um desejo fantástico, inebriado pela imaginação. Vontade e liberdade estão ligadas às possibilidades e suas raízes encontram-se na materialidade, na história.

No terceiro e quarto capítulo, faremos referências aos escritos, entre 1839-1846, conhecidos como a fase madura de Feuerbach. Nestes capítulos, as obras citadas no capítulo anterior continuarão sendo referenciadas e trabalharemos com a tese de

doutorado de *Adriana Veríssimo Serrão*², intitulada: *A Humanidade da Razão: Ludwig Feuerbach e o projeto de uma antropologia integral* e com a tradução, realizada por ela, acerca dos escritos feuerbachianos que fazem referência à sensibilidade e que recebeu o nome de *Filosofia da Sensibilidade: Escritos de (1839-1846)*. Esses escritos estabelecem uma filosofia da sensibilidade e um novo conceito de individualidade que não se realiza em si mesmo, mas na coexistência com o outro e com o mundo. A sensibilidade, inserida e revelada por meio da natureza, faz com que o homem reconheça suas fragilidades e também suas potencialidades por meio da materialidade na qual está inserido. O que Feuerbach realmente quer efetivar é a destituição do além para que o homem possa se voltar somente para o aquém, livre de determinações criadas pela sua própria essência ou por um modelo de pensamento especulativo para fundar um novo homem e um novo conceito de antropologia. O Autor coloca o homem no centro de sua investigação, capaz de substituir o amor de Deus pelo amor dos homens, o que promove um resgate dos valores humanos e naturais, conseqüentemente, elabora sua crítica ao idealismo e teísmo que se resume em um conhecimento estritamente teórico. Agora, o homem é analisado integralmente, constituído de cabeça e coração, pensamento e sentimento, inserido em uma realidade que lhe cabe, oposto a um modo de pensar que colocava o pensamento como sujeito e o ser como predicado. O homem integral feuerbachiano tem natureza ativa e passiva, afeta e é afetado. A construção de seu pensamento e consciência acontece juntamente com os seus sentidos que se darão na troca e na relação com o mundo e com outros seres. A integralidade humana responde fielmente a sua essência constituída de coração, vontade e razão, pois as determinações da vida não implicam somente na maneira como sentimos, mas também como pensamos, visto que as coisas não existem somente pelo fato de serem pensadas e sentidas, mas somente porque existem é que podem ser pensadas e sentidas. "No pensar, sou sujeito absoluto, tudo vale apenas enquanto objeto ou predicado de mim, daquele que pensa, sou intolerante; na atividade dos sentidos, pelo contrário, sou liberal, permito que o objeto seja o que eu próprio sou - sujeito, ser real (FEUERBACH, 2005e, p.129)." Para o Filósofo, a felicidade acontece imersa no real e por meio da prática vivificante do amor entre *eu* e *tu*. Não há dualidade no pensamento feuerbachiano, tudo faz parte de

² Doutora em Filosofia. Professora auxiliar de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Presidente do Conselho Científico da Sociedade Feuerbach.

um corpo único e indiviso. Sua essência não está separada da matéria e sua intenção é libertar o homem de uma visão idealista do mundo.

Por fim, no último capítulo, trataremos da sensibilidade como possibilidade de construção de uma nova filosofia. Feuerbach colocará no lugar do ser ideal, produzido pelo entendimento religioso ou pelo pensamento especulativo, o ser real, possuidor de seu sentir e do reconhecimento do outro, sendo ao mesmo tempo determinado e determinante. Sua preocupação é a de se opor a qualquer corrente antinatural. Vida e pensamento estão conciliados com o mundo; de um ser que não deseja ser além do que é. Com isso, Ludwig Feuerbach indica uma filosofia do futuro que não exclui o contraditório, mas encontra harmonia nas diferenças e contradições, instituindo uma filosofia da sensibilidade que pensa e de um pensamento que sente, considerando não apenas os seres como pensantes, mas também como existentes; objetos de si mesmos e com capacidade sensitiva, intuitiva e amorosa. Logo, a nova filosofia fundamenta-se na essência da sensação elevada à consciência, passando a afirmar pela razão o que cada homem reconheceu em seu coração.

MATRIZES FILOSÓFICAS DE LUDWIG ANDREAS FEUERBACH

1.1 O idealismo e o *Geist* filosófico alemão do século XIX

Neste Primeiro Capítulo, faremos referência às bases históricas por meio das quais se originaram os pensamentos de Feuerbach. Tais referências se fazem necessárias devido à importância de sua oposição ao idealismo alemão que constituiu uma nova maneira de ver o homem a qual não se considera apenas o pensamento, mas a vida em uma relação franca e espontânea com a natureza, mediada pela sensibilidade humana.

Considerando-se que o homem sofre influência da organização social, cultural, política, religiosa, filosófica e econômica, o que, de forma direta e indireta, influenciará em suas ações e produções, torna-se importante ressaltá-las, bem como considerar o que motivou o pensamento feuerbachiano; suas convicções, dificuldades e pretensões, e qual seria o momento histórico do espírito, *Geist*, filosófico da Alemanha do século XIX, e as fundamentações idealísticas e suas situações ou fatos marcantes que influenciaram a produção intelectual de Feuerbach.

Por isso, quem não conhecer as bases históricas e as fontes da minha obra, a estes faltam o ponto de coerência dos meus pensamentos; não seria de se admirar se muitas das minhas afirmações lhe parecerem frequentemente tiradas do ar, mesmo que baseando-se elas em solo tão firme. (FEUERBACH, 2007, p. 35)

Feuerbach é filho do idealismo alemão e tinha como propósito defender-se dos ataques impostos pela filosofia empirista inglesa. Entretanto, essa defesa não se resumia somente em diferenciar duas correntes de pensamentos distintas. Seu principal propósito estava em estabelecer critérios de uso racional, por meio de conceitos cognitivos com validade universal que poderiam ser utilizados em favor do conhecimento do mundo, capacitando e reconhecendo o domínio racional da natureza e sociedade. "O domínio racional da natureza e da sociedade pressupunha o conhecimento da verdade, e a verdade era universal, em contraste com a aparência diversificada das coisas ou com sua forma imediata na percepção individual (MARCUSE, 1978, p. 29)". Tal propósito idealista encontrava suas bases conceituais na epistemologia grega que estabelecia como

princípio que a verdade deve ser universal, conseqüentemente, livre da experiência habitual da mudança e acidente. Tal defesa e apoio na filosofia grega devem-se ao argumento de que ao desconsiderar o universal, o que prevalece na história são os interesses individuais.

O contraste entre o universal e o individual assumiu uma forma exarcebada quando, na era moderna, cresceu o clamor de liberdade geral e sustentou-se que uma ordem social apropriada só se poderia efetivar pelo conhecimento e a atividade de indivíduos emancipados. (MARCUSE, 1978, p. 29)

A liberdade e a igualdade nas quais os homens haviam se apropriado não poderiam estar associadas ao seu conhecimento que visava atender a seus interesses, pelo contrário, ao submeterem-se aos seus interesses particulares, os homens aumentariam a injustiça, dependência, culminando em crises recorrentes.

Poderia, no entanto, a estrutura do raciocínio individual (a subjetividade) produzir leis e conceitos gerais que pudessem constituir os padrões universais da racionalidade? Seria possível construir-se uma ordem racional universal, fundada na autonomia do indivíduo? (MARCUSE, 1978, p. 29)

O idealismo alemão respondia assertivamente a estas questões e, dessa forma, protegia e preservava os ideais de uma sociedade individualista para que não cedessem às suas contrariedades. Enquanto os empiristas defendiam que a razão era desenvolvida em contato com a realidade e pertencia ao hábito, sem, contudo, ter domínio sobre ele, e, que a razão, que buscava princípios universais nada mais era que a abstração do particular, sendo exclusivamente particular. Para os idealistas, tal afirmação condenava o homem aos limites da prática, o que limitava a sua natureza ao costume, eliminando o desejo de superar-se e renunciando a razão como peculiaridade humana. Sendo assim,

[...] se o conhecimento por meio da razão (conhecimento por meio de conceitos não derivados da experiência) significa metafísica, então o ataque à metafísica é, ao mesmo tempo, um ataque às condições da liberdade humana, pois o direito que assiste à razão de dirigir a experiência constituía um dos aspectos daquelas condições. (MARCUSE, 1978, p. 32)

O argumento defendido por Hegel, diante do ataque empirista, recaiu sobre a necessidade de o homem reconstruir as partes fragmentadas do mundo sob o domínio da

razão, caso contrário, ele estaria fadado à decepção. Hegel estabelece a união sistemática da filosofia com a elaboração da análise histórica, na qual a liberdade humana está associada a uma vontade racional.

A verdade não tem a ver apenas com proposições e juízos, isto é, ela não é tão-somente um atributo do pensamento, mas é também um atributo da realidade em formação, algo é verdadeiro se é o que pode ser, se satisfaz todas suas possibilidades objetivas. Na linguagem de Hegel, o que é verdadeiro é, pois, idêntico ao seu "conceito". O conceito tem uma dupla função. Ele compreende a natureza ou a essência do objeto em questão, representando, pois, a apreensão verdadeira deste objeto pelo pensamento. Ao mesmo tempo o conceito se refere à realização efetiva daquela natureza ou essência, à sua existência concreta. (MARCUSE, 1978, p. 36)

Hegel não mistifica o pensamento e a realidade, mas defende que o pensamento é representante da realidade. O pensamento hegeliano enfatiza uma ordem lógica como movimento do real, conciliando os opostos por meio de sua abstração, capacitando a razão a transformar a realidade até que ela esteja em harmonia com o conceito. Essa fundamentação hegeliana assume o caráter de negativa, pois nega a verdade apreendida pela sensibilidade e o senso comum sem que haja a justificação feita pela razão. É justamente diante desse cenário que, no final do século XVIII e início do XIX, surgiu na Alemanha um movimento chamado *elemento romântico* que se opunha ao iluminismo, cuja finalidade e valor supremo eram a consagração da razão, e conferia a todos os outros elementos da cultura um *status* menor, fruto das derivações e supremacia da razão. "Desse modo, o direito, a moral, a arte, a religião, assim como a ciência, a filosofia, etc., deveriam ser explicados a partir de um princípio único, a razão (HAHN, 2003, p.31)." Em levante contra a dominação iluminista e o poder racional, surgiu o Romantismo que se caracterizava pela valorização do homem em sua totalidade e integralidade e estabelecia outros parâmetros de análise e avaliações, os quais consideravam os sentimentos, emoções, inconsciente, cultura popular e história. Esse movimento literário reavaliou o sentido das leis da vida. Frente à frieza racionalista de análise, por meio do Romantismo, a realidade passou a ser examinada a partir de uma união orgânica, na qual todos fazem parte do processo, eximindo a reflexão da história como meramente dedutível. Sob o Romantismo, a valorização do homem é constituída da sua união com o todo; vontade e razão perdem sua primazia e outros critérios passam a ser adotados para a sua constituição, como a fantasia romântica, sentimentos, valorização da arte e da poesia.

Toda previsibilidade e definição do sistema racional deu lugar, por meio do Romantismo, a inúmeras possibilidades de reavaliação do homem e possibilitou sua sede pelo ilimitado e a reformulação da religião, devolvendo sua primazia frente ao enfrentamento racionalista que a havia colocado em um estado de inferioridade. "Mormente, na maioria das vezes, o romântico entende a religião como relação do homem com o infinito e com o eterno (HAHN, 2003, p.32)." Muitos filósofos encabeçaram este novo modelo de pensamento, como Fichte, Schelling, Schleiermacher e outros. Porém, foi Schleiermacher que exerceu uma forte influência em Feuerbach com o princípio de que a religião é fundamentada pelo sentimento. Essa influência tornar-se-á referência teórico-prática para Feuerbach que o constituirá como um Filósofo humanista e antropólogo.

Ora, em suma, interessa observar que a compreensão feuerbachiana da natureza humana e natureza não humana, de humanismo, do povo, e, enfim, do homem e da religião, das suas ambições e dos seus sonhos futuros é herdeira do melhor espírito do classicismo e do romantismo alemão. (HAHN, 2003, p. 34)

Feuerbach surge neste contexto, onde a primazia da razão, trazida pelo idealismo alemão, opõe-se à integralidade do homem, estabelecendo uma quebra entre a cumplicidade e a identidade de cada indivíduo e sua diferença com o gênero humano, o que perpassa pela desvalorização do corpo e afirma um autoisolamento, longe da experiência comunitária. Contudo, em Feuerbach, a relação com o outro passa ser condição, *sine qua non*, para o desvelamento da verdadeira essência humana, que requer a presença do outro como puro ato de amor para algo muito maior, constituído como humanidade, em que o pleno reconhecimento de si acontece também pelo outro. Pois,

São estes mesmos cambiantes que pintam uma filosofia inteiramente dedicada ao ser humano, isto é, ao ser-se humano. É, mediante esta cumplicidade entre amor e existência, que Feuerbach nos abre as portas ao mundo que envolve e abraça o homem, sem nunca reduzir aquele a um antropocentrismo cego e totalitário que nada gera e que tudo destrói. (CORREIA; MOURA, 2001, p. 15)

Feuerbach parte da relação humana e do encantamento pela existência do livre e intenso exercício da sensibilidade, do corpo e sentimentos, que acontece imerso na

materialidade. "Este homem real e integral não deve ser apenas objeto do conhecimento da nova filosofia, deve funcionar como princípio do seu conhecimento, como seu sujeito (JAESCHKE, 2001, p. 66)." Toda reação feuerbachiana não acontece somente contra a tradição teológica, mas também contra toda filosofia clássica alemã que determinava o homem abstratamente e o colocava em posição hierárquica mais elevada; possuidor de uma realidade que o transcendia e antecedia de forma abstrata, pela ênfase do pensamento. O conceito de *integralidade*, defendido por Feuerbach, utiliza-se da sensibilidade, conceito até então desprezado pela modernidade e tradição, uma vez que a sensibilidade era aquilo que o homem partilhava com os animais e não era fundamento da representação da verdadeira essência humana.

1.2 A filosofia de Feuerbach em oposição ao sistema de Hegel

O embate realizado entre o empirismo inglês e o idealismo alemão possibilitou uma nova reavaliação do homem, trazida pelo movimento Romântico do qual Feuerbach herdará algumas de suas convicções o que influenciará em sua filosofia. Tanto o empirismo quanto o idealismo viam o homem de forma isolada. O primeiro, restrito apenas à experiência e ao hábito, enquanto o outro, livre das determinações naturais e com ênfase no pensamento. Feuerbach parte do homem real, concreto, sensível e com capacidade de pensamento. Seu olhar para o homem é integral; ele não o analisará apenas por uma perspectiva e de forma fragmentada. Determinidade e razão não constituem um paradoxo na filosofia de Feuerbach, mas são elementos fundadores de uma antropologia integral na qual não podem se dissociar. Enquanto Hegel acreditava que a sensibilidade era passível de levar-me ao engano, Feuerbach distanciava-se de grande parte da tradição e do pensamento de Hegel, afirmando que o erro não está na sensibilidade como algo que leva à ilusão ou impõe limites ao pensamento, mas é o meio pelo qual é captado o mundo externo e que possibilitaria a capacidade de pensamento. Segundo Chagas, não existe particularidade na filosofia de Hegel, mas o indeterminado; um ser puro e universal. Seu início é conceitual, conceito de um ser, de um ser abstrato. Para Hegel, o objeto da lógica é o real e o ser, em toda sua simplicidade, passa a ser o começo da sua lógica. O Autor não considera a determinidade, pois ela pressupõe diferença e mediações. O ser conceitual ou abstrato

está livre dessas diferenças, pois é igual a si mesmo. O ser hegeliano, por sua vez, afirma-se como unidade de toda determinidade, um positivo que nega toda determinação. "O ser é afirmação, mas uma afirmação que contém em si a negação de toda determinidade (CHAGAS, 2016, p. 52)." O devir passa a ser a unidade do ser com o nada, "o devir significa nem o ser e nem o nada, mas ele inclui em si ambos simultaneamente como um movimento, uma passagem (CHAGAS, 2016, p. 54)."

Para Feuerbach, o primeiro princípio da filosofia, ou melhor, os pressupostos e as premissas surgiram na materialidade, com os primeiros filósofos que recebiam o nome de filósofos da natureza. Não existia formalidade em sua essência, mas materialidade. Hegel estabelece começo e fim em si mesmo; de um sistema que não se apoia na sensibilidade ou contemplação sensível, estabelecendo a sensibilidade negativamente e voltando-se para um pensar que pensa a si mesmo e no qual o objeto da sua lógica pressupõe que o posterior, que nasce do anterior, por meio do desenvolvimento e realização, já está contido no anterior. A lógica hegeliana parte de si mesma; uma mediação com algo imanente a si; representação do início e do fim; desdobramento do espírito absoluto de um ser que se desdobra no nada; de um movimento de desaparecer em seu contrário, enaltecendo a absoluta identidade do pensar e, em contrapartida, oferece uma aporia irreconciliável entre o ser abstrato e real. Feuerbach quer romper com a cisão entre pensar e ser e estabelecer a essência do ser imersa no real, no existente, na natureza, contrário ao pensamento hegeliano que é, "[...]carente de sensibilidade e que tem a preocupação exaustiva com a forma sistemática do conhecimento (SERRÃO, 2005, p. 20)."

Feuerbach traçará uma nova linha de pensamento conhecido como o materialismo humanista, que, segundo o Filósofo, era resultado de uma dialética verdadeira que não se concentrava em um monólogo solipsista, mas em um constante diálogo vivificante entre *eu* e *tu*, que buscava a realização das necessidades humanas para a obtenção da plena felicidade, vivenciada e realizada na própria realidade; na descoberta de um homem natural, humano, capaz de descobrir sua totalidade na natureza pela sua capacidade de pensamento.

1.3 Feuerbach, um revolucionário?

A preocupação feuerbachiana não tem pretensão filosófica em tentar validar essa ou aquela filosofia. Enquanto empirismo e idealismo, discutiam se o fundamento do ser encontrava-se na prática ou no pensamento. Feuerbach promove a coesão do homem consigo mesmo em contato com o outro e o mundo. Mas para que este encontro pudesse ocorrer, o Filósofo analisará o conteúdo velado das religiões pagãs e na religião cristã para trazer ao centro de sua reflexão os conteúdos morais, antropológicos e naturais que se encontram ocultos nas religiões citadas.

Após contextualizarmos os elementos que constituíram a vida, o sistema político, social e as influências intelectuais sobre Feuerbach, chegamos a sua obra, *A Essência do Cristianismo*, na qual o Autor realiza uma crítica à religião cristã que, segundo ele, encontra-se ausente de sensibilidade e bases naturais. Entretanto, neste período, ainda recaía sobre Feuerbach acusações de que sua obra pertencia ao idealismo alemão, pois o Autor ainda analisava o homem abstratamente e de maneira subjetiva. A defesa feuerbachiana a estas acusações argumentava que ele não concebia o homem subjetivamente, mas que a essência da religião cristã é para ele subjetiva, moral, dissociada da imanência e sensibilidade, por isso, ainda nesta obra não há uma ênfase na natureza. A intenção do Filósofo em criticar a religião cristã era resgatar o homem como um todo, sendo que, para ele, na religião cristã há um conteúdo antropológico ausente de limitações e determinidades.

A natureza passa a ser a pedra fundamental para selar a essência humana; tudo que esteja fora desta natureza é somente projeção humana, fomentada pela imaginação. Uma vez que,

Desde os tempos muito recuados em que os homens, ainda em total ignorância acerca da sua própria conformação corporal e incitados por aparições em sonho, chegaram à representação que seu pensar e sentir não seriam uma atividade do seu corpo, mas de uma alma particular, habitando nesse corpo e abandonando-o com a morte - desde esses tempos, tinham de ter pensamentos acerca da relação dessa alma com o mundo exterior. (ENGELS, 1982, p. 386)

Para Feuerbach, a ideia de imortalidade aparece como resposta humana por não reconhecer seu fundamento na natureza. O simples fato de não saber o que fazer com a alma, depois da morte, levou o homem a concluir e estabelecer a imortalidade da alma, e, com isso, como processo natural de sentido para este novo conceito, surgem os deuses e, por conseguinte, a religião. Contudo, mesmo estabelecendo um possível fundamento para a construção religiosa, algo ainda inquietava os filósofos na tentativa de solucionarem a aporia com relação à existência do *ser*. A grande inquietação era: o mundo surgiu de um ser ou é fruto do acaso, ou seja, sempre existiu? Pois,

Conforme esta questão era respondida desta ou daquela maneira, os filósofos cindiam-se em dois grandes campos. Aqueles que afirmavam a originariedade do espírito face a natureza, que admitiam, portanto, em última instância, uma criação do mundo, de qualquer espécie que fosse - e esta criação é frequentemente, entre os filósofos, por exemplo, em Hegel, ainda de longe mais complicada e mais impossível do que no cristianismo -, formavam o campo do idealismo. Os outros, que viam a natureza como originário, pertencem às diversas escolas do materialismo.(ENGELS, 1982, p. 387).

Por mais que Feuerbach caminhasse pela mesma estrada de Hegel, seu caminho tendeu-se para o materialismo, que, por fim, o levou a separar-se em definitivo do mesmo, desprezando a existência das categorias lógicas e buscando a conciliação com o mundo real, que é esbarrado, constantemente, pelos nossos sentidos, e por mais que nossa consciência possa existir, e, por fim, ser capaz de imaginar, ela é apenas fruto de um órgão material corpóreo, o cérebro. Nesse sentido, o espírito concebido pela imaginação, só existe pela materialidade humana, logo, o espírito é fruto da matéria e não o contrário. Por mais que se condene Feuerbach como um possível idealista, aquele que acredita que pode haver um progresso na humanidade, observa-se, entretanto, que ele não buscou estabelecer um tipo de idealismo capaz de fundamentar modelos filosóficos. A questão posta pelo Filósofo é a superação humana, conciliada com o mundo, em saber que na natureza o homem não irá querer ser além do que é, buscando afirmações sensivelmente, pois ela não apenas limita, mas intensifica e possibilita a consumação humana de suas necessidades. Feuerbach buscará uma relação sincera entre humanos; um constante humanizar. Em sua principal obra, *A Essência do Cristianismo*, o Autor propõe-se a desmistificar e conscientizar o homem da ilusão religiosa, transformando e recuperando a realidade humana, na qual a crítica da religião não é um fim em si mesma, mas apenas um meio para que o homem possa chegar ao

conhecimento de si, daí vem o primeiro título dado à *Essência do Cristianismo* antes de sua publicação - *Conhece te a ti mesmo*. A intenção de Feuerbach não é a de destruir a religião, pelo contrário, sua intenção é a de inverter o conteúdo religioso e trazer para a *Filosofia Moderna* o homem e a natureza. Dessa forma, o Autor fundamenta seu interesse pela religião cristã, pois ela revela questões antropológicas e morais. Em sua outra obra, *Preleções sobre a essência da religião*, ele analisa as religiões pagãs porque vão revelar os conteúdos naturais, e por meio disso, ele propõe a transformação da filosofia com a desmistificação das estruturas religiosas pagãs e cristã. Contudo,

A religião é, segundo Feuerbach, a relação de sentimento, a relação de coração, entre homem e homem, a qual, até aqui, procurava a sua verdade em uma imagem especular fantástica da realidade - na mediação de um ou de muitos deuses, imagens especulares fantásticas de qualidade humanas -, mas agora a encontra diretamente e sem mediação no amor entre Eu e Tu. E, assim, em Feuerbach, o amor sexual torna-se finalmente, uma das supremas, se não a forma suprema de exercício da sua nova religião. (ENGELS, 1982, p. 394)

A nova religião não é nada mais que a superação humana. Um humanismo livre do egoísmo, da fantasia e capaz de se encontrar consigo mesmo na intensidade de saber que estas relações nascem da realidade e da humanidade concreta de cada um. Feuerbach ofereceu um novo caminho e um novo modelo de pensamento sobre o viés do materialismo, fomentando e sendo um grande entusiasta na construção histórica do materialismo, pois para que haja qualquer mudança ou transformação no mundo é preciso contar com uma nova interpretação com relação a ele, e, por isso, o Filósofo exerceu papel determinante na origem de uma nova corrente de pensamento voltada para a práxis humana. Todavia,

A religião será então substituída pela cultura, pela ética, pelo humanismo, porque só a cultura pode unir os homens, não a religião. A fé, a religião, separa, cria cisões entre os homens devido a rivalidade entre as diversas seitas. Não é ateu no verdadeiro sentido, aquele que nega o sujeito, mas sim o que nega os predicados dos sujeitos. Em outras palavras o verdadeiro ateu não é o que diz “Deus não existe”, e sim o que diz a bondade não existe, a justiça não existe, a misericórdia não existe. (FEUERBACH, 2007, p. 10)

Feuerbach colocou o homem no centro, responsável pela vida, por sua própria felicidade e pela dos demais. O homem feuerbachiano não é destituído de necessidades e limites, mas é responsável por encontrar as respostas e superar seus

limites na própria existência, no contato com o outro e com o mundo. O Filósofo busca inverter a inversão, devolvendo ao homem seus substantivos colocados em um ser suprassensível de forma irrefletida. Religião, em Feuerbach, passa a ser antropologia. Por isso, para o Autor, não há um desprezo ou menosprezo da religião, mas sim reconhecer o objeto religioso como fenômeno humano a ser compreendido, pois, segundo ele, Deus é a imagem refletida do homem. É justamente por intermédio do conhecimento profundo da origem da religião e de seus fundamentos que o homem vai encontrar a profundidade e os fundamentos do seu ser. Ao desvendar o mistério religioso desvenda-se o mistério humano. “A verdade da filosofia não é colocar o finito no infinito, mas o infinito no finito, ou seja, a filosofia deve provar que o homem não é produto de Deus, mas Deus é um produto do homem (MONDIN, 2003, p. 26).”

Independente das críticas que o novo modelo de pensamento viesse a sofrer, surgiu um novo modelo de pensamento filosófico capaz de negar a existência de Deus, ou qualquer outro tipo de existência sobrenatural, em função do humanismo, da vida, independente das diferenças culturais e religiosas que pudessem estar presentes no ser humano.

O ponto de partida passou a ser a materialidade, pois somente por meio dela que o indivíduo consegue exercer autonomia na hora de pensar sobre a existência, uma vez que, para Feuerbach, não existe razão sem a matéria. A atividade pensativa está baseada na matéria; sem ela não há recursos suficientes para o pensamento. Contudo, isso acontece de forma dependente. A razão, que é fruto especificamente da matéria, necessita dela para o seu desenvolvimento. Em compensação, a matéria carece da razão para ser reconhecida; existe uma reciprocidade entre matéria e razão, uma relação de dependência.

Capítulo II

NATUREZA: FUNDAMENTO ESSENCIAL DA INTEGRALIDADE HUMANA

2.1 A razão como delineamento e elo entre o homem e a natureza

Nos escritos de 1820 a 1837, conhecidos como da fase juvenil de Feuerbach, especificamente sua dissertação, com o título, *A razão una, universal e infinita*, evidencia-se sua predisposição para a filosofia da natureza. Esse escrito inicia-se pelo pressuposto de que a razão é una, universal e infinita. Ela é a essência absoluta dos indivíduos. A unidade dos homens revela-se pela unidade da razão. Segundo o Autor, é necessária uma reversibilidade, uma vez que a ordem da razão tem o mesmo fundamento da ordem do humano. Isto é, de uma razão que se realiza na imanência, e a humanidade só pode existir por esse laço racional; não idealizada de um gênero humano, mas de uma natureza imanente da essência humana. De uma realidade racional que se estabelece na relação interpessoal individual, como nos sentimentos, e de forma plural, de uma linguagem que emana da vida comum.

Toda filosofia que estabelece limites para a razão, os quais ninguém pode ultrapassar, e quem procura a verdade pela investigação e ultrapassa os limites prescritos para alcançar essa pretensa verdade, desperdiça seu empenho em um esforço inútil. Também na filosofia antiga encontravam-se limitações para o exercício pleno da razão e demonstravam sua limitação diante dos sentimentos, percepção sensível e opinião, *doxa*, nas quais são fundamentadas certezas não verdadeiras, puramente subjetivas. Com a filosofia antiga, afirma-se um saber subjetivo e individual, enaltecendo o *logos* como o critério para atingir o saber verdadeiro, universal ou divino. Esse movimento é acompanhado pelos filósofos modernos como: Giordano Bruno, Spinoza e Hegel, que enaltecem a filosofia como uma ciência universal ou divina, ao estabelecerem a infinitude como destino de todo conhecimento, já que desde o princípio, renunciam toda finitude.

A partir dessa conjuntura, Feuerbach questiona e polemiza os *críticos da razão*; daqueles que fazem valer apenas o conteúdo da razão de forma individual, com ponto de vista privado, que emite opiniões particulares. Pois,

Diante de tal fato, Feuerbach objeta que a razão não é mera capacidade individual ou qualidade particular do indivíduo, como um instrumento para poder compreender objetos infinitos; pelo contrário, ela é em si e infinitamente uma substância comum, universal, de todos os indivíduos. (CHAGAS, 2016, p.18)

A razão constitui a humanidade do homem, o seu gênero, sendo comum a todos os homens. O que individualizará o homem será a sua sensibilidade e seu sentimento, emergindo assim, um indício para o dualismo entre a universalidade, composta pelos elementos da infinitude e razão e a individualidade, representada pela finitude e a natureza, estabelecendo uma oposição entre o racional e o sensível. Toda essência da sensibilidade é singularidade pura, imediaticidade, o que impossibilita o homem de transmitir oralmente suas emoções ao outro e até mesmo descrever os objetos que estimulam a sensibilidade. Ao tentar descrever seus sentimentos, o homem abstrai-se; perde sua autonomia para transformá-la em conceito, uma vez que toda oralidade para comunicação das apreensões sensíveis do homem encontra-se não na sensibilidade, mas no pensamento. Ainda que nas obras juvenis de Feuerbach, encontramos um pensamento que define a sensibilidade como particular e a razão como uma relação universal com o outro, podemos destacar que nesse momento das elaborações feuerbachianas a sensibilidade ainda tem um papel menor em sua filosofia e que sua concepção de razão está próxima do idealismo alemão, que ainda concebe a razão como infinita e universal.

A razão é finalmente o ser necessário. A razão é, porque somente a existência da razão é razão; porque, não havendo razão, não há consciência, tudo seria nada, o ser igual ao não ser. Somente a consciência estabelece a diferença entre ser e não ser. Somente na consciência se revela o valor do ser, o valor da natureza. (FEUERBACH, 2007, p.70)

Toda superação da singularidade e isolamento do homem não acontece pela objetividade da natureza, do amor ou da religião, mas pela natureza do pensar. É pelo pensar que as diferenças humanas são suprimidas em função das semelhanças. O pensar

se manifesta na relação do *eu* com o *tu*, com os outros, na qual se estabelece uma relação da unidade do real com o gênero, com a comunidade. Quando o homem sente, diz Feuerbach, ele está isolado, mas quando ele pensa, ultrapassa o seu *eu*, tornando-se universal. Continuamente,

Enquanto o amor não vale como uma unidade perfeita, plenamente constituída, mas apenas como uma "unidade sensível", emocional sentimental, que não expressa nenhuma universalidade, o pensamento universal constitui, para o jovem Feuerbach, a unidade perfeita, absoluta, que realiza o gênero humano. (CHAGAS, 2016, p.20)

O homem não é um ser singular qualquer, como outro ser da natureza, como, por exemplo, um cão, que é totalidade e não tem como objeto o seu gênero. Inexiste uma essência interna e espiritual, mas que não falta ao homem. Para Feuerbach, o que constitui o homem é sua capacidade de pensamento, oferecendo a possibilidade de universalização e a construção do conceito de gênero o qual manifesta a absoluta igualdade de todos os homens. Já o pensamento que pensa a si mesmo, a autoconsciência que não leva em conta o objeto, é abstrato, infinito. Sendo assim,

A autoconsciência ou o pensamento abstrato, que não tem nenhuma determinidade, é, não obstante, segundo sua forma, infinito. Como vem o pensamento finito, porém, que pensa a si mesmo (a autoconsciência), para a infinitude? Feuerbach esclarece tal passagem da seguinte maneira: na medida em que a autoconsciência renuncia ao conhecimento dos objetos e está separada de toda determinidade, abrange ela em si mesma o infinito; como forma, ela é sem medida e sem limite e, por isso, pode abranger em si mesma coisas variadas, diversas e opostas. (CHAGAS, 2016, p. 23)

Diante da diversidade encontrada na natureza, a autoconsciência, fechada em si mesma, torna-se oposta ao dado empírico e a realidade vivida, permanecendo idêntica e sem contradições. Consequentemente, há uma inversão, em vez de a razão ser universal, a essência e condição do indivíduo, com a autoconsciência, faz com que o indivíduo passe a ser *a medida de todas as coisas*, no qual o princípio subjetivo concebe a totalidade do mundo. Esse homem mensura, citado por Feuerbach, é a representação da singularidade humana, de uma subjetividade absolutizada, de um indivíduo absolutizado que não corresponde à substância racional que se refere ao gênero humano.

Para Feuerbach, a verdade não pode ser constituída fora da razão, porém:

Feuerbach diferencia, contudo, a autoconsciência do conhecimento (ou da intuição cognitiva): a autoconsciência é pensamento, porém é aquele pensamento abstrato e ilimitado, que só se refere a si mesmo, relacionado unicamente consigo e sem determinidade; ao contrário, o conhecimento, como um modo determinado do pensamento, é limitado, na medida que ele se estende aos objetos finitos, que são pura e simplesmente objetos pensados, objetos puros do pensamento. (CHAGAS, 2016, p. 24)

A unidade da razão possibilita que o homem saia de si mesmo em direção ao outro compreensivamente e com capacidade de articulação para processar pensamentos, o que possibilita a sua abertura para não estar mais isolado e separado dos demais, mas aberto à franca comunicação, permitindo a atividade que constitui a causa e a finalidade do espírito e não o seu contrário. Essa determinidade do real, que impõe limites, reflete justamente na diferenciação que separa uma coisa da outra. Apenas a razão, para Feuerbach, é universal, uma vez que a natureza limitada pelos objetos da sensibilidade se resume ao individual, ao sensível.

Seguindo a contextualização da ênfase à natureza, a obra feuerbachiana, intitulada *Pensamentos sobre a morte e a imortalidade*, possibilita estabelecermos uma conexão lógica para a fase madura de Feuerbach com relação à natureza. Nessa obra, o Autor nomeia três períodos da fé: o primeiro seria o antigo greco-romano, que estabelecia uma conexão imediata entre vida individual e universal. Nesse texto, ele relata que o grego, tanto quanto o romano não conhecia nenhuma fé na perduração individual. Depois da morte, não havia o reconhecimento de outra vida além da vida real. Sua vida estava em união com o povo e o Estado; sentia-se encerrado e plácido com sua relação estatal, sem que houvesse a necessidade de uma existência autônoma e independente do universal; de uma moralidade desenvolvida dentro do Estado e não fora dele; sendo a vida um princípio inegociável e supremo e que só poderia acontecer em harmonia com o Estado; de uma subjetividade representada pela afirmação antropológica. Posto que,

Para Feuerbach, também os gregos e os romanos já abordavam a imortalidade da alma. Contudo, diferentemente dos cristãos, eles não a tomavam como individual ou pessoal. Seu intuito era relacioná-la ao éthos, ou seja, a imortalidade não era para uma outra vida imaginária, mas sim para um soldado morto em combate, por exemplo, pudesse continuar gozando da glória de ser um soldado romano a serviço do seu Império. Desse modo, somente era importante ser imortal se ser tal coisa representasse continuar seu serviço dentro do seu país e para o seu povo. (CHAGAS, 2016, p. 137)

Seguindo o percurso no desenvolvimento da fé na imortalidade, Feuerbach apresenta a reflexão sobre a época cristão-católica, como segundo período da fé, em que a imortalidade se tornara objeto da fé e doutrina universal, promovendo a afirmação do ser e da imortalidade da alma no domínio da igreja. Isso acarretou uma substancial mudança com relação à cultura grego-romana de compreensão da imortalidade da alma, acrescentando-se a ressurreição do corpo.

Nessa época, o homem medieval não tinha ainda, como esclarece Feuerbach, "a consciência vazia de sua individualidade", e também não estava voltado para si mesmo; ele era membro de uma ordem hierárquica, isto é, de uma comunidade da igreja, de um "reino de Deus". O homem na Idade Média achava, assim, na igreja, aquilo que o homem grego tinha no Estado. (CHAGAS, 2016, p. 28)

Nesse período, a ligação garantida pela Igreja Católica entre o além e o aquém, não abria margem para a separação entre a idealidade e realidade, tornando a fé na imortalidade apenas um artigo de fé. Mesmo a representação de céu e inferno ser apenas de valores simbólicos, ela carregava em si, consequências morais e espirituais. De um céu, cuja representação era a imagem de um bem que estabelecia uma conexão de salvação eterna e, o inferno, a representação de todo mal, associado à nulidade e à infelicidade. "É necessário chamar a atenção para a ideia de que o essencial nessa fé não era a fé no indivíduo e em sua perduração eterna, mas a fé na realidade do bem e, ao mesmo tempo na nulificação do mal (CHAGAS, 2016, p. 29)."

A fé na imortalidade do homem, em seu sentido verdadeiro, só acontecerá na era moderna, a qual Feuerbach constituirá como o terceiro período. A derrocada da Idade Média levou o homem ao isolamento, o que provocou a perda de qualquer relação, fazendo com que sua individualidade se tornasse vultuosa, incorporando-se traços divinos. O primeiro traço associado a essa individualidade destaca-se na Reforma Protestante, que mais tarde culminará no pietismo³, moralismo e racionalismo. Com a Reforma, o indivíduo passa a ser o centro; o detentor de toda verdade e realidade, por meio do qual o singular, o limitado e detentor de um subjetivismo, tornam-se fundamentos da essência da realidade. Para Feuerbach,

³ Feuerbach parte de uma tradição metafísica que preconiza que Deus pode ser pensado e que sua ação se dá de acordo com a lógica da natureza. Mas aqui também se deve atentar para uma divergência: sua grande crítica não é ao cristianismo dos ortodoxos, mas aos pietistas e racionalistas. (PAULA, 2009, p.150)

[...] existem pelo menos três fortes motivos para a crença na imortalidade da alma individual ser tão valorizada: a) a ênfase na personalidade pura; b) a afirmação de uma personalidade pura e livre do pecado (moral); c) a falta da ideia de um todo, ou seja, surge um espaço propício para o reino da imaginação e da fantasia se instalarem. (PAULA, 2009. pag. 138)

Para o Filósofo, a morte está intrinsecamente ligada à naturalidade da vida, sendo oposta ao viés religioso; de um homem que busca sua realização fora da materialidade de forma ilimitada e imortal. Ela está intrinsecamente ligada à natureza. Toda crítica feuerbachiana dirige-se contra a absolutização do homem livre das necessidades, refletido na imortalidade e no conceito de um Deus pessoal. Para o Autor alemão, pertence à natureza humana, ser limitado e finito. Desejar a imortalidade reflete a condição humana de ir além da sua condição natural.

Um novo tempo acontecerá quando o homem for capaz de realizar uma justa avaliação de seu significado, partindo do reconhecimento de sua finitude, transitoriedade e de sua morte, na qual o fundamento da sua existência não se encontra mais no além, e, sim, na sua própria natureza. Nesse sentido, Feuerbach, pretende libertar o homem da conceitualização de Deus como pessoa por meio da subjetividade humana, buscando solidificar uma visão panteísta, não havendo desacordo entre Deus e natureza, uma vez que, [...] se a natureza não se encontrasse presente em Deus, estaria a diferença, o impulso da atividade, o começo e o princípio da vida fora dele, e, assim, Ele seria um ser não absoluto, não independente, não autônomo, sem espírito (CHAGAS, 2016, p.33)." Essa contribuição ao pensamento feuerbachiano é dada por Espinosa e citado na sua primeira preleção como, "[...]o primeiro que expressou de forma clássica que o mundo não pode ser considerado como o efeito ou a obra de um ser pessoal e atuante conforme intenções e fins, o primeiro que salientou a natureza em seu significado religioso-filosófico universal (FEUERBACH, 2009, p.20)." A natureza é tanto *afirmação*, subsistência humana, como *negação*, perecer humano. Feuerbach estabelece como condições absolutas o espaço e o tempo, pois são condições necessárias em todos os indivíduos. Espaço e tempo representam a afirmação e a negação da existência, conceito que Feuerbach empresta do *Dasein*, no qual o tempo seria negação, determinidade e perecimento; e o espaço, afirmação, condição necessária para a existência dos indivíduos e suas diferenciações, determinando a cisão entre *eu e tu*, posto que, ao abstrair da determinidade, o ser é transformado em nada, pois é a

determinidade que impõe o limite entre o ser e o nada. Assim sendo, espaço e tempo passam a ser "[...]condições do ser, formas da razão, leis tanto do ser quanto do pensar (FEUERBACH, 2005e, p. 145)." A exterioridade lógica não existe sem antes existir a exterioridade espacial. As diferenças no pensar existem de acordo com as diferenças da determinidade das quais eles surgem, tempo e espaço legitimam, diferenciam e dão veracidade aos pensamentos. Pois,

As coisas há que pensá-las como acontecem na realidade, não diversamente. O que na realidade é separado também não deve ser idêntico no pensamento. Fazer do pensar, da ideia - do mundo inteligível dos neoplatônicos - a exceção às leis da realidade é o privilégio da arbitrariedade teológica. As leis da realidade também são as leis do pensamento. (FEUERBACH, 2005e, p. 147)

Espaço e tempo são pensados por Feuerbach como argumentos contra a imortalidade individual, pois não há dois espaços, ou até mesmo um espaço fora do espaço, que seria um absurdo. A unidade imediata das determinações opostas só será possível e apropriada na abstração. O indivíduo é reflexo fiel da natureza, um microcosmo de um macrocosmo, em que a contemplação da sua existência já se destina para todo o universo. "A natureza, na qual a vida encontra seu limite, seu não-ser, é um ser determinado, mas não um ser finitamente limitado, e sim um ser igualmente, universal, infinito, em sua determinidade (CHAGAS, 2016, p. 36)."

A natureza tem a capacidade de absorver todas as determinações e diferenças, realizando-se em uma riquíssima multiplicidade de conteúdo, mas de vidas que só podem existir dentro dos limites determinados, seguindo a limitação e o condicionamento natural, cumprindo-se na natureza não apenas seu nascimento, mas também sua destruição e limitação. Feuerbach nega apenas a imortalidade pessoal, porém mantém a fé na razão, de uma realidade que se manifesta na consciência do homem com o gênero, concebido como um ser universal, realizado na história. "Com efeito, para Feuerbach, a imortalidade humana se dá na construção da cultura e não no desejo de imortalidade da alma ao modo religioso ou em malabarismos metafísicos (PAULA, 2009, p. 145)." A razão seria um princípio norteador para a construção de uma vida com liberdade, vontade, aberta à ciência, à arte e até mesmo à religião, realizando aquilo que é possível o homem fazer e abrindo a possibilidade de reduplicar sua natureza, servindo de pressuposto para esclarecer toda obscura essência da religião,

para que os homens deixem de ser explorados, reféns, inimigos da humanidade, que a utiliza para oprimir. Feuerbach registra:

A meta de minhas obras, assim de como minhas preleções, é tornar os homens de teólogos, antropólogos, de teófilos, filantropos, de candidatos do além, estudantes do aquém, de servos religiosos e políticos da monarquia e da aristocracia terrestre e celeste, cidadãos da terra, livres e conscientes. Minha meta não é então negativa, mas positiva, nego apenas para afirmar, nego apenas a aparência fantástica da teologia e da religião, para afirmar a essência real do homem. (FEUERBACH, 2009, p. 36)

Portanto, para Feuerbach, não importa provar ou negar a existência de Deus, uma vez que tudo se resume apenas em palavras e argumentos. O que importa, é o conteúdo, o fundamento da existência, a natureza que pode se tornar consciente pelo uso da razão.

2.2 A natureza e o materialismo de Feuerbach

Toda constituição humana só acontece pela natureza; só existimos e seguimos um processo natural de concepção graças a ela. Mesmo que tenhamos pensamentos metafísicos ou estejamos submersos em nossa subjetividade, nada disso é possível sem a estrutura natural, e, é, justamente por essa estrutura, que nosso pensamento é constituído. Contudo,

Feuerbach foi um iluminista. Nele encontramos da maneira mais veemente a valorização do homem que têm os pés no chão, do homem que está em harmonia com a natureza da qual sabe ser um produto, mesmo conhecendo as imperfeições desta natureza, do homem que conhece e crítica a si mesmo, combatendo as suas falhas e aperfeiçoando as suas qualidades; enfim do homem que trabalha, ama, cria e transforma. (BRANDÃO, 2009, p.11)

A natureza, vista por Feuerbach, é resiliente por essência; é o lugar onde tudo acontece de forma harmônica e pacífica, mantendo um equilíbrio em meio às diferenças. Para o Filósofo, “[...] a natureza não tem princípio e nem fim. Tudo nela está em transformação, tudo é relativo, tudo é ao mesmo tempo causa e efeito, tudo é geral e particular; ela não acaba em ápice monárquico; é uma república (FEUERBACH, 1989, p. 89).” A natureza torna-se representante oficial da diversidade, por meio da qual o

homem diferencia-se e ao mesmo tempo relaciona-se. É o constante encantamento com o mundo natural e a adoração do concreto, da busca da ontologia pela própria natureza e não por uma abstração pura, a caminho do nada, que o homem realiza-se, cria e ama.

Para Feuerbach os meios naturais não podem ser reduzidos a meros objetos de exploração, mas de interação que gera todo o processo de conhecimento. Esse processo de dependência do mundo, da natureza, é tomado pela consciência humana, por isso a necessidade e a coerência de pensar sobre e por meio do mundo. "Eu preciso de ar para respirar, de água para beber, de luz para ver, de substâncias vegetais e animais para comer, mas nada preciso, pelo menos imediatamente, para pensar (FEUERBACH, 2002, p. 41)." Quando o pensamento passa a existir, sem essas bases materiais, naturais, criamos pensamentos abstratos, isolados do mundo. Para tentar pensar sobre si próprio, podem-se extrair pensamentos por meio de ficções, sistemas lógicos, mas que não são verdadeiros, pois não se reportam à realidade, Feuerbach, então, afirma: "E quem quiser descer espiritualmente ao fundo das coisas humanas deve se colocar também sensitiva e corporalmente no fundo delas. Esse fundo é, pois, a natureza (FEUERBACH, 2009, p. 16)."

Para o Filósofo, a consciência é a senhora absoluta; nada é capaz de contradizê-la. Posso ser juiz e também parte do meu mundo fictício. Isso acontece em um mundo separado das estruturas materiais e unido somente pela abstração. Todas as bases históricas que fomentaram a atitude feuerbachiana, as quais deram sustentação ao materialismo, ocorreram por intermédio de um rompimento histórico com a filosofia da direita hegeliana, e, conseqüentemente, constituiu sua identidade com a separação dos conceitos abstratos.

Segundo Eduardo Ferreira Chagas, embora Feuerbach não tenha redigido nenhuma filosofia da natureza de forma sistemática, ou registrado escritos minuciosos acerca da natureza, há, todavia, em sua obra, em diferentes passagens, uma abundância de aforismos e epigramas, definições e reflexões filosóficas sobre a natureza. Podemos analisar essa falta de abordagem e teorização decidida sobre a mesma, a princípio, como reflexo de uma ausência e uma tematização da natureza no teísmo e idealismo em geral. Assim o conceito de natureza foi desdobrado em sua obra apenas de maneira fragmentada, mas, apesar disto, está no centro de sua filosofia, que abre caminho para desenvolver sua crítica contra o teísmo e o idealismo.

A natureza, segundo Feuerbach, é o fundamento da existência humana de relação objetiva e material. Entretanto, apesar de o homem ser dependente da natureza para sua existência e desenvolvimento de sua capacidade racional, o Autor alemão não confere uma condição supranatural a ela, ou seja, toda concepção que transcende os limites da materialidade e objetividade são apenas aspirações da vontade humana. É justamente pelo olhar sincero da natureza que o homem vai contradizer toda imaginação ilusória que busca satisfação no além.

A crítica de Ludwig Feuerbach, utilizando a natureza como embasamento, estende-se a toda forma transcendental, ilimitada, indiferente, abstraída das determinações e situações concretas que se baseiam em uma vontade incondicionada, indeterminada, resultado de uma pretensa liberdade humana, independente dos limites da natureza. Entretanto, o pensamento feuerbachiano não nega a vontade pelo determinismo cego. Sua defesa estabelece uma vontade condicionada pelo tempo e espaço; pela história e pelas condições e meios materiais sensíveis, respeitando a diversidade natural e harmonizando as diversas oposições de forma dialética, visto que ela é manifestação de toda afirmação e negação, singularidade e pluralidade, indivíduo e gênero, causa e efeitos. Na natureza, o homem é capaz de experienciar toda sua potencialidade, assegurando a possibilidade e as condições para satisfazer suas necessidades mesmo sendo efemeridade e morte.

2.3 As bases sólidas da natureza e os sentimentos como fundamento das religiões

No tópico anterior relatamos a importância da natureza para a realização da vontade humana e de suas potencialidades. Ao destituir a natureza apenas como meio de exploração ou de projeção transcendental, o Filósofo alemão inverte uma pretensa verdade que não acontece na materialidade para afirmar uma verdade que se realiza no tempo e no espaço. Neste tópico trabalharemos duas obras feuerbachianas, *Preleções sobre a essência da religião*, que faz referência aos povos pagãos e à divinização da natureza pela dependência e os sentimentos que nascem dessa relação como medo, egoísmo, utilidade, desejo e a consciência de sua morte e, a *Essência do cristianismo*, que desconsidera a natureza como manifestação divina, passando a afirmar-se

subjetivamente. Nessas obras, Feuerbach utilizará a natureza como princípio norteador, tanto para as religiões naturais ou pagãs, quanto para o cristianismo. Enquanto nas religiões naturais os deuses surgem do sentimento de dependência do homem em relação à natureza, passando a cultuá-la como divina. No cristianismo essa relação do homem com os meios naturais é de subtração, Deus torna-se subjetivo, ausente de características naturais, mas repleto dos universais humanos. Portanto, enquanto nas religiões naturais ou pagãs existe a divinização da natureza e a concepção de deuses por meio dela, no cristianismo, Deus carece de objetividade natural, mas encontra-se repleto de valores subjetivos dos homens que é teorizado pela teologia na construção da religião cristã que nada mais é do que a cisão do homem consigo mesmo; de sua essência projetada em um ser metafísico subjetivamente. O contato do homem com a natureza oferece pressupostos e elementos necessários para a construção, fundamentação e fantasia religiosa nas religiões pagãs. Já na religião cristã, este contato é menosprezado, diminuído, afirmando apenas o homem interior que diviniza sua essência em um ser transcendental. Os argumentos feuerbachianos tentam desconstruir uma natureza divina nas religiões pagãs e desenvolver a consciência do homem cristão para que ele possa encontrar-se consigo mesmo em seus universais e não mais na projeção de um Deus. Diante disso, Feuerbach estabelece um elo franco e sincero entre homem e natureza, ausente de divinização, mas consciente da sua importância para subsistência e fonte de realização de suas potencialidades.

No segundo capítulo de *Essência do Cristianismo*, Feuerbach aponta que todas as nossas atitudes conscientes estão relacionadas propriamente com a nossa essência, mas a consciência do homem religioso não se dobra em si mesma, ela se projeta em um ser supremo. Logo, a verdadeira consciência da religião existe somente pela ausência de compreensão do homem em perceber que toda projeção é uma cisão de si mesmo e de sua essência tornada inconsciente, “[...] a religião é a consciência primeira e indireta que o homem tem de si mesmo (FEUERBACH, 2007, p.45).” A separação que existe entre divino e humano é apenas ilusória. O próprio humano criou um rompimento entre a essência humana do indivíduo humano, pois tudo que o homem nega em si, ele afirma em Deus. Dessa forma,

A freira casa-se com Deus; ela tem o seu noivo celestial, o monge a sua noiva celestial, mas a virgem celestial é um fenômeno evidente de uma verdade geral concernente à essência da religião. O Homem afirma em Deus o que ele nega em si mesmo. (FEUERBACH, 2007, p.56)

Essa separação do homem consigo mesmo será teorizada pela teologia. A partir dessa abordagem, o pensamento teológico representa teoricamente a divergência entre o homem consigo mesmo, mas que serve para ele se autossatisfazer. Porém, toda consciência não é autônoma em relação ao mundo sensível, pois o ponto de partida do pensar para Feuerbach é a materialidade e o ser. O sujeito sempre será o homem, enquanto a ideia sempre será o predicado, pois sem a matéria não existiria estímulo para a razão, e conseqüentemente, o desenvolvimento da consciência.

Toda relação entre sujeito e objeto só existe devido à matéria. O homem necessita dos objetos para desenvolver-se conscientemente, uma vez que só existirá sujeito se houver objeto. Sem o objeto, o homem não constituirá a sua existência, passará ser o *não-ser*. O sujeito e o objeto são inseparáveis; homem e natureza estão unidos, e, portanto, identificam-se:

Dessa identificação entre homem e natureza, decorre ser o conhecimento do objeto-natureza o mesmo que o conhecimento da própria natureza do sujeito homem. Conhecer o seu objeto, para o homem é auto conhecer-se. (FREDERICO, 1995, p. 34)

Segundo a filosofia feuerbachiana, o objeto desempenhará papel relevante na constituição humana. É justamente pelos objetos que todos os segredos vão sendo revelados. Pelo objeto podemos verificar e conhecer o processo mais íntimo do ser humano, conseguindo caracterizar quais são os principais anseios, qual o seu maior temor, sua maior gratidão. O objeto é capaz de desenvolver, na vida humana, relações de medo, dependência, utilidade, desejo e egoísmo; adjetivos que são fomentadores de uma projeção em busca de consolo por meio da divinização do seu próprio ser, de suas próprias carências e limitações. Desse modo,

Deus é o objeto do homem e só do homem, não do animal. Mas um ser só se conhece a partir do seu objeto, o objeto que necessariamente se refere a um ser, nada mais é do que sua essência revelada. Assim, o objeto dos animais vegetarianos é a planta; é por este objeto que eles se distinguem essencialmente dos outros animais, os carnívoros. Assim, o objeto do olho é a luz, não o som e nem o odor. É, porém no objeto do olho que se torna manifesta a sua essência. É, pois, a mesma coisa não ver e não ter olhos. Por conseguinte, também na vida designamos as coisas e os seres apenas segundo seus objetos. O olho é o “órgão da luz”. O que trabalha a terra é um camponês; quem tem a caça como objeto de atividade é o caçador, quem apanha peixes é o pescador, e assim por diante. (FEUERBACH, 1988, p.42)

Sujeito e objeto são partes de uma relação indispensável para o desenvolvimento da consciência humana. Relação esta que fomenta a concepção e a diferenciação do homem em relação aos outros animais, ou qualquer forma de vida. Tal vínculo fundamenta a consciência e é um dos principais motivos de projeção e criação das religiões pagãs e religião cristã. Para a religião cristã, o homem passa a conceber a natureza como objeto real e Deus como objeto da abstração da própria essência humana, nascendo subjetivamente da sua essência e de seu gênero, conceito este, que exemplificaremos posteriormente. Mas será que não é possível pensar de forma independente da realidade?

É fato que o homem precisa do mundo para sua subsistência, porém o pensamento pode existir sem considerar os limites impostos pela determinidade. Segundo Feuerbach, o conhecimento verdadeiro só pode existir na relação sincera entre o mundo exterior e o próprio homem, ou seja, o conhecimento ocorre pelo viés do objeto real e não pela pura consciência como defende o idealismo alemão que não é capaz de contradizer-se e nem levar em consideração os limites naturais e ficando restrito somente ao pensamento que pensa a si mesmo. A pura consciência nos leva a sermos senhores absolutos das nossas afirmações, pois para algo se tornar real, é necessário que exista, independente do pensamento e da consciência. Por isso, a indispensável aceitação dos sentidos como critério de concordância de algo existente. Para Feuerbach, estabelecer a verdade do objeto é estabelecer objetivamente o que o objeto é em si.

Nas *Preleções sobre a essência da religião*, Feuerbach afirma que as religiões pagãs surgiam precisamente quando os sentimentos humanos perdiam sua autonomia e não se reconheciam em seu fundamento e nas suas relações com a natureza e seus objetos. Esse desconhecimento tornava a essência humana obscura, levando o homem a tratar-se como um outro. Atributos como medo, dependência, orgulho, utilidade, levaram o homem a construir sua identidade em um ser fora de si, criaram-se os fundamentos das religiões pagãs como uma rede de interdependência. Todos esses atributos acabaram por se tornar um ser projetado, cuja essência humana foi idealizada em deuses.

Nas religiões pagãs os atributos citados acima estão totalmente interligados à dependência material. “Os antigos ateus e mesmo muitos deístas tanto antigos quanto recentes declararam ser o medo, nada mais que o aspecto mais popular e mais evidente do sentimento de dependência, a mola mestra da religião (FEUERBACH, 2009, p.38).”

Durante o decorrer da história e diante do desconhecimento dos fenômenos naturais, surgiram muitos estágios religiosos de dominação da natureza pelas religiões pagãs e religião cristã. O primeiro deles seria o das religiões naturais que têm como principais fundamentos o mecanismo de defesa da insegurança e a superação do desconforto das situações vividas que evidenciavam sua dependência. A estranheza humana frente aos fenômenos naturais e toda sua diversidade impulsionou o homem a projetar a religião para apaziguar as inquietações e o indecifrável em um ser mais próximo e explicável. Como quer Serrão:

Os elementos naturais já divinizados voltam, por sua vez, a exigir que seja acalmada a sua incomensurável potência, exigência que é cumprida por meio dos ritos de sacrifício susceptíveis de atenuar o seu poder mau e contrário as desígnios dos povos, ou de se invocar o seu poder bom, adequado aos fins solicitados. Esta personificação humaniza a natureza e torna-a semelhante, ao mesmo tempo que gera uma distância relativamente a ela, que é a origem de todo o sagrado. (SERRÃO, 1999, p. 264)

O medo levou povos inteiros a cultuarem divindades para superarem suas fragilidades diante de aspectos com os quais não sabiam lidar. Povos da África e Ásia, diante de redemoinhos, batiam no peito, pediam perdão e ofereciam sacrifícios, pois acreditavam que a divindade estava irada. Feuerbach, em sua obra, *Preleções sobre a Essência da Religião*, relata que na obra de W. Marsden, sobre a *Descrição natural e social da ilha de Sumatra*, os redschangs, habitantes do interior da ilha, ofereciam ao mar bolos e doces toda vez que o viam pela primeira vez, pedindo que não fizesse nada de mal. Os hotentotes adoravam os espíritos maus, pois acreditavam que eles eram os detentores e causadores de todos os males do mundo. Os romanos adoravam alguns deuses para que os ajudassem e outros eram aplacados para que não os prejudicassem. O medo, a dependência e a distinção do homem, diante da força e dos elementos naturais, tornaram-se um dos critérios na formação da religião, uma agitação humana, uma tentativa de evitar um mal futuro. É o repúdio de algo não desejado, formulando assim, a construção fantasiosa da religião que será utilizada para aliviar e consolar esse repúdio por um fim eterno. Entretanto, vale ressaltar que somente o medo não oferece

condições satisfatórias para a explicação da formação das religiões, uma vez que esse sentimento é uma característica passageira e fundamentada na emoção, enquanto a dependência é perene. Portanto, medo e dependência estão associados, sendo a dependência o fim último para o surgimento das religiões naturais em relação à natureza.

Nas *Preleções sobre a essência da religião* poderíamos elencar diversas culturas citadas por Feuerbach que cultuavam deuses pelo medo, mas esse ciclo de medo e dependência surgiu primeiramente na necessidade de superar a natureza, “o sentimento de medo e dependência é a base da religião, mas o objeto primitivo desse sentimento é a natureza. Logo, é a natureza o primeiro objeto da religião (FEUERBACH, 2009, p. 37-38).” É na natureza que o homem revelará seu primeiro sentimento de medo, uma vez que ao se deparar com o desconhecido, surgirá um temor que gerará insegurança. Esse sentimento foi o elemento responsável que levou a humanidade a tentar superá-lo por meio do aprimoramento do conhecimento, na busca por sentidos e uma origem para que o mistério fosse desfeito. Contudo, como a filosofia e a ciência não se apresentavam como instrumentos para o conhecimento naquele momento, os homens, por intermédio da narrativa mitológica, encontrada nas religiões pagãs, passam a dar sentido para os fenômenos naturais que os inquietavam. Nesse momento, os deuses passam a existir na mente humana. A maldade e a bondade surgiram diante da passividade e da submissão ao medo ou por meio da reação diante dele. O medo passa a ser o termômetro da divindade. O bem só é imaginado até onde esse sentimento pode imaginar o mal.

Enquanto para os cristãos Deus é projetado a partir das qualidades humanas, possuidor de atributos humanos, como por exemplo: amor, justiça, razão e seus medos são atribuídos a uma qualidade do seu Deus e não a deuses especiais como aconteciam com esses povos pagãos. Os cristãos não recorriam a deuses perversos, mas recorriam somente ao seu Deus, e afirmavam que ele estava zangado. De onde se origina o mal, origina-se também o bem. A origem da tristeza e da alegria é a mesma; ambos se complementam, bem e mal são imaginados na mesma proporção. Porém, nas religiões naturais o sentimento de dependência frente à natureza e à diversidade de seus elementos os levavam a conceber seus deuses a partir do medo e da alegria que eram fundamentados em relação com a natureza e não subjetivamente como acontece com o cristianismo.

O medo é o sentimento da dependência de um ser pelo qual não sou nada, que tem o poder de me aniquilar. A alegria, o amor, a gratidão são sentimentos da dependência de um ser através do qual eu sou alguma coisa, que me dá o sentimento e a consciência de que eu vivo e existo através dele. (FEUERBACH, 2009, p.44)

É pela dependência do homem em sua relação com a natureza que as primeiras religiões naturais foram sendo formadas e estruturadas. Tudo vem dos deuses. Bondade e maldade procedem exclusivamente dos deuses, mas a mola mestra das religiões são os grandes acontecimentos. A tempestade, a guerra, a fome, a morte foram elementos que despertaram no homem a crença em Deus, tornando-o religioso e convencido de sua dependência e finitude. Segundo Feuerbach, esses acontecimentos que desestabilizam a vivência humana foram fomentadores da narrativa mitológica para apaziguar o sofrimento diante dos acontecimentos naturais e de seus fenômenos.

A dependência é responsável pela origem das religiões naturais e a ligação entre o ser e sua projeção, cujo sentimento mais delicado e doloroso que dela faz parte é a morte: “Se o homem não morresse, se vivesse eternamente, não existiria religião (FEUERBACH, 2009, p.46).” A consciência da morte enfatiza a dependência da nossa própria existência, na qual permanecer vivo não depende mais de nós. A dependência é a origem da religião natural, e em contrapartida, ela busca superar aquilo de que o homem depende.

A busca feuerbachiana em estabelecer uma filosofia ligada à natureza evidencia que todos os fenômenos existentes na vida humana são resultados dela. Não existe nada à parte, e esse é o motivo pelo qual Feuerbach fará críticas, primeiramente, às religiões pagãs, uma vez que, mesmo sendo ela dependente da natureza, eleva seus limites e os concentram em seus deuses. O Filósofo não desmonta a imaginação, pois, segundo sua concepção, ela é eficaz na arte, na capacidade do homem produzir. O que é protestado pelo pensador refere-se à imaginação que criou a religião, por meio da dependência e medo, gerando uma ilusão na humanidade.

A dependência gera contradição entre a existência e a essência. O objeto a ser alcançado sempre está fora da existência. “Igualmente sei que sou um ser finito, mortal, que um dia não mais existirei. Mas julgo isso perfeitamente natural e por isso me sinto inteiramente conciliado com essa ideia (FEUERBACH, 2009, p.49).” No decorrer da

história, o grau de dependência de determinado objeto dá lugar a sacralidade e o utilitarismo, ou seja, aquilo que é útil, passa a ser sagrado e é neste movimento *idiosincrásico*⁴ que se revela os diferentes objetos sacralizados pelo homem. A necessidade e dependência por um objeto da natureza, gerada por determinada cultura, revela sua sacralidade ligada a sua utilidade e a seu interesse. Os hindus consideravam como sagradas as cobras, e era de extrema alegria ser morto por uma picada de cobra, pois se acreditava que ao ser morto por esse animal, um lugar importante lhe seria concedido no reino do deus-serpente. Os próprios hindus veneravam extremamente os bois, dando-lhe inclusive honrarias divinas. Já os habitantes de Sumatra, prestavam honras divinas aos crocodilos e tigres, pois afirmavam que era melhor ser destruído por um desses animais do que destruí-los. Assim,

O necessário é, porém aquilo de que eu dependo; assim da mesma forma que a natureza em geral tornou-se um objeto da religião como princípio fundamental da existência humana, da mesma forma pode e deve também a natureza animal tornar-se objeto da adoração religiosa. (FEUERBACH, 2009, p.56)

Feuerbach relata que o culto a determinados animais é desprovido de qualquer explicação, e que ele não tem mais fundamento na escala religiosa que nos encontramos, mas o que vale ressaltar é que a utilidade e a dependência reforçam a sacralidade do objeto em qualquer época e circunstância. O que é o caçador sem o cão de caça? O camponês sem o boi? Não é o cavalo o ser mais valoroso para o militar? Se determinado objeto traz-me benefício tenho a necessidade de sacralizar; temos essa necessidade de fantasiar. Ao citarmos a adoração dos povos antigos a determinados animais, tentamos enfatizar que ao executar esse ato, o homem acaba por adorar a si mesmo, sua essência, seu contexto, sua cultura. Uma vez que,

O caçador valoriza apenas os animais relacionados com a caça, o camponês somente os relacionados com a agricultura, isto é, o caçador valoriza no animal a caça, que é sua profissão; o camponês apenas sua economia que é sua própria alma e divindade prática. Por isso temos no culto animal a prova,

⁴ É uma característica comportamental ou estrutural peculiar a um indivíduo ou grupo. O termo também pode ser aplicado para símbolos. Símbolos idiosincrásicos são símbolos que podem significar alguma coisa para uma pessoa em particular, como uma lâmina pode significar guerra para alguém, mas para outro ela poderia simbolizar o sacramento de um cavaleiro.

de que na religião o homem objetiva apenas a sua própria essência. (FEUERBACH, 2009, p. 62-63)

De acordo com o pensador é evidente que o homem só adora aquilo do qual é dependente. Uma adoração sem motivo é loucura, tolice. Dessa forma, ao adorar qualquer objeto, o homem revela a adoração de sua própria essência, os valores que ele determinou para si. Toda adoração e veneração trazem consigo algum tipo de vantagem, mesmo que não esteja pautada em animais ou objetos existenciais. Qualquer que seja a adoração existe uma troca; é necessário que esse ato traga-me alguma vantagem. Contudo, na religião a palavra vantagem foi substituída por benefício. Somente um ser beneficiado pode ser grato, passando a legitimar toda sua adoração e amor. Todo processo de aceitação de Deus parte do ser humano, de sua própria essência:

[...]porque, se não amo a mim mesmo, não me adoro, como posso adorar o que é útil e benéfico? Como posso amar o médico, se não amo a saúde? Como posso amar o professor se não quero satisfazer a minha sede de aprender? Como posso adorar a luz se não tenho olhos que procuram a luz, que necessitam dela? (FEUERBACH, 2009, p. 67)

A dependência da vida humana, para Feuerbach, foi um dos fatores que levou o homem a projetar, de forma velada, a existência de um Deus ou de uma essência divina. Essa abordagem revela que sua própria essência passou a ser divinizada. O homem é sim o ser divino e como sua vida é um bem divino, ele a transforma em Deus. Todavia, quando ele perde sua referência da busca por suas qualidades; quando percebe que sua frustração não é capaz de semear mais esperança, ele abandona sua própria vida. “O suicida não tira sua própria vida. Ela já lhe foi tirada. Por isso, ele se mata; destrói apenas uma ilusão, joga fora apenas uma casca cujo cerne, seja por sua culpa ou não, já está apodrecido (FEUERBACH, 2009, p. 68).”

O homem considera-se um ser absoluto. Essa afirmação é clara na relativização dos deuses: Toda divindade só existirá graças à dependência humana. E será importante para o homem somente enquanto forem úteis, prestativos, correspondentes e benéficos, ou seja, enquanto puderem oferecer algo em troca. Feuerbach interroga e responde:

Por que os gregos riam dos deuses dos egípcios, dos crocodilos e gatos? Porque os deuses dos egípcios não correspondiam às necessidades dos gregos. Os deuses gregos eram exatamente correspondentes a essência grega, mas porque os cristãos repudiaram os deuses pagãos, gregos e romanos?

Porque seu gosto religioso se transformou, porque os deuses pagãos não mais ofereciam o que eles desejavam. (FEUERBACH, 2009, p. 70)

Somente a razão e a consciência em reconhecer aquilo que é útil são capazes de diferenciar uma divindade de outra. A diversidade cultural, e, com isso, sua pluralidade de necessidades, levou o homem a reconhecer-se fora de si em uma variedade enorme de deuses, correspondentes de suas necessidades e utilidades. Deuses que são frutos do egoísmo humano, da sua plena realização e satisfação. Ora, quem pode negar que um dos princípios fundadores das religiões é o egoísmo? Quem pode negar que um ser divino só é capaz de se estabelecer se estiver em sintonia com o bem estar humano, ou seja, só é divino um ser que seja benéfico e útil ao homem. Um ser que esteja ligado ao egoísmo humano, que relaciona tudo consigo mesmo. Pois,

O sentimento de dependência parece contradizer o egoísmo, porque no egoísmo eu subordino a mim o objeto, mas no sentimento de dependência eu me subordino ao objeto, no egoísmo eu me sinto como algo importante, mas no sentimento de dependência eu sinto minha insignificância diante de um ser mais poderoso. (FEUERBACH, 2009, p. 95-96)

Feuerbach procura esclarecer e superar uma aparente dicotomia entre dependência e egoísmo, analisando que o medo é a expressão extrema da dependência:

Por que o escravo teme o seu amo, por que o homem primitivo teme ao deus do relâmpago e trovão? Porque o amo tem a vida do escravo nas mãos, e o deus do trovão a vida do homem em geral. Que teme ele então? A perda de sua vida. Ele só teme por egoísmo, por amor próprio, por amor a sua vida. Onde não há egoísmo também não há sentimento de dependência. (FEUERBACH, 2009, p.96)

Pela abordagem de Feuerbach, a necessidade é ao mesmo tempo serva e senhora do seu objeto, tanto na humildade, quanto na soberba. Ela necessita do objeto, pois sem ele sua felicidade fica comprometida. Sua dependência, dedicação e submissão possuem um único motivo: *satisfação*. O ser humano busca satisfazer-se manipulando o objeto da forma que quiser, daí vem a caracterização do seu egoísmo.

Assim, o homem foi moldando Deus de acordo com suas necessidades, projetando sua essência em um ser suprassensível. Na medida em que ele não conseguiu explicar sua essência pela natureza, já que, para Feuerbach, tudo deriva da natureza,

deuses e homens são totalmente iguais, pois deuses surgem e desaparecem como os homens. Ao referenciar Deus, o indivíduo busca referenciar-se. Já que,

Ao adorar a luz como um ser divino, só expresso aqui e sem dúvida, indireta e inconscientemente, a divindade do olho. A luz, o sol ou a lua são deuses, objetos apenas para o olho, não para o nariz; o culto ao nariz só existe nos perfumes celestiais. O olho só endeusa coisas visíveis, sol, lua e estrelas só têm existência para os homens nos olhos, isto é, o olho só endeusa sua própria essência; os deuses dos outros sentidos são para ele ídolos ou simplesmente não existe. (FEUERBACH, 2009, p. 105)

De acordo com o pensador, tudo está ligado à causa e ao efeito. Há uma disputa e concorrência para a existência, ao mesmo tempo em que há uma relação de dependência para a existência. Essa concorrência entre as causas é que concebe os seres, mas estes são frutos da causa e do efeito; o peixe não existe sem o rio. Talvez os inimigos de Feuerbach pudessem encontrar aqui um meio para derrubar suas concepções ou apresentar um fundamento para nossa existência por meio da religião, como uma relação de causa e efeito, mas o Filósofo argumenta: “[...] que me impede de ir também além de Deus? Por que devo parar aqui? Por que não buscar uma causa ou um fundamento para Deus? (FEUERBACH, 2009, p.119).”

Se supusermos Deus como causa do mundo, não seria ele dependente do mundo? Ou seria Deus uma causa sem efeito? Se pela nossa imaginação retirássemos o mundo, o que restaria de Deus? Onde ficaria a força e a sabedoria de Deus sem o mundo? E sua bondade, uma vez que não existe nada para ele mostrar que realmente é bom? Ou até mesmo sua infinitude se nada de finito existisse?

Somente a imaginação é capaz de conceber uma existência ausente, não presente aos sentidos, mas sensorial enquanto sua essência, como cita Feuerbach no capítulo XXI, da *Essência do Cristianismo*, "A imaginação é em geral o verdadeiro lugar de uma existência ausente, não presente aos sentidos, mas sensorial quanto à essência. Somente a fantasia soluciona a contradição entre uma existência ao mesmo tempo sensorial e não sensorial (FEUERBACH, 2007, p. 207)." Associar a religião à existência de um ser separado da sensibilidade humana de sua empiria é estabelecer a existência desse ser somente no pensamento, no espírito, uma vez que, para Feuerbach, não existe separação entre corpo e espírito. O pensamento gestor e responsável pela criação divina se esclarecem por si mesmo, dispensa a sensibilidade, o real. “Fazer a natureza derivar de

Deus é o mesmo que pretender fazer o original derivar da figura, de sua cópia, ou fazer uma coisa derivar do pensamento dessa coisa (FEUERBACH, 2009, p. 136)."

Toda verdade metafísica não é pensada e desejada porque realmente existe, mas o contrário, elas só existem porque são pensadas e desejadas. A imaginação potencializada pela razão concebe essas ideias como verdadeiras, pertencentes à faculdade da abstração, mas que não consegue observar sua própria essência. Feuerbach sempre buscou um homem constante, disposto a superar seus limites e imperfeições, não concebendo uma ideia, mesmo que imaginativa, para atender alguma finalidade. Logo,

Quando o homem constrói uma casa, tem ele na cabeça uma ideia, uma imagem, em fim, ele constrói essa casa para atender determinada finalidade. E esta finalidade, determina a ideia da casa que esquematizo em minha cabeça. Em geral o homem age segundo finalidades, nada faz ele sem finalidades, finalidade que nada mais é que uma concepção de vontade. (FEUERBACH, 2009, p. 145)

Sendo assim, a natureza passa a ser o principal objeto das religiões naturais. Ela expressa de forma objetiva a vontade do homem, mas que é velada e transformada em um ser capaz de suprir todas as limitações humanas. Por isso, quando o homem não reconhece no objeto sua essência, maior será sua capacidade de imaginar e fantasiar sua realidade. Ao revelar desconhecimento para determinado fato, enaltecemos um objeto desconhecido, transformando-o em objeto fantástico, algo para se maravilhar, transformado em entidade divina.

Feuerbach em sua obra, *Preleções sobre a Essência da Religião*, relata que selvagens, ao desconhecerem o que seria uma bandeira, um instrumento matemático, acabam, por meio da imaginação, transformando-o em algo diferente daquilo que realmente é, ou seja, em um objeto divinizado. Os cristãos teologizaram o desconhecido com a palavra fé. É o mesmo mecanismo concebido pelos povos selvagens. Na fé não existe barreiras, o sentimento é de invencibilidade, pelo qual toda imanência é ultrapassada. Há a subtração da realidade, na qual tudo é transformado em atitudes possíveis pela faculdade de imaginar. É justamente,

[...] a imaginação que transforma o vinho em sangue, e o pão em carne. A fé não se prende as leis da natureza; a fé crê que tudo é possível. Pode alguma coisa ser impossível para Deus? A fé só se relaciona com o futuro, com o

inexistente, por isso o crente não desanima nunca. (FEUERBACH, 2009, p. 203)

A fé e a imaginação caminham juntas; ambas trabalham com situações desconhecidas. Fé e imaginação tratam o futuro e nunca o presente. Embora Feuerbach acredite que almejar um futuro melhor possa ajudar em questões sociais e políticas, o que o Autor busca enfatizar é que o imaginar teológico, aquele que produz a realidade divina, depende daquilo que posso imaginar livre da materialidade, da qualidade da minha imaginação. Provar a existência ou inexistência de Deus é pura capacidade imaginativa. “Em suma Deus é um ente imaginário, uma entidade da fantasia; e como fantasia é o órgão da poesia, pode-se dizer: a religião é poesia, um Deus é um ser poético (FEUERBACH, 2009, p. 204-205).”

O Autor não pretende destruir a faculdade da imaginação humana. Sua intenção não é acabar com a fantasia, mas, sim, desmistificar e aniquilar a capacidade de imaginar fora de situações possíveis. Para Feuerbach, a própria natureza, a realidade, oferece material suficiente para se imaginar. É preciso anular o objeto da religião. Não existe um embate contra a poesia, a arte e a fantasia. Sua crítica se reduz a um confronto contra a religião, que é resultado de um pensamento fantástico, descolado da materialidade, que se tornou real na imaginação humana, deixando de ser poesia, para tornar-se uma prosa vulgar. Pois,

[...] a religião considera suas entidades fictícias como entidades reais. A arte não exige que eu deva considerar essa paisagem como um lugar real, este retrato de um homem, como um homem real, mas a religião pretende que eu deva considerar essa imagem como um ser real. (FEUERBACH, 2009, p. 206).

Por meio do sentimento da dependência, e, com isso, sua projeção, Deus, tem o poder de ajudar ou prejudicar qualquer ser humano. Assim sendo, os homens fazem sacrifícios, prestam-lhe homenagens, cultos e adoração, privam-se de qualquer atitude que possa ofender seu objeto de imaginação. Feuerbach ainda relata que a capacidade religiosa está pautada na audição. Ao acabar com a palavra, Deus é suprimido. Na criação do mundo, narrada pelo livro de *Gênesis*, o próprio Deus criou-o somente pela palavra: *Faça-se a luz, faça-se o mundo, e ele se fez*. Toda criação do mundo passou exclusivamente pela boca de Deus. Somente no homem Deus colocou a mão e o

transformou do barro. O Deus cristão é diferente do deus pagão que nascia e correspondia à realidade. O Deus cristão é conceito e não se consegue destruir palavras. Toda criação divina está intimamente ligada à imaginação humana que é despertada pelos mecanismos de dependência, medo, egoísmo e utilidade. Todo processo imaginativo parte da realidade. Não há existência do nada até mesmo para fantasiar. Uma vez que,

Tudo que o homem não é, mas quer ser, imagina como existente, em seus deuses; os deuses são os desejos dos homens, pensados como reais; um deus é a ânsia de felicidade do homem, satisfeita na fantasia. Se o homem não tivesse desejos, não existiria nem religião e nem deuses, apesar da fantasia e sentimento. (FEUERBACH, 2009, p. 225)

Deus, na visão feuerbachiana, passa a ser um realizador dos desejos e provedor da felicidade humana. Entre o desejo e a realidade existe uma grande lacuna de situações que podem incorrer e não determinar o sucesso do desejo humano. Em situações de frustrações, mortes, doenças, dificuldades, usam Deus como ponte, para superação dessas adversidades e realização dos desejos. A realidade, a natureza geram dependência e medo, e a religião vem superar esses traumas. É certo que um *eu* sem desejos não possibilita a existência da religião, mas quando acaba o desejo também acaba o homem, pois o homem é desejo! O problema é que a maioria dos desejos da religião só se realiza na imaginação.

2.4 As influências da filosofia de Baruch Espinosa para a concepção de natureza em Feuerbach

Neste tópico, analisaremos a importância da filosofia de Baruch Espinosa para que Feuerbach pudesse construir sua filosofia sem dualismos, imersa em uma natureza que reconcilia os contraditórios. O filósofo utilizará o panteísmo de Espinosa para superar o subjetivismo na criação de uma entidade metafísica e para romper com a visão solipsista do eu. Enquanto em sua tese de doutorado, *A razão una, universal e infinita*, Feuerbach ainda determinava a universalidade da razão como unidade entre todos os seres humanos, em sua fase madura, o Autor fará uma aproximação com a filosofia de Espinosa para abandonar essa concepção de razão universal e resgatar uma nova visão

de natureza, apoiada no panteísmo; de uma natureza que é causa de si mesma, representação de um todo que se auto determina. Porém, em um segundo momento, Feuerbach desliga-se do panteísmo, que é retratado na obra *História da filosofia moderna*, em que critica a filosofia desse pensador, que, a princípio, subjugou a distinção entre corpo e alma, matéria (natureza) e espírito, à unidade da substância, ainda continha em sua essência uma natureza teológica.

Inicialmente, Feuerbach utiliza o panteísmo de Espinosa como um ensaio e meio de superação entre o paradoxo do espírito e natureza, entre a realidade espiritual e a sensível, em que o pensamento, a ideia, ganha forma de original e a natureza, o deduzido. Para o Autor, Espinosa tem o grande mérito de ter submetido à oposição das partes ao todo. Corpo e alma, natureza e espírito fazem parte de uma única unidade, a substância. Para Feuerbach:

Espinosa tocou, por isso, no ponto certo com sua proposição paradoxal: Deus é um ser extenso, quer dizer, material. Ele encontrou, pelo menos na sua época, a verdadeira expressão filosófica para a tendência materialista dos tempos modernos; legitimou-a, sancionou-a. O próprio Deus é materialista. [...]O materialismo não era nele, como sucedia em inúmeros outros, uma contradição com a representação de um Deus imaterial, antimaterialista, que conseqüentemente transforma em dever do homem apenas as tendências e ocupações antimaterialistas, celestiais; [...]Espinosa é o Moisés dos livros pensadores e materialistas modernos. (FEUERBACH, 2005e, p.117)

Entretanto, é necessário especificar que a conotação dada à natureza por Feuerbach revela um olhar de maturidade e despido de todos os traços divinos, sem, com isso, oferecer um *status* nulo ou sem valor. O alemão registra:

Não pretendo endeusar a natureza no sentido da teologia ou do panteísmo ao designá-lo como fundamento da existência humana, como a essência da qual o homem deve saber depender e da qual é inseparável. Da mesma forma que posso admirar e amar um indivíduo humano sem com isso endeusá-lo, sem com isso até mesmo desconsiderar seus defeitos e falhas, assim também posso reconhecer a natureza como o ser sem o qual eu nada sou, sem com isso esquecer a ausência nela de coração, razão e consciência, que ela só atinge com o homem, sem com isso incorrer no erro da religião da natureza e do panteísmo filosófico, ou seja, fazer da natureza um deus. (FEUERBACH, 2009, p.51)

Segundo Chagas, em sua obra, *Natureza e liberdade em Feuerbach e Marx*, a crítica feuerbachiana a Espinosa parte da concepção de que nesse autor a extensão da matéria faz parte de um atributo divino. E essa extensão, como característica da

substância, constitui a natureza do corpo, a qual pertence a essência comum de todos os corpos determinados e singulares. Por sua vez, esses corpos, em Espinosa, não têm existência, pois não podem ser pensados sem a extensão. De um lado, existe o corpo, marcado pela divisibilidade, limitação, representação de uma essência pura, de uma forma pura, e a extensão, marcada pela indeterminação e indiferenciação, porém em Feuerbach, essa limitação do corpo determinado, revela a limitação da extensão ilimitada. Espinosa por meio do seu conceito de substância ainda não oferece uma solução adequada à problemática entre espírito e matéria (natureza), porque ainda continua sendo uma realidade abstrata. Essa exposição fica mais clara ao evidenciarmos a diferença por meio da qual Espinosa conceitua natureza *naturante*, natureza original, e natureza *naturata*, natureza originada. "[...] por natureza *naturante* devemos compreender o que existe em si mesmo e por si mesmo é concebido, ou seja, aqueles atributos da substância que exprimem uma essência eterna e infinita, isto é, Deus, enquanto é considerado como causa livre (SPINOZA, 2007, p.34)." *Natureza naturante* é, segundo Espinosa, aquilo que existe por si mesmo, de natureza ativa, livre, autocriada, de forma simples e indivisível, representação da substância infinita (Deus). Segundo Espinosa,

Por *natureza naturata*, por sua vez, compreendo tudo que se segue da necessidade da natureza de Deus, ou seja, de cada um dos atributos de Deus, isto é, todos os modos dos atributos de Deus, enquanto considerados como coisas que existem em Deus, e que, sem Deus, não podem existir e nem ser concebidas. (SPINOZA, 2007, p. 34)

Natureza naturata, por sua vez, é conceituada como a representação da natureza passiva, criada, pertencente a tudo que se origina da natureza de Deus (substância), considerada como atributos de Deus, pela sua finitude e determinação. Em Espinosa, Deus é *natureza naturante e natureza naturata*, substância e natureza. Embora possa se objetar de um contraponto na filosofia espinosana, de como pode surgir a imperfeição, encontrada na natureza, da perfeição de Deus (substância), para autor, a natureza não é perfeita e nem imperfeita, já que perfeição e imperfeição estão relacionadas e são dependentes dos juízos, representações e valorizações dos homens.

Para Espinosa, a natureza ganha um sentido metafísico, no qual a substância é apenas *natureza naturante*. A natureza objetiva, sensível é a *natureza naturata* e não

contém na natureza de Espinosa nenhum objeto de sensibilidade; nenhum exterior ou externo, mas uma essência abstrata e não sensível, que não possui realidade fora da substância. Contudo,

Não há, em Feuerbach, um dualismo entre natureza criadora e natureza criada, entre natureza indeterminada e determinada, pois há, para ele, na realidade, apenas uma natureza, à qual o homem deve a sua existência. A posição de Spinoza, segundo qual a natureza é indivisível, simples, sem diferença, expressa tão somente uma concepção abstrata da natureza. (CHAGAS, 2016, p.50)

Feuerbach enxerga no panteísmo uma superação do subjetivismo e da personificação do Deus transcendente, rompendo com um *eu* isolado. O Deus panteísta está imerso na natureza. Deus, panteísticamente, une a natureza e o homem, porém Deus imerso na natureza e natureza imersa em Deus não revela nem Deus e nem a natureza. Espinosa faz uma negação da teologia de forma teológica. Natureza e Deus, segundo o Autor, são idênticos e a matéria ganha um *status* menor como tão somente atributo divino; um atributo natural da extensão divina. Essa rejeição feuerbachiana dirige-se a todos aqueles que enxergam na natureza uma locução divina ou uma corporificação de uma ideia.

Em verdade, teísmo e panteísmo são, para ele, mundos extremos, invertidos: no teísmo, a diferença entre espírito e natureza é absolutizada, porque o homem diviniza aqui apenas a si mesmo; no panteísmo, a natureza foi, ao invés, adorada, pois aqui o homem projeta na natureza sua própria essência. (CHAGAS, 2009, p.50)

A natureza espinosana não é objeto sensível e nem exterioridade, contudo afirma-se como uma essência abstrata, não sensível e metafísica, na qual sua realidade presume um ser anterior, demonstrado como substância, livre das determinações, divisibilidade e multiplicidade. A substância de Espinosa expressa e mantém as qualidades metafísicas e internas de Deus, demonstrando-se como singularidade, perfeição, eternidade, universalidade. Para Feuerbach,

Espinosa fez da matéria um atributo da substância, não porém como um princípio de afecção, mas precisamente porque ela não padece, porque é única, indivisível, infinita, porque tem as mesmas determinações que o atributo do pensar que lhe é oposto, em suma, porque é uma matéria abstrata, uma matéria sem matéria." (FEUERBACH, 2005D, p. 93)

2.5 A natureza e a crítica de Feuerbach à concepção teísta e idealista

Como aludido em outro momento, nas obras feuerbachianas, *Preleções sobre a essência da religião* e *Essência do cristianismo*, não existe uma sistematização do conceito de natureza, uma vez que a intenção principal de sua filosofia é criticar o teísmo, mormente, o cristianismo, o deísmo, representado pelas religiões pagãs e o idealismo, principalmente, a filosofia de Hegel, pois a crítica alemã, especificamente a de Feuerbach "[...] brotou do solo de um sistema filosófico determinado, o sistema hegeliano (MARX; ENGELS, 2007, p.83)." Vale ressaltar que embora o cristianismo tenha um apelo à sensibilidade, quando ele se torna teologia, uma teoria da especulação, baseada na fé e na religião, essa sensibilidade fica distante do homem, pois a representação divina está ausente do conteúdo sensível. Já nas religiões pagãs, Feuerbach conclui que embora possa existir um culto sobre a natureza, evidencia-se sua importância para o homem, demonstrando seu conteúdo material e sensível e que dela ele depende. Da mesma maneira acontece com o panteísmo, conforme abordado no tópico anterior, que trata a natureza como originária, mas associa características divinas a ela. Portanto, tanto as religiões pagãs quanto o panteísmo de Espinosa tratam a natureza como divina, e, para Feuerbach, a natureza não pode ter essa identidade com Deus; ela não deve ser antropomorfizada. Já em Hegel, essa concepção natural apresenta uma lacuna em sua filosofia, destacando-se apenas o pensamento e estabelecendo a sensibilidade e a natureza somente como um momento que deve ser superado. "A falta em Feuerbach de uma reflexão decidida, explicitamente formulada sobre a natureza, pode, conseqüentemente, ser entendida, em princípio, como expressão da ausência de uma tematização da natureza no teísmo e no idealismo em geral (CHAGAS, 2016, p. 63)."

Para Feuerbach, a natureza tem prioridade frente ao espírito, sendo a primeira estrutura da existência, estabelecendo o entendimento constituído como algo secundário, derivado da natureza não criada e não produzida e com sentido somente para si mesma, estabelecida como unidade orgânica, de afinidade entre causas e efeitos. É por meio da natureza que o Autor obtém pressupostos para elaborar sua crítica ao teísmo, deísmo e idealismo e o meio de confrontação a essas correntes que não reconhecem a autonomia e a independência da natureza, visto que uma reconhece a

natureza como obra de um criador, a outra como representação divina frente a sua dependência natural e, por fim, o último, como exteriorização ou puro desdobramento da atividade do espírito.

A natureza para o Filósofo não apenas limita, mas também potencializa e assegura a possibilidade de realização humana de suas necessidades: sensibilidade, vivacidade, vitalidade, afirmação da singularidade e objetividade, que não existe apenas idealmente no entendimento como considera o idealismo alemão, mas que também busca afirmações sensivelmente.

A natureza, "[...] não é um produto nem da atividade de um puro *eu*, do desenvolvimento do espírito, nem de um ato arbitrário de um Deus fictício, sobrenatural, mas pelo contrário, uma essência autônoma que existe independente da consciência humana (CHAGAS, 2016, p.64)." Teísmo, deísmo e idealismo são como o entendimento, posteriores à natureza, que é a base orgânica e fundamento de tais afirmações. Deus, como criador do mundo, é apenas o homem pensado universalmente. Os deuses das religiões naturais nascem de sua dependência inconsciente frente à diversidade natural, já o espírito defendido pela corrente idealista é produto orgânico da natureza, do cérebro humano; uma atividade que não está fora do corpo e dos sentidos. Derivar a natureza de Deus ou do espírito é inverter o princípio universal da natureza e da razão de que, *ex nihilo nihil fit*, do nada nada vem. Esse mundo invertido teologicamente, em que o pensamento vem antes da matéria, o pulmão antes do oxigênio, precisa ser invertido novamente para afirmações coerentes e prudentes que partam da matéria para chegar até o espírito. Porém,

A natureza não pode ter sido deduzida do espírito, já que ela possui uma qualidade completamente diferente dele; mas o espírito pode ser deduzido e esclarecido por ela, uma vez que o homem, como criação da natureza, é a identidade de todas as oposições, isto é, a unidade do espiritual com o natural. (CHAGAS, 2016, p.66)

O princípio universal da lógica e da razão pressupõe que se parta do inferior ao superior, do simples ao complexo, do imperfeito ao perfeito. O homem surge da natureza e sua existência é dependente dela. Seu fundamento está contido em si e não fora de si. O espírito humano seria o pleno desenvolvimento da natureza, transformando o homem em um ser autônomo, autoconsciente, em que, por meio do homem, a

natureza toma consciência de si mesma. Apresentada as circunstâncias, o *eu* não é apenas sujeito, mas também, concomitantemente, predicado de uma mesma essência real. Pela sua corporeidade, ele está aberto à natureza, ao mundo; seu corpo possibilita essa estada no mundo.

2.6 A soberania da natureza revelada pela sua autonomia

A autonomia da natureza, defendida no tópico anterior, como causa de si mesma, princípio de toda criação divina ou interiorização humana, é utilizada novamente neste capítulo como elemento principal para revelar os limites e as contradições da vida sobrenatural. Agora, a natureza deixa de ser meio para tornar-se essência humana e superação teológica. Essa relação sincera entre homem e natureza possibilita uma lucidez e harmonia no reconhecimento do mundo, de si e de todos os outros seres.

Segundo Chagas, os textos de Feuerbach que compreendem os períodos, de 1839-1843, são conhecidos como sua segunda fase de pensamento, na qual é estabelecida uma nova concepção da natureza, ou seja, a natureza deixa de ser natureza do homem, do gênero humano, passando a afirmar a natureza como ela é em si mesma. Por meio da obra, *Essência do Cristianismo*, o Autor evidencia o distanciamento e a relação negativa que existe entre o cristianismo e a natureza, uma vez que no cristianismo o homem está concentrado apenas em si mesmo, fazendo de si uma essência absoluta que não necessita da natureza, pelo contrário, os meios naturais afastam o homem da sua vontade metafísica e que tem como finalidade a imortalidade da alma. Contudo,

Este entendimento negativo do cristão para com a natureza torna-se, por exemplo, muito evidente não só na Doutrina da Criação, mas também na Doutrina do Pecado Original, pois essa, fundada no desdém pela natureza, baseia-se num sentimento de culpa condicionado pela falha e fraqueza do homem e, por isso, na negação de sua corporeidade, de sua sensibilidade presa a natureza. (CHAGAS, 2016, p. 72)

Elementos que compõem a natureza como objetividade, corporeidade, necessidade, sensibilidade, revelam os limites e o potencial da vida humana, mas

contradizem-se com a vida sobrenatural, desejada pelo homem, que busca livrar-se das tentações e desejos da carne para alcançar a vida eterna. Para Feuerbach, Deus é apenas uma representação e construção subjetiva do gênero humano, abstraída dos limites e interdições dadas pela natureza. Mas o homem só é o que é pela natureza, pois ela é fundamento da existência humana, revelando sua essência sensível, temporal e de necessidade e o Cristianismo, por sua vez, é o seu inverso, extramundano, atemporal e sobrenatural, fazendo da natureza um conteúdo que contradiz o desejo ilimitado do homem de se realizar em um além. No Cristianismo, Deus está repleto do conteúdo humano, mas abstraído da vida real, pois "[...] quanto mais pobre for a minha vida, mas rico será meu Deus." (FEUERBACH, 2007, p.148). Na religião, os limites humanos são suspensos, realizando a troca de uma satisfação real por uma realização ilusória, visto que Deus, enquanto essência extramundana e sobrenatural impõe a necessidade de desligamento das condições naturais que se apresentam ao homem.

A natureza e o mundo para o cristão não é visto como essencial para a realização de suas vontades. Teologicamente também não existe uma preocupação para o esclarecimento físico e natural do mundo; de uma fundamentação ou explicação dos fenômenos naturais como encontramos na ciência, pois a essência teológica e divina encontra-se fora da natureza objetiva; suas respostas estão em Deus. O fundamento teológico e o que o faz valer está pautado na fé, em um indivíduo cristão que só pensa em si mesmo ou que é o mesmo em Deus.

A superação teológica só poderá acontecer com a sincera ligação do homem com a natureza. Pela natureza, o homem conscientiza-se de que sua existência é dependente dela, uma vez que, sem a natureza, o homem nada pode ser. Se na *Essência do Cristianismo*, o objeto da religião era a essência do homem, abstraída da natureza, nos escritos de 1846-1848, em sua fase madura, Feuerbach supera todo discurso antropológico, teleológico e teológico em relação à natureza e sua autonomia frente às deduções teológicas. A preocupação feuerbachiana, neste momento derradeiro sobre a natureza, busca demonstrar o significado da sensibilidade e anuncia o sentimento de finitude do homem e de sua dependência da natureza e não de algo sobrenatural. Feuerbach, "[...] não vê a natureza como algo sagrado, divino, isto é, como objeto religioso, tal como ela aparece na religião da natureza, mas pelo contrário, como uma essência objetiva que existe apenas por si mesma, independente do homem (CHAGAS, 2016, p.77)." O Filósofo quer excluir da natureza todos os preceitos humanos ou

consequência de Deus para a sua valorização, enaltecendo, assim, a autonomia da natureza.

O Autor em relação ao *status* da natureza oferece, na situação presente, pontos de referência para uma resistência contra toda exploração arbitrária e brutal da natureza, a favor dos desígnios e desejos ilimitados do homem e, ao mesmo tempo, fornece, conseqüentemente, sugestões e contribuições para um debate frutífero sobre a crise ecológica atual. "O homem moderno civilizado, desnaturalizado, instalado num mundo já transformado pela sua ação, reivindica para si a autoria do mundo, e daí, os direitos de paternidade, de posse e de propriedade sobre ele (SERRÃO, 1999, p.282)."

Feuerbach reclama do caráter utilitarista que o homem estabeleceu com a natureza como senhor do mundo ou senhor absoluto, buscando viabilizar uma atitude postular do direito de todos os seres vivos à vida. Para isso, de maneira concisa, denuncia que:

Quando a lei do homem se dirige contra as coisas e seres que o prejudicam, quando a ordem humana é projetada como lei universal do mundo, chega-se ao ponto de poder proferir um juízo de morte, uma sentença que se arroga o direito de privar do seu próprio direito a vida. (SERRÃO, 1999, p.283)

Para Feuerbach, a ordem humana não pode ser critério para estabelecer leis universais. É preciso reconhecer a natureza e seus seres como elemento primordial na fundamentação dessas leis. Para exemplificar, nosso Autor utiliza o exemplo da pulga. Quando se mata uma pulga em decorrência de sua picada, bane-se a sua necessidade de existência, rompe-se com sua conexão orgânica consigo e com o restante do mundo, isolando apenas a sua picada. Da mesma forma, um jurista ou moralista julga do homem que rouba apenas o roubo, resumindo, a pulga pica, mas não deve picar, pelo menos não a mim. Essa picada é um empecilho que fere o impulso do homem pela felicidade, porém a pulga só pode picar se existir, logo ela não deve existir, tornando-se necessário a sua morte. De acordo com Serrão⁵, Feuerbach foi um filósofo da natureza, defensor das leis naturais e do direito à vida de todos os seres. Para ele, o ordenamento jurídico não pode colocar o homem no centro. É necessário que as leis ou qualquer outra regulamentação jurídica possam estabelecer leis de igualdade de direitos sobre outros seres. As leis de roubo ou outros crimes que se voltam somente para os homens estão

⁵ Palestra proferida no dia 23 de maio de 2015 no IV Congresso Internacional sobre Ludwig Feuerbach na Universidade Federal do Ceará, com o tema: *Antropologia e Ética*.

fundamentadas na esperteza e egoísmo humano, argumenta Feuerbach. Quem me concede o direito de matar alguns animais? Ou quem me dá o direito sobre as frutas? Elas não pertencem a todos os outros animais também? O Autor quer estabelecer uma relação autêntica entre o homem e a natureza, pois, como o homem precisa da natureza, a natureza precisa do homem. "O apelo a uma dignificação que interdiz todo o despotismo e a supressão desejável de todo ato de dominação instauram uma ética da Natureza correlativa de uma humanização não violenta do próprio homem (SERRÃO, 1999, p.284)." Para Feuerbach, a libertação da concepção divina, por meio da conscientização humana de si, não pressupõe a libertação da natureza. Ao me emancipar da concepção divina de súdito não implica que eu seja um novo senhor. O que é proposto não é uma relação ingênua do homem com a natureza, mas uma relação harmoniosa, lúcida e consciente, que passa pela preservação das nossas principais fontes naturais e que podem um dia não mais existir. A exploração com finalidade voltada apenas para o capital é um destes meios que rompem com essa convivência harmoniosa, proposta por Feuerbach.

2.7 Natureza, fundamento sólido para o pensamento

Enquanto no tópico anterior argumentamos em favor da natureza, de uma defesa irrestrita aos direitos de todos os seres e do respeito e preservação dos meios naturais em oposição ao cristianismo e ao idealismo, que utilizavam a natureza apenas como meio, algo menor para um objetivo abstrato. Neste tópico, Feuerbach fundamentará esta defesa por meio das ciências naturais que o ajudarão a superar as incoerências da filosofia especulativa e da religião cristã que não vê neste mundo a causa de si mesma. O Filósofo pretende desenvolver uma conscientização humana que acontece sensivelmente em contato com a natureza e que respeita suas diferenças, tanto da natureza quanto do homem, pois a antropologia feuerbachiana é fruto da humanização do homem e não de sua naturalização, ou seja, suas diferenças são respeitadas, homem e natureza podem reconciliar-se sem perder a sua essência.

Em suas obras, *Teses provisórias para a reforma da filosofia* e *Princípios da Filosofia do Futuro*, Feuerbach vê com entusiasmo as ciências da natureza que servirão

de base à sua filosofia para a superação das incoerências da filosofia especulativa, tanto quanto das fantasias imaginárias da religião, estabelecendo uma visão antiteológica e antimetafísica em favor dos objetos físico-naturais imanentes à natureza, embora o Autor não tenha sido nenhum cientista da natureza, pois de acordo com nosso Filósofo, as ciências naturais conhecem apenas a história da natureza ou um elemento isolado, não obtendo acesso a totalidade da natureza e da essência humana. Assim,

O olho como instrumento físico pode conhecê-lo depois da morte, mas o acto nervoso do olhar, o ver, é um acto vital que, enquanto tal, não podes, pelo menos imediatamente, tornar num objeto da fisiologia, tal como não pode saborear o paladar de um outro. A fisiologia pode conhecer apenas fenômenos, mas nunca a essência da vida; porque a vida é uma referência de si a si mesma, é apenas subjetiva, daí ser uma contradição com a vida que ela seja um objeto para um outro. (FEUERBACH, 2005H, p.193)

A vida sempre será um ponto de vista do absoluto em contato com a natureza como uma essência autônoma e incriada, revelando sua soberania. O exterior pressupõe o interior que se realiza na exterioridade. A essência da vida está na sua exterioridade, ainda que possamos encontrar na natureza toda mutabilidade e transitoriedade que sofre intermináveis interferências, e, analisada por meio dos valores humanos, revelando-se como espaço de finitude, limitação e precariedade. Segundo o Autor, a natureza está livre da consciência humana ou de uma condição menor oferecida pela visão teísta ou idealista. Ela é o ser primeiro, a causa por meio da qual todas as coisas devem a sua existência, realizando-se de forma autônoma, independente, não deduzível e objetivamente necessária.

A natureza, por esse viés feuerbachiano, só pode ser explicável quando reconhecemos que ela não é algo abstrato ou fruto de algo abstrato, mas a união de toda diversidade de seres concretos e singulares, e, que, somente por meio dela, as coisas têm existência real. Tudo emana dela, de sua concretude, até mesmo os pensamentos e representações, pois ambos têm sua base orgânica, de um órgão natural, o cérebro humano, pertencente a uma atividade ligada ao corpo e aos sentidos.

A relação do homem com a religião nasce de bases materiais simples e naturais. Sofrer pela morte de um ente querido, sentir alegria pelo nascimento de uma nova vida são sentimentos ligados aos fenômenos naturais e a vida humana não é algo à parte da essência humana, suas bases são sólidas e materiais, somente em um segundo momento

que esses elementos tornar-se-ão algo à parte e de pretensões especiais. Feuerbach declara:

Odeio o idealismo que arranca o homem à natureza; não me envergonho de depender da natureza. [...] E não creio, como o cristão, estar essa dependência em contradição com minha essência e também não espero nenhuma redenção, nenhuma libertação desta contradição. Igualmente sei que sou um ser finito, mortal, que um dia não mais existirei. Mas julgo isso inteiramente natural e por isso sinto-me inteiramente conciliado com esta ideia. (FEUERBACH, 2009, p.49)

A verdade a que devemos chegar não é a dedução do espírito por meio da natureza, pois isto é evidente. O grande impasse e problema insolúvel é determinar a natureza do espírito. Tudo começa da natureza, passando ao homem, e, por fim, chegando ao espírito. O homem deve tratar e respeitar a natureza como sua grande amada, suas necessidades e vida dependem dela. O homem,

[...] não é nenhum ser sem necessidade, mas um organismo que pressupõe as determinações da natureza, água, ar, alimento etc.: por fim, considerar o espírito como premissa da natureza é sem sentido, pois não se pode explicar de onde o espírito toma determinação para a matéria. (CHAGAS, 2016, p.83)

Para Feuerbach, a natureza atinge seu pleno desenvolvimento, tornando-se pessoal, autoconsciente, inteligível por meio do homem; converte-se em espírito, tomada por uma consciência de si mesma, visto que o homem diferencia-se de toda forma de existência da natureza.

A proposta feuerbachiana é que o homem possa dar primazia à natureza; estar totalmente em conexão com ela, e, para que isso aconteça, é preciso reconhecer que Deus não é nenhum ser que existe por si, mas apenas uma representação da essência humana, na qual essa relação de Deus com o homem representa apenas uma relação do homem consigo mesmo e uma cisão de si. Feuerbach quer estabelecer uma relação afetuosa e natural com a natureza. Porque:

O mundo natural é, para o homem concreto de Feuerbach, sobretudo um espaço envolvente e um ambiente, não uma ideia teórica ou uma concepção científica, nem apenas origem da vida ou base das necessidades primárias da existência. O ser humano integra-se num mundo natural vivido, não na frieza de um mundo concebido e interpretado. (SERRÃO, 1999, p.288)

A conscientização humana deve desenvolver-se sensivelmente, e, para isso, a natureza oferece meios necessários para aprender por meio dela mesma, sendo legítima a distinção existente entre a coisa em si e a coisa para nós, livre da presunção de estabelecer qualquer medida humana. A natureza existe sem Deus e sem o homem. Ela é princípio, está na base da existência e não é fruto da existência. Natureza é tudo que o homem distingue como não humano. Seu fundamento não é constituído por intenções ou vontades. Ela ultrapassa a significação humana de enigma alcançado só hipoteticamente, pois não nega leis que correspondem ao real. "A natureza é a essência que não se distingue da existência, o homem a essência que se distingue da existência. A essência que não se distingue é o fundamento da essência que distingue - a natureza é, portanto, o fundamento do homem (FEUERBACH, 2005d , p.97)."

A reflexão acerca da natureza feita por Feuerbach concilia o homem com a natureza, mas mantém sua diferença. A concepção de natureza, para Feuerbach, não é um único conceito. Ela é conjunto, fundamento e base, aliança entre antropologia e natureza, substituindo filosofia e teologia. É o vínculo do homem com o mundo natural, unido à natureza, mas diferente dela. O primeiro ser fisicamente é a natureza, mas não moralmente. A antropologia é fruto da humanização do homem e não da sua naturalização, por isso não existe a intenção de reduzi-lo a um ser natural, lembrando que a relação do homem com a natureza nunca será passiva, é de rivalidade. O homem transformou a terra em uma base racional e a transformará em algo mais humano ainda. Feuerbach aponta para uma relação entre a natureza e o homem, respeitando suas diferenças e integralidade. É preciso evitar exageros de venerar a natureza como mãe. Não é fazer da natureza um Deus, mas tratá-la como natureza. O homem é filho da natureza e a natureza é fundamento e fonte da existência, fazendo com que o homem não seja apenas o *eu* da natureza, mas também o *tu*.

2.8 A intolerância cristã à natureza e à consciência de gênero disfarçada

Depois da aproximação que fizemos entre homem e natureza, mas respeitando suas diferenças para que pudesse haver uma relação sincera entre ambos, Feuerbach, neste tópico, nos mostrará que homem ao não se reconhecer como um ser natural, mas consciente de si enquanto gênero projeta Deus para suprir suas limitações naturais,

rejeitando o corpo e tudo que possa relacionar-se com a natureza. O Autor alemão nos chama a atenção para a conscientização de que fundamento de todos os seres é a natureza, inclusive a natureza em si. Entretanto, o que irá nos diferenciar dos animais é nossa capacidade de raciocinar, desejar e sentir desenvolvidos em nossa consciência. A falta dessa consciência de si e que se realiza na materialidade, leva o homem a projetar-se em um Deus ou em deuses como no politeísmo, de acordo com a variação do gênero, mas com finalidade semelhante de suprir suas limitações.

A aversão cristã à natureza está fundamentada em uma teologia que estabelece um Deus sobre-humano ou sobrenatural, o qual oferece salvação individual, fazendo com que o homem concentre-se apenas em si mesmo, transformando-se em uma essência absoluta e sobrenatural, desligado da natureza. Para Feuerbach, Deus e homem no cristianismo são idênticos. De um indivíduo que é também gênero, de essência universal, e, por isso, no Cristianismo, o individual é identificado com o gênero, no qual o conceito de Deus é confundido com o conceito de humanidade. Deus, para Feuerbach, é o conceito de gênero livre de todas as imperfeições, as quais os homens estão sujeitos; uma subjetividade absoluta, pura e livre de todos os limites impostos pela natureza. É pelo conceito de gênero que Deus foi criado pelo homem, a fim de se superar e se livrar da transitoriedade e necessidades da natureza. Contudo, para Feuerbach, o homem só é o que é pela natureza. Seu fundamento está na natureza pela sua sensibilidade, temporalidade e necessidades, esquecendo que a natureza revela tanto um passivo ligado às necessidades como um ativo que possibilita as potencialidades humanas. O desprezo da natureza acontece pelo desejo de encontrar no além aquilo que nos causa medo no aquém, revelado pela fragilidade da existência frente às necessidades da vida. Com isso, potencializado pela subjetividade humana, a imortalidade pessoal, insensível e assexuada serve de pressuposto para livrar-se do temor de uma existência fragilizada, sensível e sexual. Como quer Chagas, segundo Feuerbach,

O Cristianismo diferencia *a vida do além* da vida real, temporal: enquanto a primeira representa a vida ilimitada, a segunda corresponde à vida escura, obscura, isto é, à vida da dor e do tormento, porque ela está presa, de acordo com o Cristianismo, aos prazeres da carne. (CHAGAS, 2016, p.85)

O Cristianismo rejeita o corpo pelas suas limitações no mundo real, passando a excluir tudo que esteja ligado à natureza. É na natureza que são postas todas as contradições das quais o Cristianismo quer se ver livre, no qual o positivo pertence a

Deus e o negativo à natureza. Para o cristão, a natureza foi criada a partir da arbitrariedade divina. Para Feuerbach, a consciência tem papel preponderante na projeção de Deus, revelada pela noção de gênero não reconhecida e velada, em um contexto histórico. A consciência no decorrer da história da filosofia para alguns autores foi sendo definida dependendo do tipo de estudo que se tinha como objetivo, e, com Feuerbach, isso não foi diferente.

Em um primeiro momento, a consciência era “[...] a possibilidade que tem cada um de dar atenção aos seus próprios modos de ser e as suas próprias ações, bem como de exprimi-los com a linguagem (ABBAGNANO, 2007, p.217).” Esse tipo de consciência foi utilizada por autores como Sócrates, Platão e Aristóteles e tinha como objetivo estar ciente dos seus próprios estados, percepções. Em outras palavras, quando dizemos que determinada pessoa está consciente, isso significa que ela não está passiva, ou seja, desmaiada, dormindo. É claro que esse estado de consciência dá atenção aos seus modos de ser e suas ações. Posteriormente, os estudos em relação à consciência mantêm as bases, porém a noção torna-se mais complexa: agora o estado de consciência é como se fosse “[...] uma relação da alma consigo mesma, de uma relação intrínseca do homem, ‘interior’ ou ‘espiritual’, pela qual ela pode se conhecer de modo imediato e privilegiado e por isso julgar-se de forma segura e infalível (ABBAGNANO, 2007, p.217).”

Esse estado novo de consciência proporciona ao homem um encontro consigo mesmo e o reconhecimento de um *eu* interior. Agora o homem não é apenas consciente dos seus estados psíquicos voltados para as realidades externas, mas, também torna-se capaz de voltar-se para si mesmo, para sua interioridade.

No início de *Essência do Cristianismo*, Feuerbach caracteriza a diferença essencial entre o homem e o animal, que se dá por meio da consciência. Contudo, o próprio Autor deixa claro que é a consciência em um sentido rigoroso, pois uma consciência das coisas exteriores, do discernimento sensorial, os animais também a possuem. A consciência que o Autor pretende enaltecer é a que permite ao ser ter como objeto seu gênero e sua singularidade, ou seja, subjetividade e universalidade. O conceito de que uma consciência não é estabelecida somente pelo seu reconhecimento como indivíduo, mas uma consciência de si como espécie no sentido universal, e, conseqüentemente, da sua própria condição humana. “[...] no animal é a vida interior

idêntica à exterior – o homem possui uma vida interior e uma exterior. A vida interior do homem é a vida relacionada com seu gênero, com sua essência. O homem pensa, i.e., conversa, fala consigo mesmo (FEUERBACH, 2007, p.35)."

De acordo com o Autor, a consciência passa a ser infinita, pois uma consciência limitada não é consciência, uma vez que, "[...] a consciência do infinito nada mais é que a infinitude da consciência (FEUERBACH, 2007, p.36)." Estabelecida a clara visão de que o homem tem de seu gênero, ele se transforma em *eu* e *tu*, podendo se colocar no lugar do outro, justamente porque o seu gênero e a sua essência são, para ele, objeto. Pois,

O homem torna-se simultaneamente indivíduo e espécie, singularidade e universalidade. Ele, portanto, carrega a universalidade dentro de si. Nesse sentido, nenhum homem é uma ilha, ou para aprofundarmos a comparação, nenhum homem é um molusco: uma ostra separada de outras ostras pela semelhança surda. Consciência humana liga cada indivíduo ao conjunto. (FREDERICO, 1995, p. 34-35).

Embora os humanos sejam diferentes, temos uma origem natural igual às plantas e aos animais. Ao detectarmos a origem comum entre os seres, inclusive nós, podemos nos perguntar: o que realmente nos diferencia dos animais?

Não obstante tenhamos a mesma origem dos seres existentes, nossa diversidade surge por meio da *razão*, da *vontade*⁶ e do *coração*⁷, ou seja, o que vai nos diferenciar de todos os outros seres e vai caracterizar a nossa essência é a nossa capacidade de pensar, desejar e amar. Esses três argumentos caracterizarão o que Feuerbach chama de A Trindade Divina no Homem⁸. É na consciência que se dá esse processo, que tem

⁶ Feuerbach também utiliza a expressão amor no lugar de vontade.

⁷ É usual em Feuerbach ser trocado o tema coração por sentimento, uma vez que o sentimento será o órgão essencial da religião, pois nada mais expressa à essência de Deus, do que a essência do sentimento.

⁸ Feuerbach na *Essência do Cristianismo* define do que é composta a essência humana; o filósofo declara: "Mas qual é então a essência do homem, da qual ele é consciente, ou que realiza o gênero, a própria humanidade do homem? A razão, a vontade, o coração. Um homem completo possui a força do pensamento, a força da vontade e a força do coração, a força do pensamento é a luz do conhecimento, a força da vontade é a energia de caráter, a força do coração é o amor. Razão, amor e vontade, são perfeições, são os mais altos poderes, são a essência absoluta do homem enquanto homem e a finalidade da sua existência. O homem existe para conhecer, para amar e para querer. Mas qual é a finalidade da razão? A razão. Do amor? O amor. Da vontade? O livre arbítrio. Conhecemos para conhecer, amamos para amar, queremos para querer, i.e., para sermos livres. A essência verdadeira é a que pensa, que ama, que deseja. Verdadeiro, perfeito, divino é apenas o que existe em função de si mesmo. Assim é o amor, assim a razão e assim a vontade. A trindade divina do homem e que está acima do homem individual é a unidade de razão, amor e vontade. Razão (imaginação, fantasia, representação, opinião). Vontade, amor ou coração não são poderes que o homem possui - porque ele nada é sem eles, ele só é o que é através

como base a razão da qual deriva a imaginação, a fim de satisfazer todos os tipos de carências ou aptidões humanas, como o medo, a dependência, o egoísmo, utilidade, dentre outros, para assim chegar a um processo de alienação humana: “[...] qualquer que seja o objeto de que tomemos consciência da nossa própria essência; não podemos confirmar nada sem confirmarmos a nós mesmos (FEUERBACH, 2007, p.39).” Tudo que construímos e temos a ideia de que já esteja construído, parte de nós mesmos; é uma confirmação da nossa própria essência. “Se as plantas tivessem olhos, gosto e juízo – cada planta iria escolher a sua flor como a mais bela, porque o seu gosto não iria além da sua capacidade essencial produtiva (FEUERBACH, 2007, p.40).”

São essas três qualidades: *razão*, *vontade* e *coração* que animam, determinam e dominam o homem, e das quais ele não pode oferecer resistência, visto que elas são elementos básicos da espécie humana. “Razão, vontade, amor ou coração não são poderes que o homem possui - porque ele é nada sem eles, ele só é o que é através deles - são, pois como elementos que fundamentam a sua essência e que ele nem possui e nem produz (FEUERBACH, 2007, p.37).” Mas é na religião que esses elementos da essência humana são divinizados como autônomas, pertencentes a Deus ou independentes do homem. Porém, para Feuerbach, o objeto é a afirmação humana de sua essência e de sua generalidade, objetivando nossa essência e ficando restrita ao rótulo de limitada ou finita. “O equívoco consiste precisamente em identificar os limites da individualidade, da personalidade com o gênero, ou melhor, dizendo, fazer das restrições do indivíduo limitações da essência humana (CHAGAS, 2016, p.88).” O que Feuerbach irá diferenciar são os objetos, denominando como objeto sensível, não religioso e não adorável, do objeto religioso, divino e adorável, enquanto o objeto sensível é diferenciável da consciência, o objeto religioso é harmonizado com a consciência.

Todavia, há diversas formas de canalizar essa limitação, uma vez que não suportamos olhar para nós e reconhecer-nos como o pior dos seres. Essa situação não nos é salutar, então, projetamos tudo aquilo que nos falta, como uma forma de nos autoenganar. Porquanto,

Uma limitação que reconheço como a minha limitação, esta me humilha, me envergonha e me intranquiliza. Então para me libertar deste sentimento de vergonha, desta intranquilidade, faço das limitações da minha

deles -, são pois como os elementos que fundamentam a sua essência e que ele nem possui e nem produz, poderes que o animam, determinam e dominam - poderes divinos, absolutos, aos quais ele não saber oferecer resistência (Feuerbach, 2007, p. 36-37).”

individualidade, as limitações da própria essência humana. (FEUERBACH, 2007, p.40)

Portanto, toda consciência é consciência de si mesmo. Quando falta esse tipo de consciência, o homem projeta para fora de si sua limitação, por isso Feuerbach afirma que a religião é antropologia; é a própria essência humana, identificada e atenta às necessidades humanas. Mas até mesmo para que tenhamos consciência de algo, é preciso que ela corresponda a nossa realidade, a nossa base material, a nossa natureza. Assim,

Se Deus fosse objeto para o pássaro, seria objeto apenas para ele como um ser alado: o pássaro não conhece nada mais elevado, nada mais feliz do que ser alado. Quão ridículo seria se esse pássaro dissesse: para mim aparece Deus como um pássaro, mas o que ele é em si eu não sei. (FEUERBACH, 2007, p.48)

Nós só acreditamos nas qualidades divinas porque nós temos as mesmas qualidades; só acreditamos no amor de Deus porque amamos; só acreditamos na bondade porque sabemos e não reconhecemos nada melhor que a bondade. Conhecer a felicidade e não desfrutá-la é uma infelicidade. A projeção é eficiente na construção da autoridade de Deus, por isso a necessidade de outro mundo, mas o que nós não nos damos conta é que quando projetamos nossa essência genérica em um ser livre de contradições e limitações, o homem:

[...] não é mais homem – no máximo somente na imaginação – não tem uma vontade própria, distinta da vontade divina, conseqüentemente também – por que é um ser sem vontade – não tem mais nenhuma essência própria, está unido com Deus; desaparece no outro mundo a distinção entre Deus e o homem. Mas onde só existe Deus, não existe mais Deus. Onde não existe oposição a majestade, não existe majestade. (FEUERBACH, 2007,p.49)

A consciência animal não consegue transcender o dado; ela está reduzida apenas à exterioridade; não há uma consciência de si e de seu gênero. Os animais não conseguem adicionar nada ao real como nós temos a capacidade pela imaginação, a relação animal-mundo é de puro ajustamento. No mundo animal não existem artistas, revolucionários, neuróticos e muito menos religião. O ser humano é esse ser completo e problemático; um ser que deseja, pensa e ama; um ser para o mundo; um ser que merece

ter de volta a sua vida com o resgate da sua própria identidade por meio de um olhar para si.

Dessa forma, o ser humano será capaz de superar-se ou encontrar sua felicidade no agora por meio da intensidade e da relação mútua com o mundo para obtenção de uma felicidade possível. Em contraposição ao animal que não executa atividade genérica, como pensar, falar, o homem possui uma vida interna e outra externa, podendo ser *eu* e *tu*. Sua concepção não é apenas individual, mas também coletiva, voltada para a espécie, revelando sua essência universal, que só pode existir no contato com o outro, na comunidade, tornando-o consciente da sua espécie. Essa consciência de si no outro, recebe o nome de consciência de gênero. É essa consciência de gênero, do universal, consciência de sua própria essência que libera o homem de pensar isoladamente e potencializa outras essências como vontade, razão e sentimento que estão para além do homem individual. Conquanto,

Feuerbach conclua disso que a consciência do homem de Deus é a sua autoconsciência, chama ele mesmo atenção para o fato de que o homem religioso não é a si imediatamente consciente de que a sua consciência fundamenta *de fato* a essência da religião. (CHAGAS, 2016, p.89)

Deus, segundo Feuerbach, é uma qualidade determinada por outro ser. Não é sujeito, mas predicado, fundamentado no sentimento e fantasia humana, na qual todos os predicados atribuídos a ele, como por exemplo, onipresença, onipotência, onisciência, amor, justiça, valores estes que pertencem ao gênero humano, puramente antropomorfismos, e é isso que se presta a filosofia feuerbachiana: não somente suplantar a oposição entre Deus e o homem, mas também levar a conscientização da cisão entre ambos, dado que a religião transforma em *inconsciente* as determinações do homem em um ser sobrenatural, livre das determinações do espaço e do tempo.

Feuerbach nomeia duas determinações essenciais de tais predicados: uma é universal, metafísica, como a totalidade, a infinitude, a indeterminidade, e serve a religião como um princípio absoluto; a outra é particular, pessoal, como o amor, a justiça, a virtude, e caracteriza a essência da religião. (CHAGAS, 2016, p.91)

Segundo o Filósofo, quem fez a distinção entre o homem e Deus foi a teologia por meio da sua teorização ao estabelecer a diferença entre Deus e o homem,

designando o homem como nada e Deus como tudo e ao demonstrar o caráter negativo teológico de hostilidade ao homem. Na teologia não existe consciência de nenhum limite, por isso Deus é colocado fora do limiar da sensibilidade, das imposições e limites da natureza. Lembrando que,

A religião é a cisão do homem consigo mesmo: Deus não é o que o homem é, o homem não é o que Deus é. Deus é um ser infinito, o homem o finito; Deus é perfeito, o homem imperfeito; Deus é eterno, o homem transitório; Deus é plenipotente, o homem impotente; Deus é santo, o homem é pecador. Deus e homem são extremos: Deus é o unicamente positivo, o cerne de todas as realidades, o homem é o unicamente negativo, o cerne de todas as nulidades. (FEUERBACH, 2007, p. 63)

Feuerbach esclarece que esse desentendimento entre homem e Deus, que é confirmado pela teologia, é, factualmente, a oposição entre o homem e sua própria essência. O pensador acrescenta que as determinações variadas de gênero representam maneiras diferentes de representações divinas, dentre elas, a diferença entre o politeísmo e o monoteísmo. Feuerbach considera que,

O pagão é patriota, o cristão cosmopolita, logo é também o Deus do pagão um Deus patriótico, mas o Deus do cristão um Deus cosmopolita, isto é, o pagão possui um Deus nacional, porque o pagão não ultrapassou a fronteira de sua nacionalidade, para ele a nação estava acima do homem; mas o cristão possui um Deus universal, geral, que abrange todo o universo, porque ele próprio ultrapassa o limite da nacionalidade. (FEUERBACH, 2009, p.30)

A única diferença existente entre o politeísmo e o monoteísmo, dar-se-á na distinção entre espécie e gênero, pois mesmo que as espécies tenham como característica essencial a diferença, todas elas se identificam com o gênero, que é apenas um. Por isso, o fundamento politeísta está ligado a uma sociedade que ainda não se elevou acima do conceito de espécie humana e que estabelece a conexão de igual direito e capacidade com o seu semelhante. Feuerbach adverte:

[...] logo existem muitos deuses onde o homem faz da essência da sua espécie uma essência absoluta. O monoteísmo porém atinge o homem no momento em que ele se eleva ao conceito de gênero, no qual todos os homens se igualam, onde desaparecem suas diferenças de espécie, estirpe e nacionalidade.(FEUERBACH, 2009, p.30-31).

Tal afirmação pode ser evidenciada na multiplicidade de deuses no politeísmo e na unicidade de um Deus no monoteísmo. Os traços sensitivos e corporais dos deuses pagãos são apagados no Deus monoteístico cristão. Tanto o Deus pagão, como o Deus cristão surgem do homem e a partir dele, contudo é no Deus cristão que toda impessoalidade, ausência de corpo físico, dotado de carne e sangue, livre de necessidades e impulsos sensíveis, demonstram a infinitude e o poder do pensamento. Entretanto, uma essência divina sem antropomorfismo não interessa à teologia e à religião cristã, pois, para elas, Deus é a afirmação sensitiva e emocional do homem e sua mediação só pode acontecer pelo amor que será o elo entre a entidade divina e o homem. É pelo amor que Deus se compadece do homem, chegando a enviar seu filho primogênito, representação do gênero humano, da divindade humana. Pela encarnação é negada a representação de um Deus abstrato, porém salienta Feuerbach, que não é o amor de Deus pelo homem, e sim o amor do homem pelo homem como valor absoluto é o que fundamenta a religião cristã. E, partindo dessa tese, Feuerbach designa uma diferença entre Deus e Cristo, que, em suma, pode ser representada da seguinte maneira: "Deus enquanto Deus é o cerne de toda a perfeição humana, Deus enquanto Cristo o cerne de toda miséria humana (FEUERBACH, 2007, p. 85)."

Assim, a religião cristã apela para a sensibilidade humana pelo sofrimento de Cristo, estabelecendo como princípio supremo a imagem do Cristo crucificado, despertando a essência emotiva do homem, sua interioridade, e, conseqüentemente, aversão à natureza. "Deus é, no fundo, como podemos notar, um ser sensível, que contradiz, paradoxalmente, as determinações da sensibilidade, por isso ele tem, em geral, apenas uma existência vaga (CHAGAS, 2016, p.95)."

A teologia cristã não busca respostas e esclarecimentos físicos e naturais do mundo, fundamentados na ciência ou na filosofia da natureza, ela livra-se da objetividade da natureza para encontrar as respostas em Deus. "A teologia cristã se opõe à natureza porque ela (teologia) não tem consciência de que Deus, sem a inclusão do homem, que, por sua vez, está incluído na natureza, é nada (CHAGAS, 2016, p.96)." A natureza possibilita ao homem conscientizar-se de que sua existência é dependente dela, uma vez que na ausência dessa relação *homem x natureza*, o primeiro nada é, e, é por meio dessa materialidade natural que encontramos as determinações que serão transformadas em predicados de Deus, mas que nada mais é que a essência humana colocada fora de si, como um ser autônomo.

2.9 As bases naturais e materiais para o pleno exercício da liberdade humana

Nos tópicos anteriores buscamos enfatizar uma consciência humana com fundamento natural do pleno reconhecimento de si e da natureza como espaço de realização de suas potencialidades e do reconhecimento de suas limitações. Mostramos que Deus foi utilizado justamente para suprir essas limitações, e, com isso, a natureza deixou de ser parte da essência humana para tornar-se apenas um meio. O homem espiritual está livre destas determinações e o homem especulativo enxerga na natureza apenas como resultado do *espírito absoluto*. Neste tópico, Feuerbach além de demonstrar que a essência humana encontra-se na natureza, busca refletir que toda concepção moral está ligada às leis naturais, pois na há liberdade livre das necessidades impostas pela determinidade. Assim sendo, o Autor reconhece a matéria como elemento primordial para que a vontade possa acontecer, além de oferecer os meios para a realização sensível e racional.

De acordo com Chagas, em, *Sobre o espiritualismo e materialismo*, Feuerbach estabelece que não há liberdade humana sem necessidade e livre das leis da natureza, de desejo independente, abstrata, sem determinação e de forma autônoma. O materialismo, para o Autor, é a fonte segura e fundamento sólido para a moral. Nessa obra, Feuerbach evidencia que o seu materialismo é diferente das absolutizações das ciências biológicas, pois suas preocupações não recaem sobre a anatomia, fisiologia, química ou medicina, embora seu objeto de estudo seja o mesmo das ciências naturais, o homem, necessitado da natureza. Todavia seu objeto principal está voltado para as ideias e às essências da fantasia, elementos estes que, reforçados pela opinião e pela tradição, ganham o *status* de essências reais. O ponto de encontro com o materialismo está no fato de ambos reconhecerem a matéria como o elemento primitivo e fonte de toda realidade do conhecimento sensível, além de ser raiz primária do conhecimento racional, ou seja, a natureza é a circunstância essencial para qualquer aspecto da evolução humana. Chagas escreve:

Feuerbach critica aqui os filósofos especulativos, os espiritualistas e teólogos, que atribuem ao homem uma liberdade, uma vontade independente, livre das determinações e condições de sua essência real, de todas as leis da natureza e, precisamente por isso, de todas as tendências naturais, as inclinações, as pulsões, os instintos sensíveis. (CHAGAS, 2016, p.97)

A vontade, livre e autônoma, é defendida pelos filósofos especulativos, espiritualistas e teólogos, levando em conta, como defesa de suas ideias, o *suicídio*, que é a representação destas correntes como substância espiritual sobre a vida, buscando demonstrar que a liberdade de forma *apriorística* é puramente subjetiva e indeterminada, livre dos encadeamentos com a natureza e com a vida. Muitos idealistas defendem que todo animal tem por instinto sua preservação e conservação, e que o direito à morte revela a supremacia do conceito sobre a natureza, uma vez que a decisão de morrer é avessa a esse instinto, desvelando o suicídio como representação da soberania e liberdade subjetiva, livre das relações de dependência, ficando restrita ao homem a capacidade de desistir da sua vida. A dúvida levantada por Feuerbach resume-se em questionar se autoconservação e suicídio, natureza e liberdade estão numa relação recíproca de oposição. Para o Autor, uma decisão é livre se suas necessidades são respeitadas, e isso acontece em toda natureza, desde um pássaro que canta as mesmas canções ou de uma árvore frutífera que sempre dá os mesmos frutos de igual espécie e qualidade. Em Feuerbach, o homem não é natureza puramente física, unilateral. O homem é, ao mesmo tempo, senhor e escravo da natureza. Ele é um ser diverso, não produz sempre os mesmos frutos e nem sempre canta as mesmas canções, mas essa liberdade não é plena, sem limites e imposições. Ela está em concordância com seu instinto de autoconservação.

Por conseguinte, Feuerbach não aceita o suicídio como suposta prova da liberdade da vontade, do livre arbítrio humano, para uma liberdade incondicional, ilimitada, pois ele não é uma autodestruição sem fundamento, isolada das condições concretas, que pertencem necessariamente à vida dos homens; assim um homem renuncia a todas as satisfações da vida apenas para renunciar a uma existência inautêntica, marcada pelo sofrimento, pelo desespero, pela dor, pelas aflições, ou seja, para subtrair de si as sobrecargas, as violações e as infelicidades da vida. (CHAGAS, 2016, p.99)

A morte voluntária é a vontade de não ser; é inverter a vontade positiva em vontade de nada. Queremos morrer porque não conseguimos viver sem aquilo que a vida merecidamente ou imerecidamente nos tirou. O desejo pela morte surge da recompensa dos males da vida concebida como um mal, inebriado pelo sentimento de impotência que só pode acontecer pela morte. Se a vida revela-se como um mal, a morte ganha o contorno de ser um bem. O suicídio não deve ser explicado abstratamente, pois ele não

é liberdade e sim negação da dor. Na morte do suicida não se busca a morte da sua vida, mas a morte da sua morte. Não é a recusa da vida, mas da vida que não é vida. O pano de fundo, para Feuerbach sobre o suicídio, não se apoia no querer ou vontade, mas na necessidade e na privação, pois antes do atentado contra a própria vida, as condições e meios necessários para a existência foram exauridos. É a conclusão da inseparabilidade da própria vida, de uma vontade que está ligada ao corpo e sem ele nada é. De uma vontade que brota pela existência, pelo corpo, e não o contrário, a vontade é guiada pela essência que está presa à matéria. Abstrair da materialidade é colocar a essência de lado, assim a ideia da pura vontade em Feuerbach está descartada. "O fundamento da vontade para ele não é, então, o querer imaginário, sem base, que quer algo que ela não possa, mas o poder, a potência, a possibilidade do querido. Precede a vontade, portanto, apenas aquilo que é da natureza (CHAGAS, 2016, p.101)." A matéria oferece os subsídios para que a vontade possa acontecer até mesmo para a morte, que não apresenta esse dilema de se colocar contra a vida. Ao contrário, a morte natural recebe as leis da natureza e pertence à vida, seja ela, por doença ou idade. Aqui percebemos a aversão feuerbachiana à visão cristã e sua hipótese antinatural que transforma a morte natural em puro mal, pressupondo sua existência como punição e castigo de Deus contra os pecados cometidos. A morte, na visão do Autor, tem um contexto positivo, revelando a "[...]morte da morte, o não-ser do não-ser, ou seja, a liberdade de todo o mal, daquilo que elimina e dificulta as condições da vida (CHAGAS, 2016, p.101)."

Uma vontade arrancada da natureza não é uma vontade real, mas apenas um desejo fantástico, inebriado pela imaginação que se transforma em uma vontade onipotente, pois está livre dos limites do espaço e do tempo. Mas essa negação do espaço e do tempo na metafísica incorre nas mais danosas consequências práticas, pois se perde o entendimento e a sua relação sincera com o mundo prático. Uma vez que,

Um povo que exclui o tempo da sua metafísica e diviniza a existência eterna, isto é, abstracta, isolada do tempo, exclui também consequentemente o tempo da sua política e diviniza princípio da estabilidade, contrário ao direito, à razão, à história. (FEUERBACH, 2005d, p.92)

Segundo Feuerbach, a vontade e liberdade dependem das possibilidades e por meio dessa concepção ele não coloca a liberdade como *a priori*, mas *a posteriori*, ligada ao tempo e espaço, ligada à história. O *eu quero* pressupõe, necessariamente, outra pergunta, *o quê*, sem materialidade a vontade, é suprimida e renunciada. "A vontade

humana é, no fundo, desejo, apetite, cujo objeto é o prazer; a ela serve de base a dependência do homem da natureza, o instinto, o instinto de autopreservação, que está de acordo com a aspiração pela felicidade (CHAGAS, 2016, p.104)." A vontade está ligada ao desejo de ser feliz, que se resume em livrar-se dos sofrimentos, das dores e de todas as insatisfações da vida. Sua essência não é resultado de sua vontade, mas o inverso, sua vontade é determinada pela sua essência; sua existência precede sua vontade e desejo. Pode existir *ser* sem vontade e sem desejo, no entanto, não existe vontade e desejo sem *ser*, faz-se necessária a materialidade, ou seja, querer presume-se *ser* antes de qualquer coisa. Como afirmado anteriormente, o homem é um ser plural, de desejo não determinado, pois podemos querer coisas diferentes uns dos outros, contudo essa diversidade de desejos e vontades revela a diversidade do ser.

O espiritualismo opera essa distinção completa com a materialidade e o corpo, tratando a vontade e o pensamento de forma distinta e autônoma ao ser, o que pode ser evidenciado na imaterialidade e incorporeidade trazida à luz da imortalidade.

Embora alguns filósofos especulativos e espiritualistas tentem esclarecer a conexão entre espírito e corpo, ou fazê-la compreensível, esta tentativa, no entanto, segundo a opinião de Feuerbach, fracassou, pois o sentido do espiritualismo é, no fundo, não, precisamente, a ligação da alma com o corpo real, físico, mas pelo contrário, a separação entre eles, da matéria contagio ("da matéria suja"). (CHAGAS, 2016, p.107)

Como o espiritualismo⁹ presume a imortalidade da alma e sua plena realização, que se dará em outra vida, suas respostas encontrar-se-ão no pós-morte, não podendo a antropologia e nem a fisiologia oferecer respostas suficientes, não obstante, somente a teologia poderia oferecer tais respostas. Entretanto, a imortalidade da alma, representada como vida eterna, é uma criação teológica distorcida de forma racional por um desejo de vida, nesse sentido, "[...]a verdadeira representação do além é a de um aquém prolongado no qual o presente pudesse indefinidamente prosseguir. O desejo de não

⁹ Entende-se por esse termo toda doutrina que pratique a filosofia como análise da consciência, ou que, em geral, pretenda extrair da consciência os dados da pesquisa filosófica e científica. [...] Essa filosofia ensina a espiritualidade da alma, a liberdade e a responsabilidade das ações humanas, as obrigações morais, a virtude desinteressada, a dignidade da justiça, a beleza da caridade; e além dos limites deste mundo mostra um Deus, autor e modelo da humanidade, que, depois de tê-la criado evidentemente para um propósito excelente, não a abandonará no desenrolar misterioso do seu destino (ABBAGNANO, 2007, p.415).

morrer é somente o reverso do desejo de continuar a viver esta vida (SERRÃO, 1999, p.315)."

O sentimento religioso possibilita que a vontade e o poder possam coincidir. Em Feuerbach, por sua vez, o querer depende do poder, regulado pelas possibilidades, contudo no sentimento religioso não há limites para o desejo; todo querer é absoluto, repleto de poder e a imortalidade da alma seria a superação de toda a contradição encontrada na matéria. Mesmo que a sensação diga respeito somente a mim mesmo, ela necessita inevitavelmente de um objeto, mesmo sendo subjetiva, seu fundamento é objetivo. Por exemplo, a sede precisa da água para saciar-se, porém a água não é resultado de sensações e representações, mas é independente delas. A natureza tal como é, objetiva e independente, caracteriza-se como condição natural para a realização da liberdade, produção e reprodução da vida humana.

CAPÍTULO III

Natureza e sensibilidade, elementos fundadores de uma antropologia integral

3.1 Homem e sensibilidade: aspectos fundamentais da filosofia feuerbachiana

Neste capítulo iremos mostrar que o centro da filosofia feuerbachiana encontra-se na sensibilidade e é por meio dela que Feuerbach constrói sua crítica ao idealismo e a religião. Ao colocar o homem e sua sensibilidade como objetos de sua reflexão, Feuerbach promove, automaticamente, uma crítica à religião e ao idealismo que é reconhecido como um conhecimento estritamente teórico. A sustentação feuerbachiana está apoiada em um materialismo direcionado ao homem dentro da sociedade, resgatando valores humanos e naturais em oposição à corrente religiosa e idealística, que, segundo Feuerbach, são ausentes desses valores, uma vez que a abstração do pensamento e sentimento, respectivamente, filosofia e religião, são alienações que separam o homem de sua essência genérica. Em Feuerbach, o homem passa a ser determinado e consciente, capaz de substituir o amor de Deus pelo amor da humanidade. O projeto antropológico feuerbachiano acolhe as designações humanas em harmonia com a realidade, capaz de corroborar para uma síntese do conhecimento racional e do conhecimento sensível para a elaboração de uma teoria da realidade capaz de ser aplicada à sociedade. Também explicitaremos que toda concepção dualista cristã entre corpo e alma determinou o corpo como obstrução para a realização divina que não se encontra na materialidade. Feuerbach, em oposição à teologia cristã que coloca a essência do homem fora do homem, em um ser metafísico, busca possibilitar ao homem o acesso ao seu *ser* essencial. Esse processo se dá pela redução antropológica, que visa colocar o infinito no finito, reduzir Deus ao homem, fazendo com que este se relacione consigo mesmo e possibilite sua interação com outros homens na busca pela felicidade na materialidade que se apresenta como meio de necessidade, mas também de potencialidades. Outro aspecto dessa crítica à religião recaía na estrutura feudal que ainda persistia na Alemanha e que encontrava fundamentação ideológica na religião. "A filosofia feuerbachiana, comprometida com a transformação da sociedade, teve como

desafio mostrar que a fundamentação da religião e de seus dogmas como sendo divinos, inquestionáveis, era a manifestação de um conteúdo puramente humano (HAHN, 2003, p.83)." Já com relação ao idealismo, sua crítica recai sobre o pensamento especulativo, que rejeita a sensibilidade como forma de apreensão da materialidade, legitimando um ser absoluto, abstraído do mundo. Assim,

Se a antiga filosofia tinha como ponto de partida a proposição: sou um ser abstracto, um ser puramente pensante, o corpo não pertence a minha essência; então, pelo contrário, a nova filosofia começa com a proposição: sou um ser real, um ser sensível; sim, o corpo na sua totalidade é o meu eu, a minha própria essência. O filósofo antigo pensava, pois, numa contradição e conflito incessantes com os sentidos para impedir as representações sensíveis de manchar os conceitos abstratos; pelo contrário, o filósofo novo pensa em consonância e em paz com os sentidos. (FEUERBACH, 2005c, p.82)

Feuerbach considera os objetos sensíveis como parte da construção do conhecimento. O homem deixa de ser puro pensamento, para ser *cabeça e coração*, pensamento e sentimento, imerso na realidade e repleto de naturalidade, inversamente à filosofia idealista, propriamente em Hegel, que considera o pensamento como sujeito e o ser como predicado desse pensamento, fundamentando a construção de uma realidade derivada da ideia abstrata. Dessa forma, é importante ressaltarmos novamente o desejo feuerbachiano da máxima grega *Gnôthi Sautón*, conheça-te a ti mesmo, título que tinha como pretensão inicial para a *Essência do Cristianismo*. Os princípios e os órgãos essenciais para uma nova filosofia são a cabeça e o coração; atividade e infinitude estão unidas à afeição, finitude e necessidade. "Pensar e intuição; porque o pensar é a necessidade da cabeça, a intuição, o sentido, a necessidade do coração. O pensar é o princípio da escola, do sistema, a intuição o princípio da vida (FEUERBACH, 2005d, p.93)." O pensar isolado apenas determina o objeto, o que ocorre também com o sentir isolado, que determina o meu *eu* por meio do objeto. Torna-se necessário unir o pensar e o sentir, a cabeça e o coração. O sentir é a relação idêntica com a existência e o pensar mediatiza as diferenças e as separa. Somente a partir desse fundamento podemos ter uma filosofia ligada à vida e à verdade. Contudo, por meio da nova filosofia feuerbachiana, o homem deixa de se relacionar apenas consigo para relacionar-se também com a comunidade que tem a capacidade de preservá-lo e confirmá-lo. É na comunidade que o homem tem a capacidade de atingir sua plenitude. Apoiando-se nas virtudes pagãs, Feuerbach evidencia os valores nas relações que acontecem na comunidade, no encontro com o outro. "Os pagãos não só contemplavam o homem em

conexão com o universo; eles contemplavam o homem, i.e., aqui o indivíduo, somente em conexão com outros homens, em união com uma coletividade (FEUERBACH, 2007, p.163)." O conceito de homem, enquanto indivíduo, derivava-se da espécie ou da comunidade, exaltando as qualidades da humanidade e desprezando a individualidade. Logo,

Os antigos sacrificavam o indivíduo ao gênero; os cristãos o gênero ao indivíduo. Ou: o paganismo só concebia e compreendia o indivíduo como parte em oposição à totalidade do gênero humano, o cristianismo ao contrário, só numa unidade imediata, indistinta do gênero. (FEUERBACH, 2007, p.163)

Feuerbach chama a atenção para duas categorias pertencentes ao homem: corpo e consciência. O corpo é o que fará a distinção de uma personalidade real de uma imaginária. A vida do homem acontece pela corporeidade que, no início da obra *Essência do Cristianismo*, é constituída de duas formas: a vida exterior, relacionada à materialidade, e a vida interior, relacionada à sua essência, com o gênero, ou seja, o homem realiza-se na comunidade e consigo mesmo, sendo que na vida interior, por meio da sua consciência, evidenciamos a clara diferença entre o homem e o animal.

A comunidade representa a chave da essência humana, isto é, o outro é a condição necessária da minha existência enquanto ser consciente de mim mesmo. É nesta relação de interdependência que se articula a noção de ser, este ser não é apenas um ser pensante, mas, acima de tudo, o ser que pode fazer de si objeto de si mesmo. E na medida em que toma consciência de si, o homem também adquire consciência do mundo exterior. São esses os pilares que sustentam o processo de constituição da consciência, permitindo ao homem desvendar a sua essência ainda desconhecida. (HAHN, 2003, p.97)

A união de homens que são conscientes de si e dos outros, no reconhecimento da sua individualidade, no exercício da vida em comunidade, possibilita uma relação sensível e humanitária entre esses seres viventes e pertencentes ao mundo a uma natureza, na qual não existe distinção entre homem social e homem natural, pois a própria natureza humana é social, uma vez que, para chegarmos à consciência de gênero é necessária a comunicabilidade e a distinção do *eu* e do *tu*, e, não, como acontece na construção religiosa que absolutiza a interioridade. Portanto, é a sensibilidade que fundamenta a filosofia feuerbachiana e a sua relação entre a atividade prática e teórica, a partir da qual, surge o homem integral, que, por meio das coisas conhecidas, de sua

realidade e da natureza, tem a capacidade de captar os objetos pela sua percepção e uso de sua sensibilidade e caracterizá-las a partir do seu *eu* racional.

3.2 Sensibilidade e Liberdade: um contrassenso com a tradição

No tópico anterior ressaltamos a importância da sensibilidade para unir teoria e prática, cabeça e coração, de um homem que está imerso na comunidade e que o amor de Deus é substituído pelo amor comunitário com reconhecimento de si e do outro, pois na comunidade o homem vai realizar-se, preservar-se e confirmar-se. O reconhecimento do *eu* e do *tu* enquanto gênero pertencente a uma comunidade impede a absolutização de um *eu* interior como acontece na religião e no idealismo. No decorrer deste tópico demonstraremos que toda tradição, inclusive a grega, enalteceu a razão e desprezou os sentidos, pois eles representavam um sinal de fraqueza humana. Na sociedade moderna a razão também foi evidenciada e enaltecida em detrimento da religião, porém o desprezo pela religião na sociedade moderna deu um caráter instrumental para a razão e ainda continuou reprimindo a natureza e a sensibilidade. Entretanto, para Feuerbach, um pensar integral precisa estar em plena realização com a natureza e a sensibilidade, pois os conceitos não podem determinar a vida. Com isso, Feuerbach instituiu a unidade genérica reconhecida na comunidade para superar o individualismo e a sensibilidade para romper com os dualismos. O Autor alemão liga o ser com o ser, as relações deixam de ser objetivadas e o ser passa a ter primazia sobre o pensar.

Somos descendentes da tradição judaico-cristã que estabelece a divisão entre alma e corpo e que oferece um viés metafísico permanente e idealista em contraposição à transitoriedade e realidade da vivência humana, descaracterizando as percepções obtidas pelo corpo e seus sentidos, como fonte de pecado e de todo mal, representado como tentações da carne. Nossa descendência também sofre influências da tradição grega que buscava a dominação dos sentidos e da natureza pelo uso da razão, o que levava à concepção de uma razão libertadora e emancipatória, uma vez que ceder aos impulsos da sensibilidade e do prazer é geralmente considerado um sinal de fraqueza. É nesse contexto que se estabelece o dualismo entre razão e natureza, pelo qual a autonomia da razão passa a ser condição, *sine qua non*, de liberdade e autonomia, sendo

critério de análise das ações humanas e promovendo um aspecto libertador das crenças e superstições que impedem uma vida feliz e digna. Contudo, esse processo de substituição da razão pela religião na sociedade moderna não se justificou e trouxe resultados contrários a sua finalidade, dentre os quais podemos citar: relações de poder, dominação e opressão, tais resultados, obtidos pela sociedade moderna, fundamentaram-se na dominação da natureza e na sua redução o que demonstrou uma característica instrumental, transformada em ciência e técnica, a qual reprimiu, sistematicamente, a sensibilidade e a natureza, movimento que acompanha toda tradição ocidental e determina a sensibilidade como representação da própria natureza, ou seja, reprimir a sensibilidade é reprimir a natureza. "Nesta tradição, o ser humano integral (*ganzer Mensch*) torna-se um simples acessório em detrimento da supervalorização da razão, que é equivocadamente concebida como um instrumento independente da dimensão corpórea e sensível (SCHULZ, 2009, p.174)."

O que Ludwig Feuerbach estabelece é uma nova dimensão da sensibilidade humana e uma nova concepção de razão para ser fundamento, inclusive de uma nova filosofia, da qual o ser humano realizaria sua humanidade completa, manifestada pelos seus sentidos, juntamente com o uso racional. Essa tradição ocidental, especificamente a modernidade, transformou o homem em um ser unilateral, do qual expulsou toda sua naturalidade e transformou a natureza apenas em objeto.

A mesma homologia permite acompanhar o diagnóstico e a superação das inúmeras formas que a desumanização se revestiu e se reveste; seja a teologia que degrada o homem à condição de súbdito de um senhor divino, a metafísica que o reduz a um ser abstrato ou a ciência que o instrumentaliza como objeto; sejam ainda todas as formas de alienação ideológica e de repressão política. (SERRÃO, 1999, p.21)

Em contraposição a essa desumanização, Feuerbach fundamenta um homem concreto e sensível, no qual, inevitavelmente, sua filosofia passa a ser emancipatória, levando-se em conta sempre um homem integral, respondendo fielmente a sua *trindade divina*: coração, vontade e razão. O conhecimento feuerbachiano desmonta a filosofia idealista que pensa sem o corpo, sem sexo, sem paixão, sem alegria, sem dor, superando a dicotomia entre razão e sentidos, na qual não há desprezo à razão, mas ela é incorporada aos desejos e sentidos. Sua filosofia abre caminho para aquilo que não é somente racional, ou seja, considera os sentidos em contato com a natureza como

critério e justificativa do homem integral e de sua filosofia. Para o Filósofo, o mundo da vida e a própria existência humana não podem ser aprisionados em conceitos prévios e determinados, pelos quais o pensar subjulga o ser. A crítica feuerbachiana recaiu sobre filosofia especulativa porque ela suprimiu a sensibilidade e a natureza, não as considerando como justificativa para um pensar integral. As determinações da vida não apenas interferem na maneira como sentimos, mas também na de como pensamos, "[...] nunca tenho um sentimento de mim isolado, abstracto, nunca tenho um sentimento de mim como um ser imaterial, distinto do corpo, um ser simples ou um eu simples, nunca pensei sem cabeça, nunca senti sem coração (FEUERBACH, 2005h, p.189)." Para Feuerbach, o indivíduo é um ser indiviso que depende exclusivamente de um ser corporal. Ele não existe sem corpo, o que nos faz retomar a importância do tempo e do espaço analisada anteriormente, uma vez que são condições necessárias para a existência humana, para os seus pensamentos e a revelação de um infinito real.

Porque o singular é sempre este e não outro, e o mundo não é indiferente a esta existência, o mundo sensível é assim o próprio reino da diferença, ou melhor, o reino das incontáveis diferenças. Nele não há identidade, mas diversidade, não há eternidade, mas tempo, não há vazio, mas espaço. (SERRÃO, 1999, p.104)

O corpo é experiência sensitiva e realização da natureza. Essa indivisibilidade do indivíduo provém da sua sensibilidade, vivendo na unidade consigo mesmo. Só há vida enquanto houver sensação; sem sensação e intensidade não há vida. A alma é sensação e sentir que capta o mundo como real. Dentro dessa perspectiva, a alma só encontra-se em um corpo vivo, com funções sensitivas e orgânicas, porém ao unirmos alma e corpo, desmaterializamos a idealidade.

A partir dessa tematização, chegamos à filosofia de Feuerbach com a complexidade de duas intenções simultâneas: o esforço de vencer o indivíduo pela unidade genérica e o de vencer o dualismo em função da individualidade sensível, considerando a função sensitiva como unidade e diferença entre os indivíduos, sendo que, para viver é preciso sentir, mas para se elevar ao gênero é preciso superar a individualidade.

Feuerbach busca um ser que é seu próprio fundamento, idêntico a si, do qual retira a dimensão genérica e afirma sua imanência inserida no mundo e em contato com a natureza. Observa-se que há a busca por um ser que seja uno, individual, indivisível,

inserido em uma natureza múltipla que colhe todos os seres em sua multiplicidade, na qual não há identidade no mundo, mas diversidade. A tarefa da filosofia feuerbachiana não é colocar o finito no infinito, mas o infinito no finito. Ao tirarmos os acidentes do indivíduo, acabamos por nos tornar um sujeito sem ser; de essência nula, pois retiramos os fatos e a razão. Sensibilidade e sensível são adjetivos coletivos, e em virtude disso, Feuerbach institui a ontologia sensível, pautada na diferença, caracterizada pelo pertencimento à natureza e sua multiplicidade, que é capaz de acolher a todos e a cada um, identificando todo ser como objeto e sujeito de si.

Assim, um ser sensível é objecto, é um ser-objecto quando se encontra em conexão com outros ou quando é apreendido pelas capacidades sensitivas; um ser insensível seria uma contradição. Mas é igualmente um ser-sujeito, por ser dotado de actividade própria e ser capaz de accionar a afecção sensorial. (SERRÃO, 1999, p.106)

Mesmo esclarecida a ideia de um sujeito-objeto, torna-se necessário salientarmos sua finalidade que é a universalidade, resultado de sua existência sensível, na qual existir refere-se, necessariamente, a existir para todos. A universalidade é critério indispensável para a existência, posto que somente aquilo que existe pode ser reconhecido por mim e pelo outro. Sua função é universal e não unilateral. O exemplo dos cem talheres kantiano elucida bem a universalidade proposta por Feuerbach, sendo que, os talheres que tenho na cabeça só existem para mim, enquanto os que tenho em minhas mãos existem para todos. "Estas testemunhas distintas de mim enquanto pensante são os sentidos. Ser é algo no qual não apenas eu, mas também os outros, e sobretudo também o próprio objeto estão implicados (FEUERBACH, 2005e, p.129)." O sensualismo respeita a presença sensível, aceita as coisas como são e não exige que seja de outra maneira. As coisas não existem só pelo fato de serem pensadas e sentidas, mas é somente porque existem é que podem ser pensadas e sentidas. Assim sendo, o sensível para Feuerbach, não é vazio ou frio, retratando uma fria existência. Ele é o meio e o fim de sua própria realização. No ser sensível não há dualismos ou divisões; o exterior sensível não é uma membrana que preserva o interior, por isso não podemos separar o entendimento dos sentidos. Feuerbach não usa um *fora de nós* ou um *dentro de nós*, mas usa a preposição *vor*, *perante nós*, demonstrando a majestade da natureza que já existe antes de nós e sua prioridade pelo ser antes mesmo do pensar. Entretanto:

Feuerbach não só não ilude como enfatiza a circularidade que decorre da exigida associação entre filosofia e vida. Porque a realidade não fala por si e a verdade apenas se torna humana quando referida a um sujeito, o princípio teórico da unidade do pensamento e do ser só poderá ser verdadeiramente exercido quando incarnado num sujeito humano. (SERRÃO, 1999, p.115)

Pensar e ser constituem a integralidade humana, faz-se necessário que o homem saia do anonimato, no qual o filósofo-homem vive aquilo que pensa como prática, pois pensar é um ser que pensa. Com a sensibilidade é regastado o conhecimento intuitivo que é plena realização do sujeito e objeto, uma relação entre cabeça e coração, pensar e sentir, sistema e vida. Na intuição deixamos de ser o único protagonista para sofrermos influência do objeto, onde *eu e não-eu* estão em constante relação de reciprocidade e o objeto recebe o *status* de um ser real pelo contato efetivo. A intuição feuerbachiana vai além da sensoriedade básica, pois se constitui no pensamento com capacidade identificativa e gestáltica, de um conhecimento que analisa as partes vinculadas ao todo, e a intuição é o fio condutor que nos liga ao todo. Somos capazes de ver a árvore, mas uma árvore em conexão com a floresta. Sua principal característica é a objetividade, pois é por meio da sensação que ocorre o encontro entre sujeito e objeto. A sensação feuerbachiana não é gnosiológica, ato de conhecer entre sujeito e objeto, mas a ligação entre ser com ser, critério de excelência para o pensamento. É importante ressaltarmos que a sensação sozinha não produz conhecimento. Pensar e sentir estão unidos frente a um pensar autolegisador, negado por Feuerbach. A intuição dá condições e possibilidades para a reflexão, posto que o pensar seria um sentir ampliado da sensoriedade básica.

Se Feuerbach começa por radicalizar a especificidade da sensação e intuição, como não-pensamento (*Nichtdenken*) ou a negação do pensar, fá-lo para trazer a luz, a partir da potencialidade sensitiva, uma outra maneira de pensar, um pensar concreto, que volta o objecto depois de se afastar dele para refletir. (SERRÃO, 1999, p.122)

Para o Autor, existe um resgate da sensibilidade pelo viés da intuição, não com o propósito de substituir o pensamento, mas estabelecendo-se como um elemento fundamental do pensar, imerso na realidade sem carecer de sua capacidade reflexiva. Uma vez que,

As diferenças entre sensação, intuição e pensamento sensível compreendem-se como graus numa escala entre a maior proximidade e a maior distância possíveis. A sensação é o mais próximo, a intuição já mais afastada e o pensar um sentir que se alarga e que se estende ao não visto, ao não ouvido, que se pode distender até o distante cobrindo os intervalos de insensibilidade. (SERRÃO, 1999, p.123)

As diferenças entre sensação, intuição e pensamento sensível revelam a capacidade do pensar como ampliação do sentir desde o mais distante até o ausente, passando a sentir e ver o que não se sente e não se vê. O pensar não está para si mesmo, ele vê, ouve e sente, em outras palavras, uma sensibilidade que pensa. Pensar, em Feuerbach, está ligado à imediaticidade, o ser da sensação, livre de conceitualizações e representações. Estabelece-se em plena comunhão com o *tu*, que é representação de um *eu* objetivado.

A doutrina da sensibilidade acaba com todo dualismo, considerando a imanência como único meio de interação da ação humana para a produção de um conhecimento verdadeiro, fazendo da existência humana uma existência realizada por meio da sua inter-relação com o mundo. O sensualismo de Feuerbach institui o primado do ser sobre o pensar, da existência sobre a consciência. O filósofo parte da existência para colher a essência, caminho que supera os procedimentos de idealizações e abstrações. Abstrair significa estabelecer planos universais a partir do particular. O que o Autor propõe é que a existência faça parte da essência e que possa determinar a essência de uma existência que esteja incluída no ser do ser homem.

No "Prefácio" da segunda edição de *Essência do Cristianismo*, Feuerbach explicita sua elaboração filosófica como método maiêutico, produzindo o pensamento a partir do objeto e não o contrário. Afirma que:

Sou astronomicamente diferente dos filósofos que arrancam os olhos da cabeça para poderem pensar melhor; eu, para pensar, necessito dos sentidos, mas acima de todos, os olhos, fundamento minhas ideias sobre os materiais que podemos buscar sempre através das atividades dos sentidos, não produzo coisas a partir do pensamento, mas inversamente os pensamentos, a partir das coisas, mas coisa é somente o que existe fora da cabeça. Sou idealista somente no campo da filosofia prática. (FEUERBACH, 2007, p.20)

A filosofia de Feuerbach é acompanhada da convicção de um futuro histórico, realizado pela prática e relação entre *eu* e *tu*, imersos em uma comunidade; da

substituição do reino dos céus pelo reino da terra. Sua filosofia volta-se à divinização do Estado para exercício político de iguais direitos a todos os seres existentes que partilham de um mundo que lhe é comum, considerando seus sentidos e suas existências.

3.3 A conquista do corpo próprio como fonte e realização do ser

Depois de descaracterizar a primazia da razão filosófica e associá-la à sensibilidade para a construção de um ser integral e um pensar integral, neste tópico demonstraremos que esta união entre ser e pensar possibilita ao ser humano ver e ser visto, sentir e ser sentido. A sensibilidade humana unida à razão determina uma essência universal reconhecida na comunidade para expandir suas sensações e percepções de mundo.

Um sujeito consciente de si mesmo e de sua materialidade é capaz de realizar-se e anular o dualismo e imposições conceituais que estabelecem a artificialidade da existência. O homem, por meio da percepção de seu corpo, é ao mesmo tempo sujeito e objeto daquele que vê e é visto; tomamos consciência de nós mesmos porque existimos e porque sentimos. A reflexão distancia as vivências, mas não pode constituir-se em argumento da realidade; se há dúvidas sobre o corpo, posso duvidar da minha própria existência. A corporeidade, como integrante da subjetividade, não reduz o ser humano a um ser exterior privado de vida interior. O corpo é o único meio para que o ser para si seja o ser para os outros, o ser humano não é apenas "[...] o visto e sentido, mas também o vidente e o sentiente (SERRÃO, 1999, p.165)." Porém, a consciência de si realiza-se pelo sentido interno, isto é, ao sentir estabelecimento plena realização com o mundo, só consigo ser, sentindo-me. "A evidência de um ser pensante não é superior à evidência do seu corpo, sendo impossível separar, a não ser metafisicamente, o eu puro intelectual e transparente a si, da obscuridade do eu empírico (SERRÃO, 1999, p.166)." O homem não é apenas pensamento, mas também sentir. Primeiro caracteriza-se sensitivamente, antes de ser objeto do pensamento. Entretanto, a ênfase dada por Feuerbach à corporeidade e à vida sensitiva, como parte da constituição da subjetividade humana, não reduz o homem apenas a um ser de exterioridade e extinto de interioridade. A preocupação feuerbachiana acontece pela inversão do primado, ser e pensar, assim, "[...]

não posso derivar meus sentidos de minha faculdade de pensar, da razão, porque a razão pressupõe os sentidos e não vice-versa (FEUERBACH, 2009, p.104)." A sensação é o pressuposto necessário para a fundamentação do pensar. Ela não acontece de forma isolada ou como um estado sensorial provisório; a sensação está em plena realização com nossa consciência. Podemos estabelecer contatos significantes de troca entre nosso conhecimento e o mundo por meio da sensibilidade, revelando-a de maneira consciente. Esse poder sensitivo humano e essa relação com a consciência é o que irá diferenciar-nos de todos os outros animais. O homem é por excelência um ser sensualista, o qual sua diferença em relação aos animais ultrapassa o pensar, justamente por ser o pensar uma consequência e propriedade da essência humana. Sua natureza excede a particularidade; sua essência é universal, constituindo-se no ser mais sensível do mundo, o qual é o único capaz de ter prazer estético, consciência de si e do seu gênero, capaz de se encantar com o canto dos pássaros, de expandir suas sensações, mesmo diante de um simples toque, enfim, tem a capacidade de ultrapassar toda determinidade de sua individualidade.

O homem não tem olfacto de um cão de caça, de um corvo; mas é apenas porque seu olfacto pode abranger todas as espécies de odores que ele é um sentido livre, indiferente a odores particulares. Mas aí onde os sentidos se eleva acima das barreiras da particularidade e de sua vinculação à necessidade, eleva-se a uma significação e dignidade *autônomas, teóricas*: sentido *universal é entendimento*, sensibilidade *universal espiritualidade*. (FEUERBACH, 2005e, p.152)

Enquanto para Feuerbach o espírito é insensível porque sai da particularidade e da limitação humana, na sensibilidade realiza-se a unidade perfeita entre cabeça e coração, pois "[...] não há pensar puro, sentir puro, vontade pura, mas pensamento que sente paixão que sente (SERRÃO, 1999, p.176)." Na sensibilidade existe um dinamismo passional natural do homem com a exterioridade. Existência é necessidade, caso contrário é supérflua. Uma necessidade que indica falta ou vazio como uma tábua rasa é antes de tudo impulso e energia, perfazendo uma razão humana sensível e carnal.

3.4 Sensualismo e o uso da linguagem, uma visão altruísta.

Descrevemos anteriormente que o homem é por excelência um ser sensualista. Sua diferença ultrapassa o pensar e sua sensibilidade é o meio para superar a

individualidade e os dualismos, pois pensar e viver estão em consonância em um homem integral. Para Feuerbach, outro meio de superação da individualidade acontece pela linguagem. Ao comunicar-me necessito de um *tu*, de uma razão comum, essa argumentação defendida pelo Filósofo vai contrariar a sistematização hegeliana que dispensa o outro, que é ausente de relação, logo, ausente de sensibilidade. É também por intermédio da linguagem que a filosofia da sensibilidade vai se estabelecer, pois linguagem concilia indivíduos por meio de uma razão universal.

Uma única razão - gênero e pensamento - anula ao mesmo tempo toda diversidade e individualidade. A crítica que Feuerbach tece contra a maneira monológica de pensar apresenta como embasamento uma natureza mediadora e comunicativa, contrária a uma visão solipsista, que perfaz um único modelo de ser e existir. De acordo com o Autor, é necessário exteriorizar-se e um meio para isso é a linguagem. Na linguagem contemplo o *eu* e *tu*, ultrapassando assim o isolamento individual. "Se devo escrever, e escrever bem e com profundidade, então tenho que *pôr em dúvida* que os outros saibam que eu sei, pelo menos saibam como eu o sei (FEUERBACH, 2005b, p.51)." Colocar-se no lugar do outro, exteriorizando-se de maneira simplificada o que pensamos, possibilita ao pensador dialético que aprende a duvidar de si mesmo, reconhecer o outro, destacando-se não somente a sua capacidade de pensar, mas também a de se comunicar. Segundo Feuerbach, ensinar ou reconhecer pensamentos como verdadeiros não é infundir ideias a força, mas pressupõe que tanto *eu* quanto o *outro* somos possuidores de uma razão comum. Esse entendimento e mediação de *eu-tu* e vice-versa acontece pela identidade da razão e de um pensamento que ocorre de si e para si, entre eu e o outro. Por mais que o homem possa ser autossuficiente, como alguém que tenha consciência e reconheça sua diferença, e, por isso, consiga ser o outro para si mesmo com plena capacidade de interação consigo mesmo, por meio da fala e de pensamentos, mas é justamente pelo outro que efetivo meu pensamento como reconhecimento e critério de verdade e da união entre *eu* e *tu* pelo exercício da razão.

Mas toda esta indiferença, toda esta autosuficiência e limitação a si mesmo não é mais que um fenômeno aparente. No fundo, não somos indiferentes; o impulso para a comunicação é um impulso originário, o impulso para a verdade. Apenas por meio do outro - claro está, não este ou aquele outro *contingente* - temos consciência e certeza da verdade do nosso próprio assunto. O que é verdadeiro não é meu e nem teu, mas universal. O pensamento no qual Eu e Tu se unem é um pensamento *verdadeiro*. (FEUERBACH, 2005b, p.52)

Toda exposição de pensamento demonstra e ensina, e essa demonstração não se fecha em si mesma, uma vez que o outro sempre será aludido. Diferentemente de uma comunicação espiritual que atinge somente a mim, todas as outras comunicações de pensamento são materiais e efetivas e requerem seres pensantes como interlocutores, embora qualquer exposição seja apenas um meio e nunca resultado final. "Qualquer sistema que não seja reconhecido e assimilado como um simples *meio limita* e corrompe o espírito, uma vez que põe o pensamento mediato e formal no lugar do pensamento imediato, originário, material; mata o espírito da invenção (FEUERBACH, 2005b, p.54)." Porém, é na sistematização que a exposição ganha valor em si mesma, e em Hegel encontramos o ápice da sistematização, o qual despreza a preexistência de um entendimento do outro, recaindo assim, ao puro formalismo e desvalorização da subjetividade. A dupla referência sempre será um *eu* e *tu* (sujeito - objeto). Feuerbach critica a subjetividade moderna idealista que considera somente o *eu*, sem objeto não há sujeito, e ao mesmo tempo que sou *eu* para mim, sou *tu* para o outro. Há uma simetria na interação entre *eu* e *tu*, na qual a sensibilidade age de forma ativa e passiva no contato com o outro. Pois,

A crítica da subjetividade moderna que Feuerbach leva a cabo incide neste contexto sobre o seu caráter egológico. Nas figuras da subjetividade solitária ou da mónada auto-suficiente, o solipsismo do eu pensante nunca é verdadeiramente ultrapassado, permanecendo isolado e carente de relação, concedendo ao outro homem o estatuto de um segundo e derivado do próprio eu. (SERRÃO, 1999, p.206)

A relação entre *eu* e *tu* nasce integrada à filosofia da sensibilidade, supera o pensamento puro e substitui a autonomia da consciência por uma subjetividade encarnada em um corpo. O *tu* reconhecido pelo idealismo está restrito ao mero dado empírico, não tem valor transcendental. Seu reconhecimento do outro se restringe somente para vida e suas práticas de convivência necessária, não sendo recurso para toda e qualquer forma de especulação. A sensibilidade possibilita um existir integral em plena harmonia com o outro, a qual se fundamenta nas sensações, afetos e pensamento, e estabelece uma razão sensível e harmônica com o outro, que passa a ser o meu *tu*, o olho que vê a si mesmo, de uma sensibilidade que não nota só o exterior, mas também o interior, cuja finalidade é similar e recíproca, pois caso nossa sensibilidade não fosse similar, a linguagem perderia seu sentido e eficácia. Sinto o que o outro sente, a razão é comum porque a natureza é comum e a fala constitui-se em um impulso natural de

partilhar pensamentos, sentimentos e estados de ânimo. Mesmo na religião, quando nos dirigimos ao outro, criamos uma representação de um *eu* como *tu*, com disposição genuína para o diálogo, de um *tu* que pode aliviar nosso sofrimento. Pensar não é só conhecer uma verdade, mas falar uma verdade. Perguntar e responder são os primeiros atos do pensar e é no diálogo que chegamos a conceitos da razão em geral, pois toda objetividade precisa de uma prova que vai além de uma certeza subjetiva.

3.5 Coração e a relação de amor desinteressada, fundamentos do gênero

Enquanto a linguagem refere-se a outro e evidencia uma razão universal que é contrária a toda sistematização, pois requer a presença de um interlocutor, de um sentiente, o Filósofo também estabelecerá uma identificação subjetiva que acontece pelo amor, por meio da simpatia. Em Feuerbach, indivíduo e gênero se unem, porém o gênero será uma derivação do indivíduo e não o seu contrário, de uma humanidade que pressupõe o homem como princípio e não o seu oposto. O gênero vai harmonizar o desigual, permitindo a existência de outros fora de mim que partilham suas qualidades para superar suas limitações. Veremos que para o Autor alemão, somente o gênero é capaz de substituir a religião, pois nele encontram-se seres iguais que partilham alegrias e dividem sofrimentos.

Feuerbach constrói uma filosofia humanizada de cabeça e coração, pensamento e afetividade, que parte de um homem integral de natureza ativa e passiva, de uma sensação que é individual e de um sentimento que é partilha e que brota justamente da relação entre os vivos pelo viés da sensibilidade. Sensação é sentir, mas é pelo sentimento que surge a simpatia de um sentir comum, de um *a priori* afetivo que coincide com um *a priori* relacional, afastando o sentimento do sentimentalismo. O coração possui esta capacidade de ressentir o sentimento do outro. Existe uma identificação subjetiva por meio da simpatia que deixa de ser um mero receptáculo exterior. Para Feuerbach, uma relação sincera só poderia existir entre seres iguais, uma vez que o amor de Deus seria emotivo e unilateral entre superior e inferior, uma relação compensatória. Amar é ser com o outro, mas nunca o outro, não é um *alter ego* e sim um *alter do ego*, é a capacidade de vivenciar outro *eu* sem descaracterizar as diferenças como negativas quando comparadas a *mim*. Toda comparação é projeção e subtrai o amor e amizade, somente um ser pleno e igual pode amar, o qual é capaz de sair de si, e, nem por isso, deixar de ser, pois quanto mais sou para o outro, sou para mim, apenas dar

sem receber revela superioridade. O amor em Feuerbach não é perfeito, pois a perfeição é autossuficiente; sua relação afetiva revela-se por meio da dependência recíproca e simétrica, o que indica a necessidade do outro.

A subjetividade veste a roupagem de personalidade interpessoal em Feuerbach. Em sua filosofia não há o sacrifício do indivíduo em nome da unicidade do gênero. O indivíduo não está cindido entre o individualismo de caráter finito e acidental e o gênero conceitualmente universal. O indivíduo harmônico feuerbachiano conquistou seu *status* pelo sensualismo, cujas individualidades e generalidades estão unidas. Somos homens não no geral apenas, mas também como seres determinados, uma vez que o gênero surge a partir do individual. A humanidade existe nos homens, mas antes existe no homem. Para o Filósofo, é preciso individualizar o universal, entender o gênero humano como construção a partir da individualidade de cada ser, desmistificando conceito abstrato de gênero e caracterizando-o como resultado de indivíduos concretos para promover a defesa da individualidade de maneira incondicional. O fundamento do gênero é a oportunidade de harmonização do desigual e de todas as suas diferenças. O pertencimento de si mantém a riqueza da diferenciação que se dá no gênero. A maldade nasce da extinção do homem frente a essas diferenças com os demais, impossibilitando a realização da diferença. O gênero existe para a realização do *tu*, de indivíduos que existam fora de mim. O outro é a imagem sensível do gênero que são qualidades as quais se criam e potencialidades que se partilham de uma dualidade concreta. "O gênero não significa, de fato, um *abstractum*, mas apenas o tu em face do eu singular fixado por si mesmo, o outro, e em geral os indivíduos humanos existentes fora de mim (FEUERBACH, 2005g, p.176)." O gênero amplia as potencialidades do indivíduo; as minhas limitações não são necessariamente limitações de outros indivíduos. É um ser que se reflete, não se comparando apenas aos outros, mas também consigo mesmo. O indivíduo, voltado apenas para si, é um ser isolado e com perspectivas menores. O gênero amplia essas perspectivas e possibilita uma liberdade maior frente às limitações impostas pelo espaço e tempo, por isso a necessidade de colocar no lugar da divindade o gênero. "Só o gênero está em condições de suprimir e, ao mesmo tempo, de substituir a divindade, a religião. Não ter religião significa pensar *apenas em si mesmo*, ter religião pensar *em outros* (FEUERBACH, 2005g, p.177)." Para Feuerbach, o gênero é a condição para a realização do homem, como exemplo, ele cita e o compara com a lagarta, fechada em si e que não reconhece que ainda pode ser uma borboleta. *Eu e tu*, indivíduo e gênero estão bem distintos na filosofia feuerbachiana, os quais pertencem ao

interior de um e mesmo indivíduo, sendo a filosofia do homem uma filosofia para o homem, o conhecimento do que ele é oferece possibilidades de reflexão sobre o que ele pode e deve ser.

3.6 Eu e não-eu: Aspectos de uma interioridade não revelada que fundamentam a vontade e a religião

Após estabelecermos nos tópicos anteriores a linguagem como uma razão universal e o amor como uma identificação subjetiva, ou seja, razão e sentimento, unidos no indivíduo integral feuerbachiano, segundo o Autor, não existe um dualismo entre *eu*, objetividade, e, *não-eu*, subjetividade. Toda comunicação reflete a experiência vivida que encontra na interioridade um fundamento universal de uma relação que o sujeito estabelece consigo mesmo e realiza-se pela exteriorização de sua vontade, pois o entendimento coloca as coisas em mim e a vontade busca a realização deste entendimento fora de mim.

Estabelecer uma sensibilidade universal é uma tarefa árdua para a filosofia feuerbachiana, pois a sensibilidade sempre esteve ligada à pessoalidade e a sua incomunicabilidade. A intimidade foi colocada para fora, sendo conceituada como algo menor em relação às estruturas fundamentais do ser humano. Essa visão fez da filosofia antropológica um campo de estudo voltado para a exterioridade, ligada à manifestação do indivíduo e não a sua interioridade, construindo-se assim, uma lacuna de comunicação entre o exterior e o interior, o *eu* e o *não-eu*. Dessa forma, o desafio de Feuerbach é propor uma filosofia que possa comunicar a experiência vivida que o sujeito faz de si mesmo, totalizando o indivíduo por meio de uma visão unitária da filosofia da sensibilidade. Ao preencher essa lacuna, o Filósofo oferece uma compreensão global da subjetividade individual, que é constituída por um *eu*, objetividade, e, um *não-eu*, subjetividade. Ao compor o *eu* e *não-eu*, como parte de um único indivíduo, constitui-se assim, sua forma integral, de uma individualidade que aparece espontaneamente desse ajustamento como totalidade humana sem que suas particularidades sejam perdidas. "Perspectivar o ser humano do ponto de vista da vida interior é também encontrar na interioridade uma componente humana universal e, nessa medida, outra possibilidade para a compreensão da diferença antropológica (SERRÃO, 2005, p.294)." A união do *eu* e *não-eu*, revela uma experiência inteiramente sensível de acesso ao mais íntimo, na qual a essência mais profunda do indivíduo é

revelada. Ao mergulhar em sua interioridade, o homem dissolve sua diferença com a natureza, a capacidade deste *eu* que observa e deste *não-eu* que é observado evidencia o homem como o ser mais profundo, e, por excelência, o ser mais sensível na natureza. Porquanto,

O fundo que transportamos é acompanhado de uma sensação especial, um misto de união e dependência, de pertença e de desconhecimento. É o sinal de uma dimensão inapreensível e inabarcável, que além de inacessível aos outros, também o é ao próprio. A intimidade pessoal emerge do âmago do indivíduo como incognoscível e incompreensível mas, ao mesmo tempo, como fazendo parte integrante dele. (SERRÃO, 1999, p.295)

Eu e não-eu estabelecem a ligação entre o estado refletido e irrefletido, da "[...]sugestiva imagem do homem que habita como um arrendatário na sua própria casa (SERRÃO, 1999, p.296)." É relevante admitirmos a duplicidade que a subjetividade pode apresentar, passando a determinar o homem como uma dissociação de si mesmo. Caso essa separação não existisse, não seria possível compreender certas alterações psicológicas, como a perda de consciência, a paixão, entusiasmo ou depressão, ou seja, situações que são capazes de colocar o homem para fora de si. "Para Feuerbach dos últimos escritos, a interiorização é um aprofundamento e uma descida ao mundo interior, que não contradiz a racionalidade, mas é uma contradição inscrita nela (SERRÃO, 1999, p.297)." Feuerbach está intencionalmente interessado em compreender o ser humano em sua integralidade e totalidade. Para isso, busca superar e não analisar as cisões ou desarmonia presentes no indivíduo como meras doenças psíquicas. Muito pelo contrário, o Autor tenta identificar essas situações, que podem ser fronteiras que impedem o sujeito de ir além do *eu*.

Feuerbach por meio do *eu e não-eu*, oferece subsídios para compreender a complexidade do fenômeno religioso por meio da fundamentação de sua nova filosofia, pois ao revelar a não comunicação entre *eu e não-eu*, quando o *eu* consciente perde a capacidade de interagir com seu *não-eu* inconsciente, tal incomunicabilidade passa a ser um peso muito grande a ser suportado, sobretudo pelo distanciamento de sua naturalidade e a partir dessa abordagem, fundamenta um *eu* sem a presença de um *não-eu*, que recebe o nome de Deus, e ,consequentemente, um *não-eu* sem *eu*, que receberá o nome de natureza. Na transcendência, o homem não mais percebe a definição de seus predicados, encontrando apenas um vazio e um esvaziamento de si mesmo. Suas

determinações são postas como algo distante; como um outro ser, precisamente pela limitação da consciência, o que caracteriza o fenômeno religioso como dilaceração, tensão e sofrimento, transpondo a alteridade pessoal em alteridade absoluta. Contudo, o trágico feuerbachiano não é a percepção da grandeza do cosmos frente à pequenez humana ou muito menos nossa limitação diante das onipotências divina. Toda essa abordagem somente é possível diante da percepção da existência como um abismo, cuja sensação só é possível pela *alteridade intransponível da intimidade*, evidenciando a fragilidade da vida, diante de um precipício e sem bases sólidas ou qualquer outra fundamentação, pois,

O sentimento trágico surge como um barreira intransponível para a subjetividade, que não se resolve em uma síntese nem se anula através do saber. Por essência, o ser humano traz em si a sua própria cisão, sente a fragilidade da existência e o seu caráter precário. Ele é por isso o ser na qual emerge a dúvida a cerca da identidade, da origem e do fim - O que sou? De onde venho? Para onde vou? (SERRÃO, 1999, p.301)

Essa busca por respostas, por esse *não-eu*, que não alcançamos pelo exercício da reflexão, passa a ser o fundamento da religião; de uma pretensa liberdade humana em contradição com a sua necessidade, cuja finalidade enxerga só o resultado final e não os meios que o levam. Existir não é vontade sua e nem vontade do outro: o homem tornou-se, não foi feito. Esse sentimento aleatório e contingente mostra a vida como um acaso. Existe sem decisão de existir, fora da sua vontade. De tudo o que existe nada nos pertence, somos apenas usufrutuários e beneficiários. A natureza passa a ser o único meio pelo qual a vida é dependente. Entretanto, a inquietação sobre a vida não deixa de existir, posto que a própria natureza não humana é muda e não oferecerá respostas para a sua produção. Tal sentimento de fragilidade e precariedade sempre acompanhará o homem, principalmente em momentos de maior dramaticidade para tentar livrá-lo da concepção de que sua vinda ao mundo esteja carente de uma vontade.

Além dos aspectos incognoscíveis do *não-eu*, Feuerbach apresenta elementos que são anteriores e escapam do domínio humano, controlado pelo saber e querer, mas que representam uma fonte de disposição e impulso que se exteriorizam para o *eu-consciente*, sem conflito e contradição. Impulsos fisiológicos, como a fome e a sede, buscam a externalização e sua realização imediata, mas também impulsos abstratos ou

espirituais tendem a oferecer caminhos e sentidos para um vazio existencial, além dos impulsos poéticos que são capazes de materializar na forma da escrita ou figuras os sentimentos, elementos que vão além do controle exercido pelo *eu-consciente*. Essa doutrina da vontade apresenta a bipolaridade entre consciente e inconsciente, voluntário e involuntário, que somente encontra seu equilíbrio quando o impulso é sucedido pela consumação ou se torna dor e sofrimento quando não é realizado.

Enquanto ser no mundo, o querer do sujeito apresenta-se como a outra face do ser-querido por parte do objeto, e o condicionamento exercido por este é simétrico de um acto de aceitação livre por parte do sujeito. Na relação sujeito-objeto, na qual querer significa "querer X", há uma relação dúplice de autonomia e passividade, e a acção consumada realiza-se em consonância com o objecto. (SERRÃO, 1999, p.304)

A vontade, na perspectiva feuerbachiana, é uma relação do sujeito consigo mesmo, com o seu *não-eu*, livre de um movimento, *a priori*, que escapa da compreensão da vontade como manifestação do *eu-interior*, desprendido de algumas decisões que podem ser pensadas e meditadas, resultado de algumas motivações que nem sempre são transparentes e conscientes. Toda justificativa e compreensão é feita *a posteriori*. Por isso, o engano e a noção de termos agido mal, visto que a vontade só é livre quando se quer aquilo que se pode ter, caso contrário meu querer é imaginário. Para Feuerbach, quando pensamos o sentido do agir estamos tentando compreender a essência da própria noção de liberdade. "Livre só pode ser considerado o agir que se perfaz e se consuma num grande ciclo que vai do projeto inicial até a sua concretização final (SERRÃO, 1999, p.306)." Toda análise de um agir livre não pode estar fundamentada em uma decisão transparente de ação inicial, pois somente o êxito do ato terá a representação da liberdade, exercida de forma plena, de uma liberdade que é realizada de forma *a posteriori*. "Querer implica poder, e só o querer acompanhado de poder é livre (SERRÃO, 1999, p.306)."

Vontade e querer implicam-se. A vontade só pode ser realizada pelo querer, uma vez que este é apenas resultado do seu querer ser, fonte de toda consciência do mundo porque precede o entendimento. O querer realiza-se em si mesmo e o mundo é objeto dele, consequência do querer ser e do querer ter. Para Feuerbach, o entendimento é o poder que coloca as coisas em mim e a vontade seria o poder que retorna essas coisas para fora de mim, sendo colocadas na minha cabeça pelo entendimento. Quando não conseguimos e não somos capazes de realizar o que queremos, ou seja, quando

queremos e não podemos, sofremos com esse inaceitável sentimento contraditório. Querer na sua realização é um poder, e sua contradição evidencia-se entre o conflito de querer-poder e a incapacidade de não poder, mecanismo que intensifica e evidencia os limites do poder individual de um querer ser e não poder ser. E como a vontade não é aptidão natural e nem uma inclinação independente, ela expõe o ser sensível total, o qual o resultado é satisfatório ou não atinge o mesmo ser total mais intensamente do que no pensar e sentir. Outro aspecto é a finitude como elemento de abstração e realização, que muitas vezes se torna abstrato, justamente para suprir a incapacidade de ser o que quero ser e poder o que quero poder, já que quanto maior o empreendimento, maior será a dúvida, resultando muitas vezes em uma ação que não encontra força em si mesma.

3.7 Autoalienação religiosa e o materialismo sensualista de Feuerbach

Não há distinção entre homem natural e social para Feuerbach. A natureza humana é social por essência e a comunicabilidade é o meio necessário para chegarmos à consciência de gênero, e assim, a busca por um ser integral. Inserido na comunidade e na clara distinção entre *eu* e *tu*, o homem feuerbachiano distancia-se do individualismo religioso e do sistema idealista que favorecem o valor absoluto da interioridade. "Somente no outro tenho a consciência da humanidade; somente através dele eu experimento, sinto que sou homem [...] que somente na comunidade faz a humanidade (FEUERBACH, 2007, p.169)." No contato com o outro se abre a possibilidade de objetivação para um homem consciente do seu corpo e da sua materialidade que se unindo, elevam suas potencialidades de ação comunitária para constituir o Estado. "O Estado é a soma de todas as realidades, o Estado é a providência do homem. No Estado, os homens representam-se e completam-se uns aos outros (FEUERBACH, 2007, p. 147)." Na comunidade o homem potencializa sua essência genérica, sendo capaz de confrontar todas as suas dificuldades, fortalecido pelos predicados gerais da humanidade.

Para o Filósofo, a sensibilidade tem *ação objetiva* e possibilita a articulação entre a atividade prática e teórica; de um indivíduo integral que possui sensoriedade e sentimento, redirecionando a formulação de sua nova filosofia avessa aos moldes tradicionais que restringiam o conhecimento ao campo ideal. Feuerbach coloca o

homem no centro. Sua filosofia antropológica considera a realidade para chegar à felicidade, tornando possível uma nova maneira de explicar o mundo por meio da vida prática e seus fenômenos que têm como princípio norteador o *amor* entre *eu* e *tu*, e a recíproca relação entre sujeito e objeto, ser e pensar. Assim,

A filosofia do futuro tem como tarefa reconduzir a filosofia do reino das "almas do outro mundo" para o reino das almas *corporizadas*, das almas vivas, de a fazer descer da beatitude do pensamento divino, desprovido de necessidades, até à miséria humana. (FEURBACH, 2005e, p.101)

Feuerbach desenvolve sua filosofia em contraste com a filosofia idealista que supervalorizava a razão, desconsiderando sua natureza corpórea.

De todos os idealismos destacados por Feuerbach, o idealismo absoluto apresenta-se como o mais merecedor de suas críticas, o que não pode ser explicado apenas pelo fato de ele ter estudado com o mestre Hegel, e sim, porque a versão absoluta da teoria idealista resgata toda tradição religiosa da teologia, carregando em si os idealismos insustentáveis que os antecedeu. (OLIVEIRA, 2011, p. 132)

A filosofia do futuro proposta pelo Autor é construída pelo viés da sensibilidade e a capacidade relacional do homem. Enquanto a filosofia feuerbachiana concentra-se na sensibilidade, no particular, a filosofia hegeliana ou idealismo absoluto projeta sua essência na forma universal de conceito.

Feuerbach limita-se ao materialismo corpóreo e simples, o que leva a perceber o homem apenas corporizado, por isso a relação Eu/Tu, é medida pelo coração em confronto com a razão do idealismo. A sensibilidade humana é condicionada, ou melhor, interpretada como característica comportamental essencial do homem (entre homem/mulher) numa esfera interior sentimental, sem relação direta e intrínseca com a realidade social - o sensível é apenas materializado (materialismo natural), mas não dialeticamente histórico. (OLIVEIRA, 2011, 134)

O Autor da filosofia da sensibilidade entende o ser em conformidade com os fatos e a razão, elaborando o conceito com significação material cuja essência não está separada da matéria, mas leva a cabo a sua sensibilidade e a clara identificação com o outro. Feuerbach prioriza a relação para que sua essência e existência não sejam prejudicadas. Sua filosofia do futuro tem como propósito uma antropologia filosófica

feita para o homem e pelo homem, proporcionando maior liberdade frente às imposições conceituais da razão especulativa.

O enfrentamento de Feuerbach à filosofia especulativa intenciona libertar o homem de uma visão idealista de mundo regido pelo abstracionismo da essência, contribuindo significativamente para o materialismo histórico. Entretanto, faltou ao Autor considerar a atividade sensível em união com a atividade humana, e, por isso, acabou estabelecendo dois mundos diferentes: um religioso e um mundano. Logo,

O erro de Feuerbach não está em subordinar o que é imediatamente palpável, a aparência sensível, à realidade sensível constatada por um exame mais rigoroso dos fatos sensíveis; está, ao contrário, em que ele em última instância, não consegue lidar com o mundo sensível sem considerá-lo com os "olhos", isto é, através dos óculos do filósofo. (MARX; ENGELS, 2007, p.30)

O problema feuerbachiano consiste em não ter desenvolvido seu conceito de sensibilidade em consonância com a história da humanidade e suas contradições. Sua percepção de mundo não é fruto de uma realidade prática-histórica.

É certo que Feuerbach tem em relação aos materialistas "puros" a grande vantagem de que ele compreende que o homem é também "objeto sensível"; mas, fora o fato de que ele apreende o homem apenas como "objeto sensível" e não como "atividade sensível"- [...] não conhece quaisquer outras "relações humanas" do "homem com o homem" que não sejam as do amor e da amizade, e ainda assim idealizadas. (MARX; ENGELS, 2007, p.32)

Para Feuerbach, a autoalienação religiosa está abstraída do processo histórico. A ligação natural dos indivíduos acontece isoladamente, concebendo Deus de forma separada, pertencente a uma alienação religiosa que se constitui independente da atividade prática e sensível humana. A realidade, para o Filósofo da sensibilidade, é apreendida subjetivamente e está cindida com a atividade prática e social. A essência religiosa que aliena os indivíduos não considera a história e suas relações sociais. A compreensão acerca do fenômeno religioso recai sobre a afirmação de que esse sentimento é tão autônomo quanto o mundo religioso que existe em cada indivíduo isoladamente, perfazendo sua essência e consciência.

A alienação é, para Feuerbach, uma modalidade da vivência do próprio como transposto e fantásticamente substantivado num outro. A alienação surge, não da diferença que é inerente ao estatuto do outro como tal, não da exterioridade constitutiva que funda o seu ser no outro, mas no

desapossamento. Um desapossamento que não é abertura comunicativa e amorosa à realidade do outro, mas ficção de realidade, como outro daquilo que é próprio.

Na alienação, não há verdadeiramente convivialidade entre dois seres, mas retalhamento de um ser que investe, na figura hipostática de um outro, propriedades e dinâmicas que são constitutivamente suas. (BARATA-MOURA, 1993, p.66)

A religião revela a essência antropológica de cada indivíduo fundamentada enquanto gênero. Nesse sentido, a religião funda-se nos valores antropológicos da humanidade, mas que não leva à conscientização, uma vez que se constitui do próprio indivíduo alienado de si e de sua estranha relação de alteridade consigo mesmo e com seu gênero.

Capítulo IV

Filosofia do Futuro: Exaltação da sensibilidade

4.1 Os princípios da nova filosofia em Feuerbach: Carta a Karl Riedel

"Sob o motivo inspirador do *Einmal* - da vida que se vive uma só vez -, é conduzida toda uma exaltação da vida sensível, determinada e preenchida, repleta de qualidades e concentrada no aqui e agora de cada instante (SERRÃO, 1999, p. 42)."

Neste capítulo trabalharemos de forma sucinta a tradução feita por Adriana Veríssimo Serrão, que reúne os escritos feuerbachianos que perfazem o período de 1839-1846¹⁰. Nestes textos, o Filósofo institui uma nova filosofia longe das absolutizações e amplia a perspectiva filosófica para conciliação entre empiria e especulação, pois o Autor reconhece que ambas são deficitárias uma da outra. O Filósofo institui um projeto racional capaz de substituir a religião, utilizando a experiência humana como objeto e reflexão filosófica. Ao identificar a individualidade na modernidade de uma sociedade que está sendo construída no egoísmo e interesse, por meio da absolutização da intimidade, o Filósofo promove o resgate da imanência e de uma razão que se volta a ela e ao mesmo tempo deixa de ser o único critério para chegar-se a verdade. Na construção da teoria da sensibilidade, Feuerbach considera a realidade fora do pensamento e um pensar que é afetado pela sensibilidade, entretanto sua intenção não é substituir o pensamento pelos sentidos, mas incorporar ao pensamento o sentir humano. Em oposição clara a Hegel, que instituiu um pensamento sem considerar a experiência sensível humana e que estabeleceu uma razão absoluta que dispensava a verdade de qualquer ser singular, uma vez que essa consciência particular em Hegel está submissa à consciência em si do pensamento, Feuerbach constrói uma filosofia genético-crítico, um pensar que questiona e busca sua fundamentação na

¹⁰ FEUERBACH, Ludwig. *Filosofia da sensibilidade. Escritos (1839-1846)*. 2005. Tradução Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

realidade. Dessa forma, sua filosofia passa a ser de cabeça e coração; uma filosofia da sensibilidade que pensa e um pensar que sente; um filosofar que parte da realidade e não o seu contrário, transformando o ser especulativo hegeliano em um ser real que utiliza o seu corpo como fonte de conhecimento.

Em 1839, Feuerbach responde a Karl Riedel sob a forma de carta pública a uma crítica de todo o seu empenho e sua capacidade filosófica desperdiçada em estudos de cunho histórico, uma vez que depois de ser identificado como Autor dos *Pensamentos sobre a morte e imortalidade*, e, conseqüentemente, sua interdição para lecionar em qualquer universidade da Baviera, seu empenho recaiu para a publicação de estudos históricos, mais especificamente, estudos sobre a história da filosofia moderna para uma revista da escola hegeliana. Esse texto de cunho autobiográfico ganhou suma importância, pois incidia justamente na transição e definição de um projeto pessoal de filosofia em meio à generalidade dos intérpretes.

Para o Autor alemão, a história da filosofia apresenta uma coexistência de doutrinas, na qual cada uma tem a sua própria verdade, levando a síntese de dois pontos fundamentais na historicidade da filosofia: Um deles é a singularidade e a multiplicidade de pontos de vista, abstendo-se de estabelecer uma filosofia única ou definitiva. Já o outro ponto fundamental estabelecia a exclusão dos pensadores com o progresso histórico. Essa conclusão feuerbachiana de não haver uma verdade absoluta e o que existe são verdades singulares, fundamentará sua crítica a Hegel e a alguns de seus seguidores.

Toda pesquisa de história da filosofia fez com que Feuerbach assumisse um papel de historiador com características esclarecedoras e tradutórias da filosofia, muitas vezes indecifráveis. Para isso, o historiador-filósofo deve desenvolver a noção de *Entwicklung*, permitindo o intérprete compreender o pensamento do outro por meio da sua realidade e pensamento, e transmiti-lo com os filtros necessários para uma boa compreensão dos núcleos centrais da pesquisa.

A *Entwicklung*, que aqui se traduz por "desenvolvimento" ou por "interpretação", significa propriamente a revelação de pensamentos ocultos, o movimento que traz à luz o que no original se encontra ainda pouco explicitado ou mesmo no nível de intuições latentes. (FEUERBACH, 2005, p. 18)

Para Feuerbach, o *Entwicklung*¹¹, resume-se na hermenêutica e tradução do sentido voltado para uma prática comunicativa conduzida pelo intérprete para mediar a compreensão entre o leitor e o autor. Todavia, após sua interdição para ministrar aulas e com o campo de pesquisa restrito à publicação na revista, Feuerbach refugia-se no campo, depois do casamento com Berta Löw, assumindo a postura de um pensador livre, ligado ao campo e em contraste com as imposições filosóficas acadêmicas, apropriando-se, assim, de um filosofar diferente e animado pela pureza dos elementos naturais e na conciliação entre um conhecimento filosófico que deixa de fabricar apenas conceitos para também estar ligado às fontes empíricas e um estudo fiel ao mundo natural.

Voltando à resposta dada a Karl Riedel, que afirmava que Feuerbach poderia ter um pensamento independente e deixado para um intérprete de menor nível intelectual sua pesquisa sobre a história da filosofia, o Autor relata que depois de sofrer as restrições no campo acadêmico, viu-se obrigado a partir para o campo e que isso o fez descobrir elementos naturais para o pensamento, algo até então desconhecido pela filosofia especulativa.

Quem pode negar que o seu órgão de pensamento, nomeadamente em Hegel, se encontrava muito bem organizado? Mas por outro lado, quem pode não ver que nela a função do órgão central estava demasiado separada das funções sensitivas e, em particular, que o canal através do qual a natureza nos envia seu alento reparador se encontrava obstruído? (FEUERBACH, 2005a, p. 34)

O impedimento de livre exercício de pensamento dentro da academia, após a publicação dos *Pensamentos sobre a morte e a imortalidade*, obrigou Feuerbach à restrição deste exercer filosófico livre, voltando-se para a prática interpretativa. Porém, depois de sua experiência no campo, ele se dá conta de quantas ilusões a humanidade ainda vive e graças ao *status naturalis*, que embora parecesse uma situação desfavorável, acabou sendo seu princípio norteador de uma nova filosofia. Mas é no trabalho de pesquisador, no conhecimento de outras filosofias, no pleno exercício *Entwicklung*¹², que Feuerbach adquiriu a capacidade de escrever sobre os autores pesquisados, a fim de não esgotar o pensamento do autor de pesquisa, mas ampliá-lo na

¹¹ Entende-se por *desenvolvimento; interpretação*.

¹² *Ibidem*.

busca de explicações para seus conceitos chaves e de entendimento da sua teoria, tornando-se um trabalho de louvor e importância.

Tivesse eu encontrado explicação sobre o sentido destas proposições nos livros de história disponíveis, nunca teria ocorrido escrever sobre Descartes, Malebranche, Espinosa. E o mesmo acontece com Leibniz. O que propriamente me atraiu e me levou à exposição e à interpretação desta filosofia foi um único ponto difícil, o significado da matéria, acerca da qual não encontrei qualquer explicação nos livros. (FEUERBACH, 2005a, p.35)

A interpretação precisa esclarecer o verdadeiro sentido de uma filosofia, superando e eliminando todas as contradições com épocas posteriores para possibilitar que o pensamento continue a existir dadas algumas condições e filtros e tente evitar erros e ilusões, o que é possível, sendo justificada a intenção de Feuerbach em buscar uma exposição objetiva e com as devidas compilações ordinárias de passagens dispersas que o ajudaram a evitar tais erros. Outra preocupação feuerbachiana era a de não ceder somente à estética cujas finalidades são a beleza e a forma. Sua inquietação, mesmo como escritor e intérprete, obstina-se para uma tendência prática, aproximando o abstrato com o real, a especulação com a empiria, de um filosofar ligado à vida; de um universal que acontece no particular imerso e possuidor de uma sensibilidade que produz filosofia e que se volta para fora por meio da sensibilidade para encontrar-se a si mesma. Ao citar uma sensibilidade que se abre para encontrar a si mesma no outro, no contato com o mundo, Feuerbach a fundamentou e a elaborou como elemento necessário para descaracterizar a imortalidade da alma e transformá-la em "[...] imortalidade *objetiva* e *qualitativa*, que mede o valor do homem não pelo somatório, mas pelo conteúdo, pela qualidade de sua vida (FEUERBACH, 2005a, p. 38)." Sua alma realiza-se e encontra-se consigo mesma na experiência, apreciando as coisas, sua maneira de ser, de viver e atuar. A intenção feuerbachiana conseguiu dois proveitos simultâneos, posto que para ele:

Na filosofia especulativa sinto falta do elemento da empiria e na empiria sinto falta do elemento da especulação; o meu método é, por isso, o de ligar ambas, não porém segundo o conteúdo mas segundo o elemento, quer dizer ligar a *atividade* empírica com a *atividade* especulativa. (FEUERBACH, 2005a, p. 39)

A conexão desses dois opostos reais não apenas contraditórios acontece pela crítica e ceticismo, da mesma maneira que se coloca a especulação em oposição à vida

sensível, semelhantemente coloca-se o significado da alma em oposição ao reino dos espíritos. Foi justamente ao escrever os *Pensamentos sobre a morte e imortalidade* que Feuerbach une a especulação com a vida prática e distancia a alma do reino dos espíritos, estendendo sua crítica a um pensamento erudito e promovendo elogio ao pensamento grego que independente de seus estudos abstratos ou filosóficos, cultivava os estudos científico-naturais. Mesmo diante de todas as situações adversas e impostas pelo seu livre agir e pensar, acompanhado com suas restrições e impossibilidade de expressar-se e exercer sua profissão, Feuerbach declara: "Prefiro o pisco¹³ com seu canto monocárdico, mas próprio e natural, ao papagaio que palra a palavra alheia; o burro que nada mais quer do que ser burro, ao macaco que pretende ir para além do animal e está condenado a ser besta (FEUERBACH, 2005a, p. 40)."

Feuerbach se opõe a qualquer corrente antinatural; sua vida e pensamento estão conciliados com o mundo, não desejando ser além do que é. Sua filosofia não exclui o contraditório, pelo contrário, encontra harmonia nas diferenças e contradições. A defesa feuerbachiana estende-se a uma independência ontológica da natureza e todo conhecimento derivado dela.

Duas testemunhas bastam em face do tribunal, e segundo os antigos sábios indianos um único sentido, o paladar do homem, valia como um testimonium morum suficiente. Eu tenho nada mais nada menos do que cinco, digo cinco, testemunhas ao meu favor, nada mais nada menos do que cinco, digo cinco, sentidos ao meu lado. Que podes exigir mais? (FEUERBACH. 2005A, p. 41)

Pensamento e sentidos estão em plena relação na construção do homem integral feuerbachiano. Não há contradição entre os dois, pelo contrário, o sentidos garantem um pensamento capaz de lidar com as contradições de forma imediata e objetiva, perfazendo um homem sensível e de sincera relação com o seu corpo e o mundo.

¹³ Pequena ave que se reconhece facilmente pela mancha alaranjada que lhe ornamenta o peito e possui canto melodioso e persistente.

4.2 A valorização do humano pela sensibilidade e a construção do conhecimento

Como escrito, as contribuições mais significativas de Feuerbach acerca da sensibilidade perfazem o período de 1839-1846, é justamente nesse período que as suas ideias estão mais amadurecidas, e a partir daí que se inicia a pretensão de uma nova filosofia com ampliação à ontologia e à antropologia de forma mais concisa.

Verificou-se que em toda tradição filosófica, juntamente com suas vertentes e períodos, prolongam-se pela explicação ou pela crítica, mas em muitos casos não existe um questionamento sobre os pressupostos que fundamentaram tal filosofia. O Autor alemão concluiu que a filosofia não tem um movimento autônomo com origem nela mesma, Todo período histórico apresenta-se como inovador e de declínio, procurando cumprir o papel de prolongar ou esclarecer a filosofia que o precede. "Cada filosofia do passado é para época posterior um paradoxo, uma anomalia, uma contradição com sua razão (FEUERBACH, 2005a, p. 35)."

É dentro desse contexto que Feuerbach tem a pretensão de fundar uma nova filosofia justamente por estar inserido em um período de conservadorismo, buscando oferecer novas bases para uma possível reforma e transformação, considerando a experiência humana como objeto e reflexão filosófica. O pensador quer atribuir à filosofia um ambicioso projeto racional capaz de substituir a religião, estabelecendo uma nova maneira de perceber o mundo sem dualismos, uma vez que a religião se constrói pela vida projetada de um mundo provisório, que desvaloriza o corpo em função da alma, estabelecendo-se assim um *dualismo metafísico*¹⁴ que culminaria em um *dualismo antropológico*¹⁵. Feuerbach identifica que na modernidade os vínculos do indivíduo com a comunidade estão cindidos, surgindo assim, um novo indivíduo, dotado de egoísmo e interesses, desejoso por exclusividade e de diferenças entre a sua personalidade e a dos demais. Esse indivíduo moderno surge de uma abstração da pessoa enquanto pessoa; uma pessoa ideal de uma subjetividade isenta de subjetivação. Agora existe um esvaziamento do ser e uma absolutização de sua intimidade, na qual o eu corpóreo é reduzido ao nada, um duplo nada, tanto do mundo quanto do indivíduo. A substituição para sanar esse esvaziamento é a imortalidade pessoal, contudo a filosofia

¹⁴ O mundo criado como transitório e desprovido de autonomia.

¹⁵ Desvaloriza o corpo em função da alma e que sua plena felicidade só pode ser alcançada na imaterialidade.

deve ser causa da humanidade e, para isso, deve-se abandonar uma filosofia que se desenvolve no plano dos conceitos, pois a religião suprimiu os valores da humanidade colocando-os em uma entidade metafísica e a filosofia ignorou. É preciso agora um pensar voltado para a vida, fundado na imanência.

Ao instituir a nova filosofia, Feuerbach assume uma posição contrária à tradição filosófica¹⁶, especificamente ao modelo de pensamento que tinha valor absoluto e uma maneira exclusiva de admissão da verdade pela maximização da razão humana e a desvalorização de uma realidade existente fora do pensamento que, conseqüentemente atribuía um caráter menor à existência e ao ceticismo com relação a um mundo percebido pelos sentidos, levando à incongruência ontológica. Ao afirmar a razão humana como único meio de acesso à verdade, de forma correlativa, descaracterizava-se a realidade empírica. Mesmo que a filosofia moderna apelasse para uma possível imanência, na sua essência não existia uma efetiva valorização do ser humano. Direcionado pela dogmatização da razão a *idade moderna* determinou o homem por um modelo filosófico e o instituiu como resultado de uma série de dualismos entre espírito e matéria, intelecto e sentidos, e é justamente nessa brecha que a antropologia feuerbachiana vai fundamentar suas superações a toda separação e abstração instituída.

O idealismo subordinou o homem empírico por meio de uma razão ideal, fundamentou a moral justamente por ter a razão pensante adquirido a condição de divina e alimentada por predicados de espontaneidade e autossuficiência, passando a ser uma teologia racional. Nesse período, o filosofar carece de realidade, necessitando ser invertido, porém isso não leva Feuerbach ao fundamento de sua nova filosofia. Suas sustentações estão longe dos debates filosóficos especializados, pautando-se em uma não- filosofia, que reconhece a força vital de toda exterioridade.

Feuerbach seguirá duas linhas argumentativas de ênfase sobre o mundo. A primeira enaltece a realidade como existência fora do pensamento, definindo a noção de realidade deslocada da idealidade ou essência e voltada para a existência concreta com a concepção de que o real existe por si só, independente de ser pensado. Já a segunda, define o ser sensível como aquele que é afetado pelo mundo e interage de forma sensível com ele, onde somente o ser sensível é um ser real. Em Feuerbach, no lugar do conceito e ideia surge o ser real. Em meio à multiplicidade aparece o homem

¹⁶ Embora a expressão "tradição filosófica" possa fazer menção à toda história da filosofia, a ênfase de Ludwig Feuerbach recai sobre o período moderno, especificamente entre Descartes e Hegel.

mergulhado em sua singularidade, possuidor de um sentir que é transitivo, capaz de diferenciar e fazer uma *síntese* entre todos os existentes distintos; de um que sente e de outro que é sentido. Uma relação de sujeito-objeto, mais uma vez, avesso ao modelo de pensamento que se desenvolve de forma circular e que tem como pressuposto principal a reflexão voltada para si mesmo. Na sensibilidade estou aberto ao outro, com capacidade singular de determinar e ser determinado, constituindo a valorização de todos e cada um dos seres no processo de conhecimento.

Feuerbach não quer anular o pensamento ou substituí-lo pelos sentidos, mas inverter e superar o pensamento abstrato por um pensamento cuja origem também se encontra na sensibilidade, transformando a interioridade do idealismo alemão em exterioridade; passando da interioridade privativa para uma sensibilidade universal. A nova filosofia não é dedutiva e nem sistemática, ela está aberta ao mundo; descrita e explícita na existência e na coexistência, na sincera correlação e troca entre passividade e atividade, de um corpo dotado de afetividade que adquire a condição de viver e pensar, sendo capaz de transformar cada sujeito em *eu* e *tu*.

4.3 A indeterminação natural, um contrassenso da filosofia de Hegel

Cabe-nos voltar a alguns conceitos hegelianos para conseguirmos construir bases sólidas para o pensamento feuerbachiano e sua nova filosofia, que é sem dúvida uma oposição clara ao espírito absoluto hegeliano, pois até mesmo a intuição e método em Hegel está restrito a um *tempo* exclusivo e determinado, não havendo *espaço* para diversidade e tolerância, de um sistema que trabalha com subordinação e sucessão, desprezando à coordenação e coexistência para construir e desenvolver uma totalidade determinada e exclusivista. Para filosofia hegeliana, o homem coloca o seu conhecimento em um estágio de superioridade e não de igualdade entre todos os seres vivos. É claro que para o desenvolvimento do sistema hegeliano toda historicidade deve ter o seu desenvolvimento, respeitando sucessões e determinações, o que não acontece na natureza que é totalidade em cada ato e de caráter particular e individual. Mesmo assim, há uma ênfase menor para essas manifestações totais da natureza que são colocadas como predicados dentro do desenvolvimento do absoluto, porém: "Não está

em poder da filosofia dar entendimento, uma vez que ela já o pressupõe; ela limita-se em determinar o meu entendimento. A produção de conceitos por uma filosofia determinada não é uma produção real, mas apenas formal (FEUERBACH, 2005b, p.51)." Ao libertar-se da diversidade e tolerância, as filosofias modernas acabam concentrando-se em si mesmas, e, com isso, perdem a oportunidade de duvidar de si, passando a ser representadas por pensadores destituídos de necessidades.

Começar com o ser é mero formalismo, porque ele não é o verdadeiro começo, o verdadeiro primeiro; poder-se-ia igualmente começar com a ideia absoluta, precisamente porque antes de *escrever a Lógica*, quer dizer, antes de dar às suas ideias lógicas uma forma científica de comunicação, a ideia já era para Hegel uma certeza, uma verdade imediata. (FEUERBACH, 2005b, p.60)

Para Hegel, a ideia absoluta é irrefutável por si mesma, não requer a existência de pressupostos. Mesmo que não duvide da consciência sensível, ele não reconhece a verdade de um ser singular. Toda verdade da consciência sensível está subordinada a ser um objeto da consciência em si do pensamento, pois a ideia de uma identidade absoluta ou do absoluto em si era para Hegel uma verdade objetiva. Toda corrente idealista já considerava o sujeito e o objeto, o espírito e a natureza, mas somente na perspectiva de uma unidade apresentada como meio, um objeto, posto pelo espírito. "O idealista dizia à natureza: tu és o meu alter ego, o meu outro eu; só que ele acentuava apenas o eu, de modo que o sentido do seu discurso era o seguinte: tu és a emanção, o reflexo de mim mesmo, por ti mesma não é nada de particular (FEUERBACH, 2005b, p.65)."

Em Feuerbach, a filosofia precisa ser genético-crítico, não apenas crítico como em Hegel. A filosofia feuerbachiana não concebe e nem demonstra dogmaticamente qualquer objeto dado pela representação. Todo pensar remete à existência, àquilo que é real porque é uma atividade do existente, do real, de uma razão que não pode ultrapassar o existente porque não pode subjugar a si mesma, uma vez que ela está submetida ao devir. "Sou incapaz de pensar o privado de determinação e de conteúdo sem a referência ao conteúdo e à determinação (FEUERBACH, 2005b, p.73)." A filosofia precisa estar voltada para a realidade em sua totalidade, considerando todos os aspectos sensitivos e naturais, todas as inquietações e segredos mais íntimos encontram-se nas mais simples coisas naturais. É por meio da natureza que encontramos todas as bases e realizações, tanto fisiológicas quanto de liberdade ética. Na natureza as coisas só estão em

contradição quando analisadas por uma liberdade fantástica e fantasiosa. Em si, ela não se contradiz.

Dessa forma, Feuerbach institui uma filosofia da sensibilidade que pensa, e de um pensamento que sente. Diante desse âmbito, a sensação deixa de ser apenas um estado subjetivo, passando a ser o meio de apreensão da realidade. O homem deixa de estar voltado apenas para o seu lado cognitivo e seu respectivo estudo para ser analisado ontologicamente, por meio do qual passa a ser compreendido a partir de si mesmo. A sensação vai ser o elo entre o homem e a natureza, sujeito e objeto; o vínculo fiel entre o pensar e o ser. Conforme afirmamos, o homem age alternadamente sendo atividade e passividade por meio da sensibilidade. Feuerbach quer unir o pensamento à empiria, buscando como nas ciências em geral, "[...] tornar objetivo o não objetivo, apreensível o inapreensível, ou seja, promover um objeto de prazer de viver a uma coisa do pensamento, a um objeto do *saber* - é por isso um acto absoluto, um acto filosófico (FEUERBACH, 2005c, p.78)." O Autor buscou dar naturalidade à filosofia, transformando-a em um *saber geral* e próximo ao saber das ciências reais, divergindo de um saber específico que difere de todos os outros. Diante dos seus estudos enquanto lecionava e escrevia sobre a história da filosofia, Feuerbach chegou à conclusão de que a própria história confirma tais fatos. De que a filosofia é a mãe das ciências, desde seu início com os filósofos da natureza até a idade moderna. É evidente que filosofia e ciência vão separar-se, mas em um primeiro momento precisam começar juntas, pois ao se iniciarem separadas, nunca se chegarão a um fim. As revelações e fonte do conhecimento, como diria Feuerbach, não acontecem apenas pela pena do ganso, mas também pelo telescópio da astronomia.

Há sem dúvida um empiria limitada, miserável, que não se eleva, ou pelo menos não quer se elevar, até o pensamento filosófico; mas igualmente limitada é uma filosofia que não desce até à empiria. Mas como chega a filosofia até a empiria? (...) Apenas pelo facto de reconhecer a atividade empírica também como uma atividade filosófica - de reconhecer que também o ver é pensar, que também os *instrumentos sensoriais* são *órgãos da filosofia*. (FEUERBACH, 2005c, p. 78)

A filosofia para Feuerbach começa associada à empiria, mas depois se dissocia, perde sua referência com a realidade. Na filosofia moderna há um resgate de princípio filosófico ligado à empiria, pois: "Não é no fim que a filosofia chega à realidade, é, pelo contrário, com a realidade que ela começa (FEUERBACH, 2005c, p. 79)." É necessário

que a filosofia comece da empiria, uma vez que começar primeiramente com a filosofia é um ato deslumbrante e finito. Ao começar com a empiria, a filosofia, ligada à necessidade, oferece pressupostos ao pensamento. "A filosofia que começa com o pensamento desprovido de realidade termina conseqüentemente com uma realidade desprovida de pensamento (FEUERBACH, 2005c, p.79)." É preciso que a filosofia comece com seu contrário, de outro modo ela apenas seria subjetiva, presa no eu e não a um outro do eu. Quando a filosofia pressupõe a si mesma, ela já se encontra pronta; estabelece seu início e seu fim. A filosofia feuerbachiana começa com os sentidos e com a apreensão sincera da realidade, que considera o corpo como elemento importante na construção do conhecimento, aberto a uma realidade tolerante e à diversidade que afeta constantemente meu corpo levando-me à construção sincera de uma filosofia imersa na realidade, caso contrário, uma filosofia sem corpo e sem sentidos, não seria a filosofia de um eu especulativo? Destituído de singularidade e condicionalidade dada pela empiria? O corpo é critério essencial para o conhecer; sem corpo não há vida e nem pensamentos, preciso do corpo, nem que seja um corpo especulativo para pensar. É o corpo que possibilita nossa abertura para o mundo.

4.4 A negação como necessidade de afirmação: Teses para reforma da filosofia

No tópico anterior mostramos como Feuerbach enalteceu a filosofia antiga, sobretudo os filósofos da natureza por aproximar a filosofia da realidade, caracterizando-a como a mãe das ciências. Agora, o Filósofo, por meio das *Teses para a reforma da filosofia* vai concentrar seus argumentos para estabelecer as bases teóricas para uma nova filosofia. O Autor fará uma análise crítica da filosofia moderna para fundamentar uma filosofia da sensibilidade. A filosofia moderna carrega consigo a ideia de libertação do domínio da fé por meio da razão, mas Feuerbach remonta à ideia de razão para demonstrar que suas especificidades reformam as propriedades do Deus metafísico.

A razão do idealismo subjetivo é humana, carece do mundo e da matéria; mas, ao mesmo tempo, é ela que define uma ordem universal, um plano de pureza e autonomia formal do qual é expulso o finito e o empírico, colocando-se a si mesma como abstração fora e acima do homem empírico. (SERRÃO, 1999, p. 86)

Em sua obra anterior, *A essência do cristianismo*, Feuerbach estabeleceu as distinções claras entre religião cristã e teologia. Na religião cristã, o homem projeta seu Deus pela fantasia e imaginação, tendo como fundamento a subjetividade, já a teologia se estabelece como justificação teórica da existência de Deus, de fundamento objetivo e racional, trabalhando com as propriedades metafísicas de Deus. E é justamente a ampliação da visão da antropologia religiosa e toda sua extensão de afetividade que servirá de introdução para o tema da sensibilidade, e, conseqüentemente, sua abertura ao mundo representado pelo coração como sensibilidade e corpo, e pela cabeça como consciência e razão, ou seja, sentir e pensar, passando a perspectivar e pensar o homem de forma integral.

Logo no início da obra, *Teses provisórias para a reforma da filosofia*, Feuerbach afirma que o segredo da teologia é a antropologia, tema que é tratado de forma mais acentuada na *Essência do Cristianismo*, e o segredo da filosofia especulativa é a teologia. A filosofia especulativa traz para o aquém de forma atualizada e determinada a essência divina que foi transposta para o além por medo e dependência nas religiões naturais e pela absolutização de sua subjetividade como acontece na religião cristã. Já no segundo capítulo, colhemos informações necessárias sobre Espinosa para justificar a filosofia especulativa como teologia especulativa, na qual o pensamento e a matéria são peculiaridades de uma substância que recebe o nome de Deus.

Espinosa e Hegel fundam-se em uma mesma proposição paradoxal. Enquanto Hegel fala que a consciência que temos de Deus é a consciência em si de Deus, Espinosa atribui a matéria ou extensão a um atributo da substância, revelando a divindade da matéria. Até mesmo a consciência de si é um atributo da substância ou Deus. Logo, Deus sou eu. Tanto Espinosa quanto Hegel divinizam a consciência, ou melhor, a consciência pertence à essência divina, permanecendo por assim dizer, a inversão entre predicado e sujeito, tal como acontecia na religião, só que agora, existe uma primazia do pensamento sobre a realidade material e sensível. São mantidas as bases e a realidade material vem em segundo plano, de um pensamento que determina a realidade. Para Feuerbach, o mesmo processo de inversão atribuído à religião pode ser utilizado para a filosofia especulativa em geral. Basta-nos inverter os predicados em sujeito e teremos a verdade desvelada para um sujeito real, dotado de consciência, razão

e sensibilidade. O panteísmo de Espinosa nega a teologia teologicamente, já o absoluto de Hegel não pode ser pensado sem a determinidade, mesmo que ele absorva essa determinidade, caso contrário seria apenas um mero nome. A determinidade como constituição e predicado do absoluto possibilita sê-lo qualquer coisa, mesmo que de forma abstraída. O paralelo construído por Feuerbach entre a teologia e a filosofia especulativa, especificamente a de Hegel, pode ser sintetizado na seguinte afirmação do Autor:

Tudo o que se encontra na terra volta a encontra-se no céu da teologia - e igualmente, *tudo o que se encontra na natureza*: qualidade, quantidade, medida, essência, quimismo, mecanismo, organismo, *se encontra no céu da lógica divina*. Na teologia temos tudo *duas vezes*, uma vez *in abstracto*, outra vez *in concreto* - e temos tudo *duas vezes* na filosofia de Hegel, como objeto da lógica, e de seguida como objecto da filosofia da natureza e da filosofia do espírito. (FEUERBACH, 2005d, p. 87)

Segundo o Filósofo alemão, o homem cria Deus livre das determinações usando-se como autorreferência. O homem ao identificar suas limitações em contato com a natureza concebe um Deus pela imaginação, capaz de suprir estas limitações e ao mesmo tempo ser livre delas. Isso acontece porque o homem nega suas determinações e passa a superá-las abstratamente em um Deus e em um reino imaterial, mas que são idênticos ao seu mundo. Assim, chegamos à célebre frase feuerbachiana que afirma que teologia é antropologia, ou seja, seus predicados são transformados em sujeito e seus adjetivos em substantivos perfeitos. Já na filosofia moderna, podemos verificar em Descartes que há um abandono da sensibilidade na constituição do conhecimento e, em Hegel, uma determinação da realidade a partir do pensamento. O que está posto é uma construção conceitual, racional, destituída das bases sensíveis, transformando a razão em um ser divino, abstrata e transcendente. Tanto Descartes quanto Hegel elaboraram uma racionalidade isenta de determinações empíricas, sendo extra mundana e fonte apenas do conhecimento científico filosófico. Como aconteceu com a teologia e a religião, a filosofia especulativa também transfere do ideal para o real, colocando em segundo plano todo objetivismo. O pensamento hegeliano ganha o *status* de um ser, de um "pensar do homem *posto fora do homem* (FEUERBACH, 2005d, p.87)." Feuerbach quer romper e demonstrar que a lógica hegeliana está ausente de sentidos e de objetos sensíveis e materiais, e que é preciso legitimar um pensamento que considere toda objetividade da realidade e toda sensibilidade humana, colocando o finito como sujeito

do infinito e não como acontece na teologia cristã e na filosofia especulativa que colocavam o infinito como sujeito e o finito como predicado.

Em Feuerbach, o pensamento passa a se constituir em plena comunhão com a realidade em que os sentidos farão a mediação necessária entre a realidade objetiva e o pensamento, assim, o pensamento surge das coisas e não o seu contrário. "Só é homem, homem completo, verdadeiro, quem possui sentido estético ou artístico, religioso ou ético, e filosófico ou científico (FEUERBACH, 2005e, p.153)." Mesmo diante da afirmação de Hegel que o espírito absoluto manifesta-se ou realiza-se na arte, religião e filosofia, Feuerbach responde:

Mas a arte não pode ser desligada da sensação e intuição humanas, a religião do ânimo e da fantasia, a filosofia do pensar, em suma, o espírito absoluto não pode ser desligado do espírito subjetivo ou essência do homem sob a pena de retrocedermos até o velho ponto de vista da teologia, de simularmos que o espírito absoluto é um *outro* espírito, distinto da essência humana, quer dizer, um fantasma de nós mesmos existente fora de nós. (FEUERBACH, 2005d, p.88)

Para o Autor, toda abstração, especialmente a teológica e especulativa, separam o sujeito da sua essência, pela abstração. A essência do homem ou do pensar é colocada para fora em forma de sujeito tanto para o homem quanto para o pensar, carentes de unidade, certeza e verdade imediata. Acerca disso, Ludwig Feuerbach vai desconstruir esses três elementos citados por Hegel como manifestação ou realização do espírito absoluto: arte, religião e filosofia. Ao começar pela arte, Feuerbach constrói sua argumentação sustentando que ela é a junção do finito com o subjetivo, mostrado e construído na existência, buscando divinizar o real e o determinado, com isso, ele chama a atenção para os gregos que divinizavam a figura humana e suas determinações. De forma provocativa Feuerbach argumenta:

Porque não tem os cristãos, como os pagãos, obras de arte adequadas às suas representações religiosas? Porque não têm nenhuma imagem satisfatória de Cristo?(...) Porque Cristo deve ser e ao mesmo tempo não ser homem; é uma anfíbia. Ora a arte apenas pode apresentar o verdadeiro, o *inequívoco*. (FEUERBACH, 2005d, p. 89)

Até mesmo a dor, elemento do qual queremos nos livrar porque pressupõe sofrimento, é fonte primária para a poesia e a fé no além despreza essa dor, tornando-se impoética, sendo que "um ser sem sofrimento é um ser sem ser. Ora, um ser sem

sofrimento nada mais é do que um ser sem *sensibilidade, sem matéria* (FEUERBACH, 2005d, p. 93)." Já com relação filosofia que trabalha de forma invertida, concebendo o finito pelo infinito e o determinado pelo indeterminado nunca chegará à essência do finito e do determinado, descaracterizando assim, a verdadeira tarefa que é colocar o infinito no finito e não o contrário, somente o finito e suas determinações oferecem pressupostos para o infinito.

O infinito da religião e da filosofia não é e nunca foi mais do que um finito qualquer, um determinado qualquer, só que *mistificado*, quer dizer, um finito, um determinado, *com o postulado* de não ser *nada* de finito, *nada* de determinado. A filosofia especulativa cometeu o *mesmo erro* que a teologia - converteu as determinações da realidade ou finitude em determinações e predicados do infinito, mas apenas mediante a *negação daquela determinidade* na qual elas são *aquilo que são*. (FEUERBACH, 2005d, p. 91)

É necessário reconhecer o fundamento do pensar na existência. Ser e consciência precisam estar entrelaçados, um não pode iniciar-se sem o outro, pois: "O coração revoluciona, a cabeça reforma; a cabeça põe as coisas no sítio, o coração põe-nas em *movimento* (FEUERBACH, 2005d, p. 94)." Tanto a teologia quanto a filosofia especulativa associaram o coração, o sentir a um fenômeno teológico religioso, mas o coração é por essência antiteológico e de princípio ateu, teologicamente falando, pois ele crê apenas em si mesmo e em sua realidade concreta. Porém, muitas vezes a cabeça não compreende o coração porque sua essência é a da diferenciação, da distinção entre sujeito e objeto, estabelecendo assim a essência do coração em um ser diverso dele. Embora o coração necessite de um ser distinto dele para o seu reconhecimento, essa distinção não pode contradizê-lo, suas afirmações estão voltadas para a existência material concreta. Feuerbach amplia a função da sensibilidade, passando a existir em cooperação com pensamento, um mundo objetivo e subjetivo presente em nós, e que por meio do protagonismo da racionalidade a busca pela verdade se resume em efetivação e transformação do mundo.

O teísmo assenta no *conflito* entre *cabeça* e *coração*; o panteísmo é a supressão deste conflito *no próprio conflito* - uma vez que torna imanente a essência divina, mas apenas *enquanto transcendente*; o antropoteísmo suprime este conflito *sem conflito*. O antropoteísmo é o coração convertido em *entendimento*; ele exprime na cabeça de maneira apenas intelectual, o que o coração diz a sua maneira; ele põe como essência absoluta aquela essência que reconhece o coração como uma parte essencial de si mesma. (FEUERBACH, 2005d, p.95)

O antropoteísmo feuerbachiano é a religião consciente de si, compreendendo-se a si mesmo, o ser é fundamento essencial, o sujeito. Isso já não acontece em Hegel que coloca o pensamento como sujeito e o ser como predicado, de um sujeito privado de predicado, ou podemos dizer de um sujeito que se predica a si mesmo. Portanto, aliena-se, retirando de si toda realidade, em que os objetos eram apenas predicados do pensamento que pensa a si mesmo. Idealismo e teologia confundem-se. Ambos rejeitam a natureza e sua objetividade. Em Hegel a realidade é concebida pelo pensamento e na teologia é obra e criação de uma entidade metafísica. Para Feuerbach, a doutrina hegeliana é a última racional da teologia se manter. "Tal como outrora os teólogos católicos se tornaram aristotélicos *de facto* para poderem combater o protestantismo, também agora os teólogos protestantes têm de se tornar *hegelianos de jure* para poderem combater o "ateísmo" (FEUERBACH, 2005d, p.96)." A única e verdadeira relação é a do ser enquanto sujeito e do pensar como predicado. Quando o pensar é posto como sujeito, existe uma cisão entre o pensar e ser. O fundamento do pensar sempre será o ser, caso contrário caímos em um abstracionismo sem sentido e sem ser. A filosofia feuerbachiana é o oposto da filosofia abstrata, escolástica. Seus princípios estão ligados ao homem que tem consciência da sua essência ligada à natureza, como acontece com a estrutura histórica, religiosa e do Estado. Para Feuerbach, sua nova filosofia rompe com o absoluto para determinar o homem e suas oposições e contrastes, dotado de uma natureza ativa e passiva, abstrata e concreta, política e social. Sua filosofia determina-se negativa para tornar-se positiva, pois coloca o homem no centro, passando a afirmar a sua própria essência composta pela razão, necessidades e sensações. Toda conceitualização seja ela a mais variada, como: vontade, liberdade, justiça, entre outras, mas que não coloca o homem no centro torna-se uma mera especulação, uma hipótese por não conter uma base natural. Só quando a essência da vida for a essência do pensar, somente quando a teoria for reflexo da nossa prática, é que faremos a unidade da filosofia e da vida. Se a filosofia começar fora da vida é também fora da vida que ela vai se legitimar. Por isso, ao negar a velha filosofia, Feuerbach acolhe a realidade recusada por ela para então fundar uma filosofia que inicia-se pelo homem, de identidade real, de contrários e contradições, afirmando um pensamento que nasce da capacidade sensível, pois a sensação seria a ligação do *ser* com o *ser*, uma vez que a sensação sozinha não produz conhecimento, mas é critério e meio de excelência para o pensamento.

4.5 Determinismo e matéria, uma visão renovada para a filosofia do futuro.

O posicionamento feuerbachiano mostrou que a filosofia moderna buscou a libertação da fé pela razão. Entretanto, segundo o Autor, a filosofia moderna ou idealista apenas remontou às propriedades do Deus metafísico pela divinização da consciência e da substituição de Deus pelo pensamento, estabelecendo a realidade ainda como segundo plano. Deus e pensamento estão livres das determinações humanas, enquanto para Feuerbach o pensamento deve partir do concreto e a sensibilidade tem papel fundamental nessa mediação entre realidade e o pensar. O Filósofo coloca o homem no centro, como construtor de uma teoria que nasce da prática, composta de uma razão que considera as necessidades e as sensações. Nesse tópico, aprofundaremos esta união velada entre o idealismo e a doutrina teológica, demonstrando que a filosofia moderna constituiu-se como teologia racional, pois dispensa a objetividade sensível e é ausente de necessidades e dependência. Enquanto a teologia cristã transformou os atributos humanos em atributos divinos, a filosofia especulativa transformou esses atributos em frutos de pensamento, sem contradições, separado da sensibilidade, do homem e do mundo.

Princípios da Filosofia do Futuro é uma obra feuerbachiana escrita entre 1842-1843 e tem o propósito de aprofundar sua outra obra intitulada *Teses para a Reforma da Filosofia*. Já na introdução da obra e também na conclusão, Feuerbach relata a censura alemã feita sobre sua obra, impedindo a finalização de seu projeto original, não diminuindo assim o impacto de seus escritos e sua força argumentativa feita pela interpretação da filosofia idealista e sua compreensão acerca da realidade. Por meio da crítica argumentativa, o Autor relaciona a verdade absoluta do idealismo com a doutrina teológica e sua representação de Deus, em que as filosofias idealistas buscam humanizar Deus mediante argumentos racionais. Intencionalmente, Feuerbach usa o aforismo como modo de comunicação pertinente a uma filosofia natural sem fixar um modelo doutrinal e sem perder sua precisão e coordenação de ideias, mas que tem como pano de fundo a intenção de escapar da censura alemã levando sua publicação para a Suíça que isentava da censura textos de extensão não superior a vinte e um cadernos. Com isso, Feuerbach substitui o método demonstrativo por uma unidade descontínua que faz um apelo à vivacidade do leitor que não mais determina o real, mas deixa-se

determinar por ele. Na obra, *Princípios da Filosofia do Futuro*, encontraremos dois grandes movimentos. O primeiro deles é a retomada da modernidade como teologia racional em que será exemplificado de forma mais acentuada a diferença entre teologia e teísmo. Já o segundo, verifica a secularização da teologia pelo protestantismo ao transformar a teo-logia, centrada na imagem de Deus como primeira causa e princípio teórico, em cristo-logia, que exalta Deus na sua humanidade. Feuerbach busca conciliar a verdade como evidência ontológica com a vertente subjetiva da imediatez, da plena realização do pensar com o ser, de uma filosofia materialista que busca entender e explicar o mundo, sua realidade e fenômenos, tendo como mote principal o homem e sua relação com o outro, *eu e tu*, sujeito e objeto, ser e pensar, contrário à tradição que enaltecia a razão e o pensar como fundamento e domínio do movimento histórico e natural.

A filosofia do futuro tem como tarefa reconduzir a filosofia do reino das "almas de outro mundo" para o reino das almas *corporizadas*, das almas *vivas*, de a fazer descer da beatitude do pensamento divino, desprovido de necessidades, até a *miséria humana*. (FEUERBACH, 2005e, p.101)

Feuerbach, ao início da sua obra, enfatiza a intenção da época moderna em humanizar Deus, transformando a teologia em antropologia, e o primeiro meio intencional de realização desta premissa foi protestantismo. Para o protestantismo, Deus passa a ser real só para o homem; ele perde o caráter contemplativo e de tendência especulativa como acontecia no catolicismo para se tornar uma antropologia religiosa pela via da cristologia. Mas a intenção feuerbachiana é demonstrar que a filosofia especulativa nada mais é do que a essência de Deus racionalizada, realizada e atualizada, na qual se funde a representação divina com a divinização da razão da filosofia especulativa, ou seja, o que Feuerbach quer demonstrar é que o ser divino é fundamentado pela essência da razão sem objetividade sensível. Deus e razão são similares; são ausentes de necessidade, dependência, fundam-se a partir de si mesmos, já o ser sensível pressupõe elementos externos para sua existência; de um ser que funda-se na exterioridade do mundo sensível, de uma dependência sincera e recíproca. Deus e razão são insensíveis, "o teólogo ou filósofo especulativo, pensa Deus *do ponto de vista do pensamento*; por isso não interpõe entre si e Deus a representação incômoda de um ser sensível; identifica assim, a essência objetiva pensada, com a essência subjetiva pensante (FEUERBACH, 2005e, p.105)." Deus só é objeto para o homem porque é

ausente de sensibilidade; é fruto apenas do pensamento; não há distinção entre sujeito e objeto, passando a descaracterizar o objeto em si mesmo para fundamentar o objeto para mim, resultado do meu pensar e representar, "os animais e as estrelas glorificam Deus unicamente *no sentido do homem* (FEUERBACH, 2005e, p.106)." Deus e razão se fundem porque Deus só tem sentido para o homem se estiver livre da materialidade e que corresponda a uma razão ilimitada. Enquanto a teologia transformou os atributos humanos em atributos divinos, a teologia especulativa transformou esses atributos em frutos do pensamento. Da mesma maneira que atribuo às essências humanas em um Deus com a teologia, devolvo essas propriedades divinas ao homem por meio do pensamento especulativo. Enquanto na teologia Deus é contraditório, pois deve ser humano e não humano, de um ser que corresponde as minhas necessidades mesmo não tendo materialidade, na filosofia especulativa ele passa a ser uma contradição com o homem e sua razão, pois os atributos divinos têm os mesmos atributos racionais.

Deus é espírito puro, essência pura, actividade pura - *actus purus* - sem paixões, sem determinações do exterior, sem sensibilidade e sem matéria. A filosofia especulativa é este *espírito puro, esta actividade pura, realizados como acto de pensamento - a essência absoluta como pensar absoluto.* (FEUERBACH, 2005e, p.108)

Tanto a teologia quanto a filosofia especulativa desprezam a materialidade e a natureza, ou seja, tudo aquilo que é sensível. A diferença é que a teologia, mesmo sendo abstrata, era representada de forma sensível e já na filosofia especulativa essa abstração é espiritual, pensante e de significado apenas científico e teórico, mas não prático, pois a essência de seu pensar não se distingue dos objetos do pensar, levando o pensar a uma unidade consigo mesmo, de produção material concebida pelo conceito. O mesmo acontece com Deus que determina o mundo, "[...] o teísmo representa Deus como um ser puramente imaterial. Mas determinar Deus como imaterial não significa senão determinar a matéria como uma coisa nula, como um não-ente; (FEUERBACH, 2005e, p.115)." Afirmar Deus imaterialmente é negar a natureza material, teorias como o Empirismo¹⁷ e Realismo negam a teologia no seu exercício, na sua prática, pois

¹⁷ Corrente filosófica para a qual a experiência é critério ou norma da verdade. [...] Em geral, essa corrente caracteriza-se pelo seguinte: 1) negação do caráter absoluto da verdade ou, ao menos, da verdade acessível ao homem; 2) reconhecimento de que toda verdade pode e deve ser posta à prova, logo eventualmente modificada, corrigida ou abandonada. Portanto, o Empirismo não se opõe à razão ou não a nega, a não ser quando a razão pretende estabelecer verdades necessárias, que valham em absoluto, de tal forma que seria inútil ou contraditório submetê-las à prova. (ABBAGNANO, 2007, p. 378)

concentra sua vida naquilo que Deus não é, ao debruçar-se sobre o material e o sensível, nega-se o suprassensível.

A tarefa da filosofia moderna não foi, por consequência, outra senão a de elevar o *juízo patológico do empirismo, de que nada tinha a ver com a teologia, a um juízo teórico, objetivo* - transformar a negação indireta, inconsciente, negativa, da teologia numa negação direta, positiva e consciente. Que ridículo é então querer reprimir o "ateísmo" da filosofia sem reprimir ao mesmo tempo o ateísmo da empiria! Que ridículo é prosseguir a negação teórica do cristianismo e contudo deixar subsistir ao mesmo tempo as negações práticas do cristianismo que proliferam em nosso tempo! (FEUERBACH, 2005e, p.118)

A matéria oferece subsídios para pensar. Por isso, todos os materialistas são racionalistas, porém o importante a saber é que a filosofia tem papel preponderante na transição do objeto do pensar para o "eu penso". Os meus sentidos precisam ser guiados pela minha consciência e vice-versa. Toda existência só é existência pela validação consciente, porém a filosofia moderna considerou a existência divina separada da sensibilidade, do homem e do mundo, enfatizando apenas o pensar, a razão, provando a divindade apenas pelo entendimento, pela abstração do entendimento. Por isso, a filosofia moderna nada mais é que a teologia transformada em filosofia, especificamente a filosofia hegeliana, que transformou a atividade subjetiva em autoatividade do ser divino.

O ateísmo, a negação da teologia volta, por consequência, a ser negado, quer dizer, a teologia volta a ser restaurada por meio da filosofia. Deus é Deus unicamente pelo fato de vencer e negar a matéria, a negação de Deus. E só a negação da negação é, segundo Hegel, posição verdadeira. (FEUERBACH, 2005e, p.124)

Segundo Feuerbach, *teologia e idealismo absoluto* seguem o mesmo movimento. Enquanto para teologia Deus encontra-se liberto de todas as limitações impostas pela natureza, no idealismo absoluto estarão libertas todas as limitações racionais, subjetivas, objetivas e da sensibilidade em geral. Hegel deduz-se do idealismo kantiano que apreendia os objetos como meros fenômenos e que eram constituídos por uma *coisa em si* que não poderia ser apreendida, na qual os sentidos eram capazes de absorver meros fenômenos e incapazes de oferecer uma verdade, pois não correspondiam ao objeto em si. "Por consequência, o entendimento não se encontra minimamente limitado na sua essência pela sensibilidade, caso contrário não tomaria as coisas sensíveis por

fenômenos, mas pela pura verdade (FEUERBACH, 2005e, p.125)." Tanto a filosofia kantiana quanto a hegeliana dão primazia ao entendimento e consideram a sensibilidade como algo menor, uma vez que não satisfaz e por não satisfazer não pode por limites ao entendimento. A filosofia de Kant é contraditória na relação entre sujeito e objeto, essência e existência, pensar e ser. Para Feuerbach, a existência pressupõe os sentidos, destarte, "A existência sem essência é mero fenômeno - tais como as coisas sensíveis, a essência sem a existência é mero pensamento - tais são os seres inteligíveis, os noumena (FEUERBACH, 2005e, p.125)." É necessário que o pensamento corresponda à realidade. Objetos inteligíveis só existem na plena realização com o concreto, com o real. Os pensamentos verdadeiros dependem das coisas reais; a matéria não pode limitar e contradizer o sujeito e sim harmonizar com sua essência. Sem as limitações e a finitude material o ser se torna absoluto, constituído teologicamente como *Deus*. Da mesma forma ocorre com o idealismo subjetivo, constituído por um *eu* sem objetividade e materialidade, que poderia até ser chamado de *não ser*. "A filosofia de Hegel é o idealismo invertido, o idealismo teológico, tal como a filosofia espinosana é o materialismo teológico; ela pôs a essência do eu fora do eu, separada do eu, objetivada como substância, como Deus (FEUERBACH, 2005e, p.126)." A essência de Deus não revela nada mais do que a essência do pensar; de um pensar abstraído do ser, do eu pensante e de toda sua determinidade que o faz pensar, alienando o homem de sua própria essência, utilizando o nome de determinada coisa sem construir um elo entre o nome da coisa e o conceito que está ligado a esta coisa. Estabelece-se uma contradição entre o objeto e o nome do objeto. O pensar idealista não busca universalização. Sua identidade reporta-se a si mesmo; não há exterioridade e conflito, mas um encontro com o si mesmo sem contradição, abstraído de todo conteúdo do ser e resultando apenas em um pensamento do nada, por isso Hegel censura a consciência comum que se subordinava ao ser para determiná-la como objeto da Lógica, não pertencente ao ser.

O pensar "que se sobrepõe ao seu outro" - mas "o outro do pensar é o ser" - é o pensar que ultrapassa seus limites naturais. Afirmar que o pensar se sobrepõe ao seu contrário significa que o pensar reivindica para si aquilo que não pertence ao pensar, mas ao ser. Ora ao ser pertence a singularidade, a individualidade, ao pensar a universalidade. (FEUERBACH, 2005e, p.132)

O conceito abstrato que coloca o ser fora de sua formulação torna-se um *conceito concreto*, somente por meio da teologia e de sua conceitualização acerca de

Deus como universal, pois o pensar adquire primazia sobre o ser, de um Deus que não é só essência mas também realidade, existência, transformado em conceito concreto. Feuerbach compara a distinção entre a filosofia pagã e a filosofia neoplatônica como um claro exemplo dessa transição. Enquanto a filosofia antiga deixa subsistir algo fora do pensar que recebe o nome de matéria e que impunha limites ao pensamento, estabelecia-se assim uma clara distinção entre o ser e o pensar, de um pensar que não dava conta de todas as coisas. Por isso a filosofia antiga era constituída por sábios mundanos, fisiológicos, políticos, zoólogos, enfim antropólogos de capacidade teológica reduzida à materialidade. Para os neoplatônicos, o mundo real perde sua primazia e realidade. Há o desprezo pelo corpo e almeja-se uma felicidade para a alma. Seu olhar é introspectivo; sua relação com o mundo real é diminuída e trocada pelo mundo imaginário que contém todas as características do mundo real, mas de modo abstrato e representado com materialidade ideal; de um ser que passa a ser sensível e insensível, ao mesmo tempo, teórico e prático; um ser no qual o homem se satisfaz, suprimindo sua necessidade real pela ideal; o ser que chamamos de Deus. Perde-se a sensibilidade de perceber a realidade real como real, tornando-se o ideal objeto real, designando o pensamento que tudo nega, mas que ao mesmo tempo coloca tudo em si, e, ao mesmo tempo, não reconhece os limites exteriores, levando a perder seu limite natural. Hegel transformou em conceito a partir da razão o que para os neoplatônicos era representação e invenção. "Mas nos neoplatônicos, não obstante considerarem também a virtude pagã ainda como uma verdade - daí a sua oposição à teologia cristã que deslocava para o além a beatitude, a perfeição e a semelhança do homem com Deus (FEUERBACH, 2005e, p.135)."

Para Feuerbach, Hegel é um realista idealista. Ele se excede no pensar; seu realismo está na abstração de toda realidade, mas a realidade da ideia repousa na sensibilidade e a verdade da ideia encontra-se na realidade, assim poderia objetar-nos a colocar a sensibilidade como predicado, porém ela é verdade, independente do pensamento, de significação autônoma e primitiva e não apenas derivada da ideia. Quando o objeto identifica-se com o pensar ou é idêntico ao pensar, reporta-se apenas ao pensamento que busca dar sentido ao objeto para que ele possa se tornar real.

4.6 A Totalidade do Ser como fundamento da Nova Filosofia

A nova filosofia não considera apenas os seres como pensantes, mas também como existentes, como objetos de si mesmo e com capacidade sensitiva, intuitiva e amorosa. Porém, é no amor que a pessoa possui valor absoluto e distingue entre o ser e não ser, pois ele estabelece-se na diferença e na sensibilidade, logo, "[...] nas sensações mais cotidianas, albergam-se as mais profundas e elevadas verdades. Por isso, o amor é a verdadeira prova ontológica da existência de um objeto fora da nossa cabeça (FEUERBACH, 2005e, p.139)." A nova filosofia fundamenta-se na essência da sensação elevada à consciência, passando a afirmar pela razão o que cada homem já reconheceu em seu coração. O coração não se preocupa com seres abstratos, metafísicos ou teológicos. Sua preocupação recai sobre o sensível e a nova filosofia é o coração apreendido pelo entendimento. Feuerbach inverte a velha filosofia, colocando o amor em seu lugar. Enquanto a velha filosofia infere que o que não é pensado não existe, a nova filosofia estabelece o amor como critério de validade, ou seja, o que não é amado e o que não pode ser amado não existem. Ao passo que a velha filosofia partia do pensar, de um ser que pensa desprovido dos sentidos e do corpo para proteger seus conceitos abstratos e representações, a nova filosofia parte do corpo até chegar ao entendimento. Existe uma conciliação com os sentidos de forma consciente. A filosofia especulativa tinha como obsessão o imediatamente certo, colocando no lugar de Deus, princípio último e supremo da filosofia escolástica, o ser pensante, de uma consciência que recai apenas para "[...] uma essência pensada, mediada pela abstração, portanto, uma essência duvidosa. Indubitável, imediatamente certo, é apenas aquilo que é objeto dos sentidos, da intuição e da sensação (FEUERBACH, 2005e, p.141)."

A mediação necessita do oposto, do condicionamento. Isso acontece com as épocas históricas que só surgem quando o que era apenas pensado se torna uma certeza imediata, uma verdade que se mediatiza, carrega consigo o seu oposto como algo que deve ser extinto e negado. "Deus enquanto Deus é um ser abstrato; ele particulariza-se, determina-se, realiza-se, ao fazer-se mundo e ao fazer-se homem; só assim é concreto, só assim a essência abstrata é negada. Mas porque não hei de começar desde logo com o concreto? (FEUERBACH, 2005e, p.142)."

Os sentidos na filosofia absoluta reduzem-se aos fenômenos. Não eram elementos singulares para a construção do conhecimento e consciência. Da mesma maneira, a religião não é pura representação. Sua essência é determinada pela sensibilidade; sua existência depende de um ser que pode ser sentido, visto e explorado pela intuição humana como início e fim. Os sentidos, para Feuerbach, não estão voltados apenas para a exterioridade. Seu conteúdo genérico ou abstrato torna-se verdade apenas pela intuição e percepção que o homem tem do homem. Podemos sentir sentimentos, humanizamos a exterioridade pelo ato intuitivo, "não só o exterior, também o interior, não apenas carne, mas também espírito, não apenas a coisa, também o eu, são objetos dos sentidos. É por isso que tudo é sensivelmente perceptível, senão imediatamente pelo menos mediadamente (FEUERBACH, 2005e, p.143)."

A consciência realiza-se no homem e por esse motivo o idealismo inicia-se pelo homem. Entretanto, seu erro resume-se em isolar este homem, voltado apenas para si e não reconhecedor do outro e de seus elementos objetivos e subjetivos. Para Feuerbach, o homem necessita de seu semelhante para a sua constituição, sendo o primeiro critério norteador para o princípio e preceito da verdade e universalidade. Não há dualismo na filosofia feuerbachiana. Essência e aparência, especulativo ou empírico não pertencem a mundos distintos, um suprassensível e outro sensível. A sensibilidade é capaz de harmonizar essas diferenças, já que tudo emana dela, e, para isso basta não separarmos o entendimento dos sentidos.

A tarefa da filosofia, da ciência em geral, não consiste por isso em afastar-se das coisas sensíveis, quer dizer, reais, mas ir além delas - não consiste em transformar os objetos em pensamentos e representações, mas em tornar visível, quer dizer, objetivo, o que é invisível para os olhos comuns. (FEUERBACH, 2005e, p.145)

No segundo capítulo, citamos que os animais e seres adorados nas religiões naturais nada mais refletem que a nossa essência projetada pela dependência, utilidade e egoísmo. Adoramos no outro ser nossa essência ou aquilo que *dependemos*. Isso acontece porque ele não vê as coisas como são em si mesmas, mas projeta nela sua essência, não havendo distinção entre objeto e representação. Somente pela intuição é arrancado o si mesmo e é estabelecida a clara distinção entre o eu e o objeto. Já na representação, o homem fecha-se em si mesmo; estabelece critérios de verdade, segundo suas intenções. O mesmo acontece com o pensamento e a filosofia

especulativa, pois o homem desliga-se da realidade e converte-se em pensamento abstrato, tornando-se um ser abstrato. O pensamento isolado da realidade é apenas formal; de igualdade apenas consigo mesmo, embora toda conceitualização ou pensamento seja a união dos contrários e de todas suas determinações. Essa união é apenas determinações do pensamento, abstração, uma vez que a natureza é individual e o pensamento universal. Contudo, o pensamento que está voltado apenas para si não oferece oposição e nenhuma diferença positiva. Sua verdade não pode contradizer-se. Para a Feuerbach, somente a intuição sensível possibilita a ampliação do pensamento, garantindo a liberdade ilimitada da determinação. O pensamento voltado para si e sem contradição faz com que o mundo gire em *círculo*, tudo em torno de si, mas quando o meu pensamento é abastecido pela minha capacidade de intuição sensível o círculo é transformado em uma *elipse*.

[...] a Filosofia Antropológica tem na elipse o mais adequado símbolo de seu estatuto e do seu modo método: o seu "brasão". Contrariamente à circunferência, centrípeta e uniforme, na qual todos os pontos são equivalentes, estando cada um igualmente distante de um único centro fixo, a elipse, com seus dois centros, é o emblema por excelência da polaridade. (SERRÃO, 1999, p. 147)

Feuerbach utiliza a simbologia do círculo para representar a filosofia especulativa e a elipse para representar a filosofia sensível do pensamento que se apoia na intuição. O Filósofo institui a elipse como o símbolo da filosofia antropológica pela sua polaridade e de um aspecto global que muda em função da proporção do seu eixo. O pensamento idêntico a si mesmo é singular; faz o mundo girar em torno do seu centro. A intuição transforma o círculo em elipse.

A antropologia feuerbachiana inspira a naturalidade, a descoberta e a elipse seria uma razão tolerante que dá lugar ao outro que coabita e existe. Ainda que seja uma figura geométrica fechada, a elipse é o símbolo e o ponto de recusa de Feuerbach e a afirmação do relativismo e a permissividade eclética. Tudo pode ser duplo, bipolar. Enquanto o pensamento sistematizador é artificial, um pensamento de saber definitivo mata a descoberta. A metodologia de Feuerbach precisa ser aditiva, orgânica, capaz de absorver toda dimensão humana. O real é o centro da nova filosofia que também considera apenas o homem real e o pensamento que surge a partir desse homem, e não o seu contrário. A razão não perde seu sentido com a nova filosofia, mas ela é revestida de

naturalidade e diversidade. O homem torna-se a medida da razão, a unidade do ser e do pensar, sendo sujeito e fundamento dessa unidade. O pensar sempre será o predicado de este ser real, que absorve pela intuição sensível os objetos passando a oferecer conteúdo para o pensamento, mas também se tornando objeto e conteúdo do pensamento para outro. A nova filosofia feuerbachiana faz da natureza base para o homem. Ela deixa de ser um ato puro para ser condicionada por um sujeito, um ser dualista, de atividade e passividade, autonomia e dependência, teoria e prática, cabeça e coração, sua essência não se realiza de forma isolada, nem como ser moral ou pensante. Ela necessita estar inserida na comunidade e na diferença do *eu* e do *tu*, potencializando minhas qualidades e reduzindo minhas limitações.

4.7 Uma nova filosofia para um novo homem: Necessidade de transformação

A nova filosofia feuerbachiana caracteriza-se como a essência da sensação elevada à consciência, de um coração que é assimilado pelo entendimento sem a necessidade de mediações, provas ou sistematizações, contrário à filosofia moderna que parte de um pensar desprovido dos sentidos e de uma sistematização ausente de contradições. Com a nova filosofia, o homem deixa de estar isolado para pertencer e encontrar a sua essência também na comunidade, no contato com o outro, na aceitação da diferença como característica plural da humanidade. Para Feuerbach, a nova filosofia precisa atingir o coração humano e conscientizá-lo que a negação da religião já aconteceu na vida prática e que a afirmação do homem em sua integralidade substitui o poder religioso encontrado na individualidade pelo poder universal da política. O homem está no centro e a nova filosofia nasce da essência da religião para estabelecer-se como a verdadeira religião.

A obra intitulada, *Princípios da Filosofia: Necessidade de Transformação*, não tem uma datação exata. Critérios de avaliação ressaltam que ela começou a ser escrita por volta de 1842-1843 e reelaborada sob a influência da revolução de 1848¹⁸ como um

¹⁸ Depois da França, a revolução se espalha por toda Europa, chegando à Prússia em março de 1848 para libertar a Alemanha do julgo absolutista representado pela figura do rei Frederico Guilherme IV e obrigando o Estado prussiano a uma série de concessões e promessas liberais. Essas pressões populares se propagam por toda Alemanha e acabam por obrigar à aristocracia também a ceder às exigências

manifesto político. Os pontos fundamentais desse texto recairão sobre a exigência de uma nova filosofia como necessidade do seu tempo e não como uma necessidade interna da própria filosofia. A nova filosofia é concebida em plena comunhão com a vida e ao responder as necessidades de seu tempo pode de igual maneira antecipar o futuro, assumindo o caráter libertador frente a um mundo desiludido com as velhas crenças, ou seja, tanto exteriores como a política, ou interiores como a religião. Filosofia, religião e política estão justificadas em uma base comum de intensificação da imanência e de seres integrais e plenos.

Até agora, as tentativas de reforma na filosofia distinguem-se mais ou menos da velha filosofia apenas segundo a espécie, não segundo o gênero. Ora a condição absolutamente imprescindível de uma filosofia efetivamente nova, quer dizer, autônoma, adequada a necessidade da humanidade e do futuro, é que ela se distinga da velha filosofia segundo a essência, *toto genere*. (FEUERBACH, 2005e, p.155)

A nova filosofia Feuerbachiana não corresponde a uma necessidade puramente interna e formal da filosofia, mas sim a uma necessidade do seu tempo e da humanidade. Feuerbach detecta que os períodos da humanidade são distintos graças às transformações religiosas. São elas que penetram no coração humano e têm a força da mudança, por isso é necessário que a transformação para uma nova filosofia atinja os corações humanos e ela já atingiu. A negação do cristianismo é praticada até mesmo pelos cristãos, não proclamada abertamente e o meio mais comum de camuflar e conservar a religião, mesmo negando-a, é separá-la da vida prática. A religião não se mistura com a política, com o mundo dos negócios, com a indústria ou qualquer outro meio. Não diz respeito nem ao homem prático e nem ao homem teórico. A religião perdeu seu sentido originário; ela vai se adaptando às necessidades históricas para impedir seu declínio por completo; perde-se sua rigorosidade. Essa negação inconsciente da religião tornou-se consciente e necessária para a construção de uma nova filosofia. Negação consciente que funda um tempo novo, uma substituição da religião pela filosofia, mas essa transição nunca aconteceu porque a filosofia sempre postulou apenas a forma do pensamento. É necessário que a filosofia se torne religião, que não faça sentido apenas para os pensamentos, mas também ao ser.

populares, onde forma-se a Assembleia Nacional Constituinte com o objetivo de construção de um único Estado com finalidade constitucional.

Para o lugar da fé entrou a descrença, para o lugar da bíblia a razão, para o lugar da religião e da igreja a política, para o lugar do céu a terra, da oração o trabalho, do inferno a miséria material, para o lugar do cristão o homem. Homens que não estão mais cindidos num Senhor {no céu} e num senhor da terra, em aquém e além, homens{que} se lançam de alma inteira para a realidade são homens diferentes dos que são apanhados naquela cisão. (FEUERBACH, 2005f, p.161)

A superação hegeliana é apenas na forma abstrata do pensar, mas já que o homem assumiu na prática a negação religiosa e o lugar do cristão, é preciso que ele também assuma sua negação na teoria, transmutando a essência do homem para a essência da religião, apropriando-se da vida como valor supremo. "Temos de nos tornar de novo religiosos - a política tem de se tornar a nossa religião - mas ela só o consegue quando tivermos na nossa intuição precisamente um princípio supremo que transforme para nós a política em religião (FEUERBACH, 2005f, p.161)." Para Feuerbach, ao considerarmos o instinto, energia e autenticidade teremos condições de fazer da política a religião. É preciso assumir o ateísmo; a renúncia de Deus para afirmar o homem na sua integralidade e não mais apenas como acidente, pois ao renunciar a religião, o vínculo entre os homens é fortalecido. Fornecer explicações subjetivas para a formação do Estado é tornar consciente o que até então era inconsciente; é evidenciar que a união dos homens para a formação do Estado é condição e materialidade da sua desilusão divina. A união dos homens pelo Estado multiplica suas forças e se completa, sendo partes de todo singular distinto de mim. O vínculo religioso entre os homens não é religião, é apenas uma disposição comunitária, "o papa veio para o lugar de Cristo, um regente terreno, humano para o lugar de um celeste. A religião representa o Estado, o Estado, a religião - a religião é o Estado ideal, o Estado a religião real ou realizada (FEUERBACH, 2005f, p.162)." Para Feuerbach, a religião é essencialmente política, constrói-se pelo vínculo, o fundamento cristão tinha como princípio a unificação impoliticamente-política, substituindo a união política pelo amor fraternal, "a religião é apenas a representação daquilo que o homem quer e deve fazer na vida - o supremo desígnio e princípio da vida (política) comunitária (FEUERBACH, 2005f, p. 163)."

É necessário que haja uma união voluntária entre os descrentes para substituir o poder individual pelo poder universal. Um poder personificado pela existência, enquanto religião é criada para crer e dar sentido ao fundamento último da fé. A união dos homens precisa se efetivar e voltar-se para os homens; só os homens têm o direito de julgar os homens. Uma justiça divina possibilitaria a ineficácia da justiça dos

homens. Esse conceito genérico de julgamento ou juízo final, formulado no livro do *Apocalipse*, encontrado na bíblia cristã é refletido por Feuerbach nas práticas judiciárias. Para ambos o julgamento é público; a diferença é que no Estado o homem é julgado por homem, por um igual. Mesmo estando acima dele, seu dever é ser imparcial e sem interesse. Prática que se assemelha ao objeto religioso; de um ser distinto do homem, um ser abstrato representado na figura do juiz, mas essencialmente humano. O processo do julgamento terreno obedece aos mesmos elementos que levam o homem a projetar Deus a partir da sua essência. O mundo celestial não se distingue em nada do mundo terreno, o que soa como extrema naturalidade porque a religião é uma representação ideal do mundo terreno. "O Estado é a realidade, mas é ao mesmo tempo a refutação prática da fé religiosa (FEUERBACH, 2005f, p.166)." O crente busca soluções imediatas e independentes dos homens; professa sua fé e sua crença em uma bênção longe da atividade humana, mas que se resume apenas em um mistério do qual esconde seu ateísmo antropológico. "O ateísmo prático é, portanto, o vínculo dos Estados. Não se diga: sem Deus não há Estado; não; sem Estado não há Deus (FEUERBACH, 2005f, p.166)." O predicado divino de majestade precisa retornar a sua essência, *o Estado*. O ateísmo prático exercido por meio do Estado, de forma inconsciente, necessita tornar-se consciente, resultando por meio da prática política à negação religiosa. Mesmo a condição religiosa de igualdade entre todos é uma consequência da prática política e de uma relação sincera de reconhecimento de suas necessidades. "Só quando renunciarees à religião cristã terás por assim dizer o *direito* à república; com efeito, na religião cristã tens a tua república no céu, logo aqui não precisas de nenhuma. Pelo contrário: aqui tens de ser escravo. Caso contrário o céu é supérfluo (FEUERBACH, 2005f, p.168)."

Ao negar a religião, o homem reconhece-se como protagonista de sua própria história e de suas práticas, enaltecendo a partilha de suas qualidades na comunidade para superar suas limitações. A dissolução religiosa nos impulsionaria para um novo tempo. Um tempo de homens com atitudes práticas responsáveis e com finalidade realista e de cunho político, pautado em uma fé no homem e com o homem. Essa condição decorre para uma nova filosofia de princípio real e com o objetivo claro de tornar o homem um ser absoluto, uma vez que considera as formas constitutivas do homem como absolutas. Para que não possa mais existir discordância entre vida e filosofia, prática e teoria, e que a essência da nossa vida seja a essência do nosso pensar, com absolutização dos nossos sentidos para que não contradigam a nova filosofia e que

possam harmonizar-se com o homem, visto que ele é um ser essencialmente sensível e reconhecido por sua totalidade. Trata-se de uma filosofia desligada da sensibilidade ou acima da sensibilidade, sem unidade com o homem, tornando-se uma filosofia sem verdade e sem realidade. Com a noção de gênero ampliada ao Estado como espaço de direito ao desigual, a nova filosofia preserva o direito da diferenciação, realizada no gênero. Segundo Serrão,

Considerar cada ser humano, de per si, como um predicado e expressão única do gênero é atribuir à Humanidade juntamente com a multiplicidade quantitativa, a diversidade qualitativa e, com ela, a capacidade de enriquecimento provinda da riqueza infinita desses múltiplos predicados: cada novo homem é um atributo de uma Humanidade variada e que variadamente se desenvolve no curso da história. (SERRÃO, 1999, p.255)

Para o Filósofo, toda maldade nasce do desajustamento e desprezo pelas diferenças de um gênero que existe para a realização do *tu*, de indivíduos¹⁹ que existem fora de mim, no qual o outro é a representação sensível do conceito de gênero, com qualidades que se criam e de potencialidades que se partilham. Feuerbach inaugura, pela primeira vez, a passividade no processo de formação do *eu*. Ao participar do gênero, o homem torna-se para si mesmo *eu* e *tu*, no qual a coexistência é uma exigência que ele não pode resistir. O cristianismo enfatiza a fé como fundamento e acesso direto a Deus. Ele retira do homem a premência da convivência real, substituindo-a pela ideal. De uma comunidade sem comunidade, de caráter abstrato e irreal, puramente baseada no egoísmo humano no qual se sacrifica o gênero em detrimento do indivíduo.

Logo no início da obra, *Preleções sobre a Essência da Religião*, Feuerbach assume uma postura política e revolucionária com sua filosofia em oposição à religião, relacionando-a a política e, conseqüentemente, elaborando uma crítica à política teórica, desenvolvida pelo idealismo alemão.

Já de há muito nos ocupamos e satisfazemos bastante com o discurso e a escrita; exigimos que finalmente a palavra se torne carne, e o espírito, matéria; estamos fartos tanto do idealismo filosófico quanto do político,

¹⁹ "Mas é também certo que a individualidade como Feuerbach a concebe não recai no tão temido perigo de solipsismo, uma vez que os indivíduos concretos são seres de coexistência, sendo a convivência também um componente constitutivo da formação da individualidade. A identidade pessoal não é a autorreferencialidade do EU = EU, mas a dupla referência a si e aos outros. Daí que a identidade individual seja plural: o EU um Eu-Tu (SERRÃO, 2009, p.29)."

agora queremos nos tornar materialistas políticos. (FEUERBACH, 2009, p.12)

A nova filosofia feuerbachiana não se coaduna com a filosofia idealista. Ela se identifica com a existente, enfatizando e enaltecendo um apelo ao real, apreendido pela sensibilidade e de capacidade comunicativa que referencia a existência humana compartilhada e baseada em uma teoria que não nega a prática e de uma prática que não extingue a teoria.

A teoria feuerbachiana de comunidade e gênero humano tem dupla determinação, ou seja, o homem tem fundamento natural e necessita do outro para fazer referência a si. Em Feuerbach, sensibilidade e corporeidade passam a ser critérios de uma sociabilidade concreta e de um novo humanismo aberto à comunicabilidade e ao outro. Com isso, nasce uma *dialética da alteridade*, na qual o semelhante é visto como diferente e também originário.

A crítica absoluta, que jamais saiu da jaula das concepções hegelianas, enfurece-se aqui contra as grades de ferro e os muros da prisão. O "conceito simples", a terminologia, toda a maneira de pensar da filosofia, a filosofia inteira, inclusive, é rechaçada com aversão. Em lugar dela aparecem de pronto "*a riqueza real das relações humanas*", o *imenso conteúdo da História*", "*o significado do homem*" etc. "*O mistério do sistema*" é declarado "*descoberto*".

Mas quem descobriu, então o mistério do "sistema"? *Feuerbach*. Quem destruiu a dialética dos conceitos, a guerra dos deuses, a única que os filósofos conheciam? *Feuerbach*. Quem pôs, não certamente o "*significado do homem*" - como se o homem pudesse ter outro significado, além do de ser homem! - mas "*o homem*" no lugar da velha quinquilharia, inclusive no lugar da "autoconsciência infinita"? *Feuerbach*, e apenas *Feuerbach*. (ENGELS, 2003, p. 110-111)

O sujeito feuerbachiano vincula-se à comunidade; é nela que ele se realiza e transforma suas limitações em qualidades. Na comunidade o homem se faz homem, exerce sua sensibilidade de maneira recíproca na forma de amor por meio da amizade, permitindo a complementaridade entre os diferentes. O que falta em um é completado pelo outro e é por meio da diferença e da troca que se exerce e defende-se a manutenção comunitária²⁰.

²⁰ Claro que, à primeira vista, dizer que Feuerbach se aproxima do comunitarismo soa excêntrico e, talvez mesmo, anacrônico, pelo fato do termo ter alcançado maior visibilidade sobretudo a partir dos famosos debates entre liberais e comunitaristas desde o início da década de 1970. [...] A noção comunitária atribuída a Feuerbach tem lugar aqui apenas, portanto, no sentido de que há uma preocupação

O lamento pelo pecado só é válido quando o indivíduo humano em sua individualidade é objeto para si mesmo como um ser completo em si mesmo, absoluto, que não necessita do outro para a realização do gênero, do homem completo; quando em lugar da consciência do gênero surge a consciência exclusiva do indivíduo, quando o indivíduo não se sente como uma parte da humanidade, não se distingue do gênero e por isso faz dos seus pecados, das suas limitações e das suas fraquezas os pecados, limitações e fraquezas da própria humanidade. (FEUERBACH, 2007, p. 168)

Em Feuerbach, a comunidade humana é a realização de sua nova filosofia, sua nova religião, destacado pelo *antropoteísmo*²¹ que é estabelecido pelo vínculo de dois pólos concretos e realizados em uma sincera relação entre homens a qual acontece em um espaço físico e temporal. A nova filosofia nasce da essência da religião conciliada e estabelecida como a verdadeira religião; centrada no homem que não se opõe a ela, mas que se constitui como sua principal essência. Por meio do antropoteísmo, a comunidade ilusória, baseada na fé em um ser metafísico, é desfeita. Para o Filósofo, não existe mais oposição entre Deus e homem. O ateísmo feuerbachiano não resume-se em uma negação fria de Deus, mas em uma afirmação do homem, buscando negar a negação do homem. A afirmação do homem tem caráter social e política, representada, até mesmo, de forma subjetiva, pela troca de Deus pelo Estado.

Não ter religião significa pensar *apenas em si mesmo*, ter religião pensar *em outros*. E esta religião é a única que permanecerá, pelo menos enquanto não houver sobre a terra um ser humano "único"; pois basta que tenhamos *dois* seres humanos, como homem e mulher, para termos já religião. Dois, diferença, é a origem da religião - o tu é o Deus do eu, pois eu não sou sem ti; eu dependo de ti; nenhum tu - nenhum eu. (FEUERBACH, 2005f, p. 177)

Na comunidade o homem realiza-se, por isso Feuerbach substitui a fé por uma essência real e integral, voltada por um amor consciente.²² Essa união de homens

central com o tema da comunidade na concepção política presente em *A Essência do Cristianismo*, o que demonstra a presença da questão política ainda quando elabora sua crítica à religião cristã, embora parte das leituras, mesmo entre seus contemporâneos, só perceba essa dimensão pela publicação de obras posteriores. (FILHO, 2017, p. 119)

²¹ "O antropoteísmo é a *religião consciente de si* - a religião que se compreende a si mesma (FEUERBACH, 2005, p. 95)."

²² "[...] um amor sem entendimento não se distingue nos seus efeitos de ódio, pois não sabe o que é útil e prejudicial, conforme ou contrário a fins. Mas porque sublinha Feuerbach assim o amor? Porque não há, do reino de Deus para o reino do homem, nenhuma outra transição prática e orgânica, oferecida pelo próprio objecto, a não ser o amor, porque o amor é o ateísmo prático, a negação de Deus no coração, no modo de sentir, no modo de agir. O cristianismo intitula-se a religião do amor, mas não é a religião do amor, é a religião do egoísmo sobrenaturalista, espiritual, tal como o judaísmo é a religião do egoísmo mundano, terreno (FEUERBACH, 2005, p. 180)."

conscientes de si, da sua natureza e de sua sensibilidade na captação da realidade com completude intelectual, na qual o que não posso realizar o outro pode para mim. O gênero determina o homem como um ser inteiro, cuja essência está contida na comunidade como um ser social constituído por um corpo consciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa dissertação não teve a pretensão de estabelecer uma verdade em troca de um dogmatismo ou outra verdade. É nítida a convicção de não poder criticar um dogmatismo, oferecendo outro em seu lugar. Jamais gostaria de cessar com o motivo inspirador de toda minha pesquisa, *a dúvida*, em troca de um fundamentalismo que a substitui por verdades e opiniões. Mesmo que o dogmatismo ou qualquer sistematização possa nos livrar de uma construção sem fim, em contrapartida, estaríamos fadados a sermos meros expectadores de nossa própria história. Esqueceríamos-nos do nosso presente e jamais aceitaríamos uma disputa do modo de pensar e da revisão de nossa *práxis*, estabelecendo assim, acordos silenciosos que funcionariam como nossos olhos. Vemos através deles, mas não o vemos, ou seja, constroem nossa realidade, mas não percebemos que eles foram construídos.

Feuerbach coloca o homem no centro de sua reflexão filosófica; possuidor de um corpo próprio que afeta e é afetado pela sensibilidade, pela percepção, pela capacidade de colocar-se no lugar do outro e que encontra na comunidade razão para sua existência e para a realização de seus desejos que acontecem na materialidade. Demonstramos a intenção feuerbachiana ao descrever sua nova linha de pensamento, conhecida como materialismo humanista, pelo qual o homem é visto integralmente, composto por *cabeça e coração*, pensamento e sensibilidade, e não apenas pelo viés racional, trazido pelo idealismo ou pela absolutização da subjetividade humana estabelecida pelo cristianismo. O Filósofo enaltece o encontro entre *eu e tu* e a realização humana na própria realidade, repleta de naturalidade e que não dispensa as necessidades, pelo contrário, descobre a totalidade humana imersa na natureza pela sua capacidade de pensamento. Ao investigar os conteúdos velados nas religiões pagãs e na religião cristã, Feuerbach posiciona sua reflexão sobre os conteúdos morais, antropológicos e naturais que se encontram ocultos nas religiões referidas e que estão ausentes de limitações e determinidades. Enquanto a religião cristã passa a representar em seu mais alto grau a onipotência dos desejos humanos, segundo Feuerbach, ela caracteriza-se como a cisão do homem consigo mesmo, no qual a criação divina foi concebida pela razão por não encontrar sentido na realidade. Mas não seríamos mais verdadeiros e responsáveis com o mundo ao não buscarmos no paraíso nossas

frustrações que derivam da realidade? Não seria mais fácil compreendermos o humano e todos os seus predicados como uma característica natural? Isso não nos tornaria mais conscientes e desejosos de um mundo que nos cabe?

O cristianismo estabeleceu como meta a realização dos desejos irrealizáveis do homem e exatamente por isso deixou de lado os desejos atingíveis pelo homem; ele arrancou o homem à vida temporária através da promessa da vida eterna, arrancou a confiança em suas próprias forças através da confiança da ajuda de Deus, arrancou a fé numa vida melhor na terra e do esforço para consegui-la através da fé numa vida melhor no céu. O cristianismo deu ao homem o que ele desejava em sua imaginação, mas exatamente por isso não deu o que ele exige e deseja na verdade e na realidade. (FEUERBACH, 2009, p. 313)

O projeto feuerbachiano pauta-se em uma sociedade onde todas as forças possam estar unidas para gerar uma vida melhor, guiada pela realidade e acolhendo-a como o bem mais precioso. Feuerbach substitui o amor de Deus pelo amor da humanidade. Troca o abstrato pelo concreto; o incerto pelo certo, a inércia pela justiça, acreditando na humanidade como construtora de uma nova realidade na qual o único Deus do homem é o próprio homem e o demônio do homem é o homem rude, egoísta, cruel e ganancioso.

Também foi intenção do nosso trabalho demonstrar que o desvelamento dos conteúdos que constroem as religiões pagãs evidenciam a importância da natureza e os conteúdos subjetivos da religião cristã revelam a essência humana e o desprezo pela natureza. Ao questionar os fundamentos religiosos, Feuerbach, automaticamente, reconcilia o homem com a natureza, encontrando seu fundamento não mais em uma entidade metafísica e sim na própria imanência, reconhecendo a natureza como esse espaço de diferenciação e impossibilidade para qualquer absolutização. Sua intenção é privilegiar a relação humana em sintonia com a individualidade sensível, estabelecendo uma vontade condicionada pelo *tempo* e *espaço* e pautada na convivência.

Para Feuerbach, a matéria é condição necessária para o homem desenvolver-se conscientemente. Portanto, homem e natureza estão unidos, identificam-se. Quando o pensamento desenvolve-se sem as bases naturais e sem as condições impostas pela determinidade, estabelecemos uma consciência absoluta como defende o idealismo, sem contradições e restringindo-se apenas a um pensamento que pensa a si mesmo, levando-nos a sermos senhores absolutos de nossas afirmações e não aceitando como critério indispensável, que para algo ser real é necessário que exista, independente do

pensamento. Para o Autor, idealismo e cristianismo enfatizam um homem concentrado em si mesmo e que dispensa a natureza, pois ela revela os limites e as contrariedades de um sistema, como vemos no idealismo, e contradiz a vida sobrenatural, almejada no cristianismo. O que o Filósofo propõe é uma reconciliação do homem com a natureza, mantendo suas particularidades e diferenças, uma vez que o que nos diferencia dos animais é o que Feuerbach chamou de *Trindade Divina do Homem*, razão, vontade e coração, na qual a razão seria o conhecimento, a vontade, o caráter e o coração, o amor, valores idênticos a todos os seres humanos, nos quais o maior ou menor grau de humanização de cada um permitiria a diversidade das individualidades. Portanto, todos os seres humanos teriam condições de se apropriarem da essência humana, não importando sua condição social e seu modo de vida. Feuerbach talvez não tenha percebido a complexidade da essência social e da existência humana, que faz com que a razão de um capitalista seja diferente da razão de um operário. Esse foi um ponto que o Filósofo e o materialismo possivelmente não conseguiram perceber e que será ressaltado em Marx.

Por meio da sensibilidade, Feuerbach substitui o amor de Deus pelo amor da humanidade, que encontra sua felicidade na matéria; de um pensamento em harmonia com os sentidos e que deriva do ser e não o seu contrário, como vemos em Hegel. Logo, é na comunidade que o homem realiza-se, preserva-se e confirma-se. Embora sejamos tentados a pensar que a humanidade defendida por Feuerbach seja uma absolutização, para o Autor, o gênero ou humanidade é o reconhecimento do *eu* e do *tu*, e a sensibilidade seria a ponte entre esse indivíduo e a comunidade. Uma humanidade completa para Feuerbach seria a união da razão com os sentidos, que considera a *Trindade Divina do Homem* em conjunção com um *pensar integral* que nasce da relação da natureza com a sensibilidade. Dessa forma, Feuerbach supera o individualismo pela unidade genérica e o dualismo, pela individualidade sensível, enaltecendo o pensamento em consonância com os sentidos, nos quais o pensamento revela-se como um sentir ampliado.

Ao destacar a convivência e a humanidade em sua filosofia, Feuerbach fundamenta o amor como condição necessária para evidenciar a presença do *tu*, pois amar não é um *eu*, mas um outro do *eu*. Indivíduo e gênero estão unidos, no qual o gênero só existe graças ao indivíduo, sendo assim a humanidade existe no homem e não antes dele e é capaz de harmonizar o desigual e suas diferenças, consolidando a

exaltação do *tu* como representação de indivíduos que existem fora de mim e que criam qualidades e as partilham. Feuerbach institui uma visão antropológica que não existe somente na exterioridade. Ele também possibilita ao indivíduo a partilha da experiência vivida, a comunicação do seu *eu-interior*, encontrando na interioridade um componente universal, pois a vontade que é exterioridade, nasce da relação do sujeito consigo mesmo, sendo que, enquanto o entendimento tem a capacidade de colocar as coisas em mim, a vontade direciona-se para fora e confirma o homem como um ser naturalmente social, no qual sua sensibilidade e vontade têm ação objetiva e assegura a articulação entre prática e teoria. Por isso, a crítica feuerbachiana recai sobre o idealismo e a modernidade que considera o homem apartado da sociedade e mergulhado em sua individualidade. O indivíduo feuerbachiano desconsidera a razão como um único acesso à verdade, tendo em vista uma realidade que existe fora do pensamento e de um ser que é afetado pelo mundo e pela sua sensibilidade. Feuerbach não quer substituir o pensamento pelos sentidos, mas instituir um pensamento que se encontra na sensibilidade, na qual a absolutização da interioridade abre espaço para uma sensibilidade universal, construindo um espaço de harmonização entre teoria e prática, pois ambas são deficitárias uma da outra. Destarte, o Autor estabelece uma filosofia da sensibilidade que pensa e de um pensamento que sente, na qual a filosofia deriva da realidade e não o seu contrário, considerando um mundo objetivo e subjetivo presente em nós, em que o ser é o sujeito e o pensamento é o predicado. Essa ênfase, dada por Feuerbach a um indivíduo que pensa e sente, é relevante para o enfrentamento ao idealismo que colocou a razão no lugar de Deus, transformando-a em uma entidade divina e ao cristianismo que absolutiza a essência sem considerar o corpo, ou seja, racionalidade e divindade estão ausentes de necessidade e dependência, considerando o homem apartado da sensibilidade e do mundo.

Ludwig Feuerbach constrói sua filosofia desde a essência da sensação elevada à consciência, afirmando no entendimento o que o homem já reconheceu no coração. Embora o idealismo tenha reconhecido que a consciência inicia-se pelo homem, não obstante, sua contrariedade foi isolar esse homem, não reconhecendo seus elementos objetivos e subjetivos que acontecem na exterioridade. A nova filosofia feuerbachiana também acontece em oposição à religião, transformando em atitude consciente a sua negação inconsciente que já acontece no mundo prático. Essa consciência da negação religiosa possibilita a substituição da religião pela filosofia, pois o homem já assumiu a

negação da religião na prática, mas é preciso que ele negue na teoria, pois ao negar a religião, estarei afirmando o homem e fortalecendo seus vínculos comunitários, visto que a religião nada mais é do que a representação do Estado. Todavia, ela apresenta-se como um poder individual, enquanto a política revela-se como um poder universal. Portanto, a nova filosofia nasce da essência da religião como a verdadeira religião.

Não há como negar o amor indiscutível de Feuerbach pela humanidade ao conseguir percebê-la para além das relações imediatas. Verifica-se também seu comprometimento com a autonomia ao se libertar de um modelo de pensamento, como aconteceu com o sistema de Hegel. Desmitifica a essência religiosa, enfatiza as relações que acontecem na materialidade, buscando um novo modelo que está pautado na existência, na vida. Constitui como símbolo de sua filosofia, *a elipse*, representação da polaridade e diferença. Feuerbach sofre, morre na pobreza, é desprezado, mas se apresenta firme e convicto, oferecendo uma outra possibilidade de pensamento, oposto ao modelo até então vigente, concebendo uma filosofia humanista; de entrega ao outro, capaz de buscar a felicidade na própria existência, fundamenta o materialismo e enaltece a capacidade humana de transformação, podemos concluir então que Feuerbach realmente fez filosofia.

A grande diferença do Filósofo frente à religião é o sentido que ambos oferecem. Na religião é o *porquê* que acaba justificando "minha" existência. O que Feuerbach vem propor não é um *porquê*, mas um *apesar de*, fazendo-nos agarrar à existência com grande afinco. Esse *apesar de* tem a função de nos encorajar para a vida. Seríamos mais resistentes contra as injustiças, as desigualdades, com a falta de acesso à cultura, à arte, à fome ao sabermos que existe somente o real. Lutaríamos por nossa felicidade na imanência e não a projetaríamos em forma de religião. O que Feuerbach busca não é o homem sem desejos e medos, pelo contrário, ele propõe que o homem deva ser dono de si para que possa gozar de seus deleites, pois uma pessoa sem desejos e medos, não se daria ao trabalho de buscar uma nova vida e uma nova maneira de pensar a sua realidade.

Não há como negar que Feuerbach foi esse grande Filósofo que assumiu suas características humanas, estabelecendo o *apesar de* como critério para a sua existência, comprometido com a vida e com o mundo, desmontando o modo de pensar de sua época.

BIBLIOGRAFIA

FEUERBACH, Ludwig. 2007. *A essência do cristianismo*. Tradução José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes.

_____. 2005c. "Algumas considerações sobre o começo da filosofia do Dr. J. F. Reiff." In. *Filosofia da Sensibilidade. Escritos (1839-1846)*. Tradução Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

_____. 2005a "A Karl Riedel para a reetificação do seu esboço." In. *Filosofia da Sensibilidade. Escritos (1839-1846)*. Tradução Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

_____. 2005h. "Contra o dualismo de corpo e alma, de carne e espírito." In. *Filosofia da Sensibilidade. Escritos (1839-1846)*. Tradução Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

_____. 2005. "Apresentação" In. *Filosofia da sensibilidade. Escritos (1839-1846)*. 2005. Tradução Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

_____. 1988. "Necessidade de uma reforma na filosofia." In. *Princípios da filosofia do futuro e outros escritos*. Lisboa: Edições 70.

_____. 2005b. "Para a crítica da filosofia de Hegel." In. *Filosofia da Sensibilidade. Escritos (1839-1846)*. Tradução Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

_____. 1993. *Pensamientos sobre muerte e inmortalidad*. Tradução José Luis G Rúa. Madrid: Alianza Editorial.

_____. 2009. *Preleções sobre a essência da religião*. Tradução José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes.

_____. 1989. *Preleções sobre a essência da religião*. Tradução José da Silva Brandão. Campinas, SP: Papirus.

_____. 2005e. "Princípios da filosofia do futuro." In. *Filosofia da sensibilidade. Escritos (1839-1846)*. 2005E. Tradução Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

_____. 2002. *Princípios da filosofia do futuro*. Tradução Artur Morão. Lisboa, Portugal: Edições 70.

_____. 1988. *Princípios da filosofia do futuro*. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70.

_____. 2005f. "Princípios da filosofia. necessidade de uma transformação." In. *Filosofia da sensibilidade. Escritos (1839-1846)*. Tradução Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

_____. 2005g. "Sobre a essência do cristianismo em relação com o único e a sua propriedade." In. *Filosofia da sensibilidade. Escritos (1839-1846)*. Tradução Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

_____. 1988. "Teses provisórias para a reforma da filosofia." In. *Princípios da filosofia do futuro e outros escritos*. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70.

_____. 2005d. "Teses provisórias para a reforma da filosofia." In. *Filosofia da sensibilidade. Escritos (1839-1846)*. Tradução Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

ABBAGNANO, Nicola. 2007. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.

ALVES, Rubem. 1984. *O enigma da religião*. Campinas, SP: Papyrus.

ALVES, Rubem. 1981. *O que é religião?* São Paulo, SP: Brasiliense.

BARATA-MOURA, José; SOROMENHO-MARQUES, Viriato (Org.). 1993. *Pensar Feuerbach*. In. Colóquio comemorativo dos 150 anos de "A essência do cristianismo." Lisboa: Colibri.

BRANDÃO, José da Silva. 2009. "Apresentação do tradutor." In. *Preleções sobre a essência da religião*. Tradução José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes.

CHAGAS, Eduardo F. 2009. *A majestade da natureza em Ludwig Feuerbach*. In. CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenes de. *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: UFC.

CHAGAS, Eduardo F. 2016. *Natureza e liberdade em Feuerbach e Marx*. Campinas - São Paulo: PHI.

CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenes de. 2009. *Homem e natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: UFC.

CORREIA, Catarina Cristovão; MOURA, Margarida. 2001. "O que significa pensar em termos humanos? Manifesto por uma existência apaixonada!" In. SERRÃO, Adriana Veríssimo (Coord.). *O homem integral: Antropologia e utopia em Ludwig Feuerbach*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

ENGELS, F. 1982. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*. In: Marx, K.; Engels, F. *Obras Escolhidas em três tomos*. Tomo. 3. páginas.378-421. Tradução de José Barata Moura. Lisboa-Moscovo Avante!

Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/10/engels-ludwig-feuerbach-e-o-fim-da-filosofia-clc3a1ssica-alemc3a3.pdf>_ Acesso em: 30 de abril de 2018.

FILHO, J. E. L. 2017. *Antropologia, ética e política em "A essência do cristianismo" de Ludwig Feuerbach*. 147 f. Tese (Doutorado em Filosofia) Programa de Pós Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Fortaleza.

FREDERICO, C. 1995. "Feuerbach". In. *O jovem Marx – As origens da ontologia do ser social*. São Paulo: Cortez.

GIANOTTI, J. A. 1966. "A dialética contemplativa de Ludwig Feuerbach." In. *Origens da dialética do trabalho*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

HAHN, Paulo. 2003. *Consciência e emancipação: uma reflexão a partir de Ludwig Feuerbach*. São Leopoldo: Nova Harmonia.

HECK, José. N. 2004. *Da alienação*. Goiânia: Editoras da UCG/UFG.

JAESCHKE, Valter. 2001. *Humanidade entre espiritualismo e materialismo*. In. SERRÃO, Adriana Veríssimo (Coord.). *O Homem integral: Antropologia e utopia em Ludwig Feuerbach*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

_____. 2007. *Pensar a sensibilidade*. Baumgarten-Kant-Feuerbach. Lisboa: CFUL.

KANT, I. 1992. *A religião nos limites da simples razão*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70.

MARCUSE, Hebert. 1978. *Razão e Revolução*. Trad. Marília Barroso. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MARX, Karl. "Teses sobre Feuerbach." In. MARX, K & ENGELS, F. *Obras Escolhidas*. V. 3. São Paulo: Alfa-Omega, s.d.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. 2007. *A ideologia alemã*. Trad. Rubens Enderle; Nélio Schneider; Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. 2003. *A sagrada família*. Trad. Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo.

OLIVEIRA, Gleidemar Alves de. 2011. *Reflexões críticas sobre o conceito de sensibilidade em Ludwig Feuerbach, na obra princípios da filosofia do futuro*. In. CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve. *Ludwig Feuerbach: Filosofia, religião e natureza*. São Leopoldo-RS: Nova Harmonia.

PAULA, Márcio Gimenes de. 2009. "Algumas considerações sobre a morte e imortalidade em Feuerbach." In. CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenes de. *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: UFC.

REDYSON, Deyve; CHAGAS, Eduardo F. (Org.). 2011. *Ludwig Feuerbach: Filosofia, religião e natureza*. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia.

ROVIGHI, Sofia Vanni. 2001. *História da filosofia contemporânea – do século XIX à neoescolástica*. Tradução: Ana Pareschi Capovilla. São Paulo: Loyola.

SARTÓRIO, Lúcia Aparecida Valadares. 2001. *A antropologia de Feuerbach e alguns delineamentos acerca de uma possível influência no pensamento de Marx*. Dissertação

(Mestrado em Filosofia), Curso de Pós Graduação em Filosofia, PUC - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SCHULZ, Rosalvo. 2009. *Sensibilidade emancipatória: Schelling, Feuerbach e Marx a contrapelo da tradição*. In. CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenes de. *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: UFC.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. 1999. *A humanidade da razão. Ludwig Feuerbach e o projecto de uma antropologia integral*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian.

_____. 2001. *O homem integral: Antropologia e utopia em Ludwig Feuerbach*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

SOUZA, Draiton Gonzaga de. 1994. *O Ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. Porto Alegre: Edipucrs.

SOUZA, José Crisóstomo de. 1992. *Ascensão e queda do sujeito no movimento jovem-hegeliano*. Salvador: UFBA.

STEPANHA, Nelso. 2006. *Feuerbach e o processo da alienação*. 135 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Curso de Pós Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

ZILLES, Urbano. 2015. *Filosofia da religião*. 11 ed. São Paulo: PAULUS.